

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Priscila Santos da Silva Navarenho

TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA: Viver, Narrar e Formar

Taubaté – SP

2018

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Priscila Santos da Silva Navarenho

TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA: Viver, Narrar e Formar

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento humano, identidade e formação.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Angela Boccara de Paula

Co-orientadora: Profª. Dra. Maria Auxiliadora Ávila

Taubaté – SP

2018

SIBi – Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

N319t Navarenho, Priscila Santos da Silva
Trajetória docente na Fisioterapia: viver, narrar e formar. /
Priscila Santos da Silva Navarenho. - 2019.
168f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Maria Ângela Bocarra de Paula,
Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.
Coorientação: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila,
Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.

1. Fisioterapeuta docente. 2. Trajetória profissional.
3. (Auto)biografia. 4. Incidentes críticos. 5. Biogramas. I. Título.

CDD – 370

PRISCILA SANTOS DA SILVA NAVARENHO

TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA: Viver, Narrar e Formar

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento humano, identidade e formação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angela Boccara de Paula

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Maria Angela Boccara de Paula - Universidade de Taubaté - UNITAU

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Marilza Terezinha Soares de Souza - Universidade de Taubaté - UNITAU

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Inês Ferreira de Souza Bragança - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Assinatura _____

RESUMO

Neste estudo objetivou-se compreender, por meio de relatos da trajetória profissional do fisioterapeuta docente, os significados e as influências que o conduziram à docência. Para tanto, foram entrevistados dez fisioterapeutas docentes do curso de graduação em fisioterapia de uma faculdade da região metropolitana do vale do Paraíba paulista, que lecionam disciplinas das ciências da Fisioterapia. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa do problema, com base no método de pesquisa biográfico-narrativo. A construção das (auto)biografias ocorreu por meio da utilização de um formulário sociodemográfico e de formação acadêmica do fisioterapeuta docente e da entrevista biográfica realizada em dois momentos. O primeiro, destinado à exploração da história profissional do participante por meio de sua narrativa, mediante a seguinte questão desencadeadora: *a escolha profissional é uma importante decisão na vida de uma pessoa, ao nortear os caminhos que irão constituir a sua própria história de vida. Conte-me como aconteceu a sua história na docência?* No segundo momento, buscou-se a revisão e confirmação da narrativa e apontamento dos incidentes críticos pelo participante entrevistado, mediante a apresentação do Biograma, um instrumento que organizou os acontecimentos narrados de forma cronológica e esquemática, facilitando a identificação daqueles que se constituíram como incidentes críticos (IC), nas trajetórias dos fisioterapeutas docentes. Como resultados verificou-se que o grupo foi especialmente formado por fisioterapeutas docentes altamente especializados, distribuídos de forma igualitária entre o sexo feminino e masculino, com faixa etária média de 37,9 anos. Notou-se que o grupo ingressou bastante jovem na carreira docente, em média aos 26 anos de idade, e que apresentou uma média de trajetória docente de 12 anos. A partir das narrativas, identificaram-se incidentes críticos que motivaram a escolha da profissão docente e que revelaram importantes acontecimentos e presença de pessoas críticas no processo de escolha profissional, ingresso no ensino superior em Fisioterapia, mestrado, doutorado sanduíche, docência e parentalidade. Esses mostraram-se marcantes ao longo das trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas, alguns apontados com IC positivos, fruto de sentimentos agradáveis, responsáveis por importantes avanços e outros com IC negativos, resultado de sentimentos desagradáveis, com impactos regressivos nas trajetórias pessoais e profissionais. Diante do exposto, evidenciou-se a importância investigativa da realidade de atuação do perfil profissional do fisioterapeuta que seguiu a carreira docente, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento dos conhecimentos na área da Fisioterapia, nos âmbitos acadêmicos de formação do fisioterapeuta, nos processos de formação docente e nos avanços científicos que permeiam as especialidades fisioterapêuticas que vão desde as terapias complementares como a acupuntura, até as terapias de alta complexidade, como a terapia intensiva.

PALAVRAS-CHAVE: Fisioterapeuta Docente, Trajetória Profissional, (Auto)biografia, Incidentes Críticos, Biogramas.

ABSTRACT

The present study aims to understand, through reports of the professional trajectory of the teaching physiotherapist, the meanings and the influences that led him to teaching. Ten physiotherapists were interviewed in the Physiotherapy undergraduate course of a university in the metropolitan region of the Paraíba Valley of São Paulo, who teach disciplines in Physiotherapy sciences. It is a research with qualitative approach of the problem, based on the method of biographical-narrative research. The construction of the data occurred by the use of a sociodemographic and academic training form of the teaching physiotherapist and of the biographical interview conducted in two moments. The first one, aimed at exploring the professional history of the participant through his narrative, through the following triggering question: professional choice is an important decision in a person's life, guiding the paths that will constitute his own life history. Tell me how your teaching history happened. In the second moment, we sought to review and confirm the narrative and point of critical incidents by the participant interviewed, through the presentation of the Biogram, an instrument that organized the events narrated chronologically and schematically, facilitating the identification of those who constituted themselves as incidents (HF), in the trajectories of teaching physiotherapists. As a result, it was verified that the group was specially formed by highly specialized physiotherapists, distributed equally between the female and male, with a mean age of 37.9 years. It was noticed that the group entered very young in the teaching career, on average to the 26 years of age and presented / displayed an average of 12 years teaching trajectory. From the narratives, critical incidents were identified that motivated the choice of the teaching profession, which revealed important events and presence of critics in the process of professional choice, admission to higher education in Physiotherapy, master's degree, doctorate sandwich, teaching and parenting, facts which were marked by the personal and professional trajectories of physiotherapists, some with positive ICs, fruit of pleasant feelings, responsible for important advances and other negative ICs, resulting from unpleasant feelings, with regressive impacts on the personal and professional trajectories of the physiotherapists. In view of the above, the investigating importance of the reality of the work and professional profile of the physiotherapist who followed the teaching career was evidenced, with the perspective of contributing to the development of the knowledge in the area of Physiotherapy, in the academic areas of training of the physiotherapist, in the processes teacher training and the scientific advances that permeate the physiotherapeutic specialties that range from complementary therapies such as acupuncture to highly complex therapies such as intensive therapy.

KEY WORDS: Teaching Physiotherapist, Professional Background, (Auto) biography, Critical Incidents, Biograms.

DEDICATÓRIA

Somos resultados das nossas vivências e experiências, das pessoas que amamos e das escolhas que fazemos ao longo de nossas vidas.

Dedico este trabalho à minha amada **Família**, responsável por minha construção. Diante de sabores e dissabores que constituíram o mosaico de minha história, sempre encontrei muito amor, um porto seguro e motivação para seguir em frente.

Especialmente aos meus pais, *Olécio Peres da Silva* e *Maria Olímpia dos Santos da Silva*, meus amores, aqueles que me ensinaram os primeiros passos, aqueles me conduziram diante dos caminhos floridos e por vezes chuvosos desta vida. Minha eterna gratidão e admiração por vocês, que por meio de muita luta, dedicação e amor me transformaram no ser humano que hoje sou. Minhas crenças, valores e princípios são resultados dessa união.

Aos meus amados avós, *Maria das Dores* (minha vovó Lika), *Benedicto Lopes* (meu vovô Lopes), *Gracina Barbosa* (*In memoriam*). Quando meus filhos disserem a meus netos o quanto eu os amava e quando meus netos disserem a meus filhos que guardam lembranças minhas, não terei morrido nunca, serei eternidade. E assim será minha vovó Graça e *João Peres* (meu vovô Peres), pessoas que não seguiram seus estudos nos bancos da escola, mas muito sábias, em suas experiências de vida. Ensinaram-me os reais valores, por meio do exemplo de pessoas que são e da família que construíram. Fecho os meus olhos e me transporto para as tantas histórias por eles contadas e que constituem minha essência.

Aos dois grandes amores da minha vida. Minha irmã *Pétria Silva*, o presente mais lindo e precioso que a vida me deu, minha companheira de todas as horas. Com ela tenho certeza de que nunca seguirei sozinha. Ao meu marido, *Pedro Paulo Navarenho Santos*, por constituir um dos maiores incidentes críticos da minha vida, companheiro que escolhi para compor a minha história, obrigada pelo amor, paciência e companherismo ao longo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Sinto que tenho tanto a agradecer e ainda muitos caminhos a percorrer [...]

A *Deus*, sempre e em primeiro lugar. Sinto Sua presença em meus caminhos, sou infinitamente grata por Seu amor e proteção. Do nascente ao poente, louvado seja *Deus*.

A minhas adoradas *Nossa Senhora Fátima, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Piedade*. Para Elas, todo meu amor, gratidão e devoção. Por Sua proteção, Mãe do belo amor, hoje aqui estou. Meu genuíno agradecimento por me conceder, ao longo desta trajetória: força, coragem e serenidade para enfrentar todos os desafios. A Senhora conhece cada detalhe de minha história, floresceu meus percursos e me ajudou a superar os espinhos das preciosas rosas da vida.

Às queridas professoras *Dra. Maria Angela Boccara de Paula e Dra. Maria Auxiliadora Ávila*, fontes de luz, inspiração e gratidão, em minha vida. Sem vocês não seria possível ter trilhado este caminho de forma tão apaixonante. Mulheres fortes e sensíveis ao mesmo tempo, minha eterna admiração.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém que se perde numa floresta, requer instrução (WALTER BENJAMIN).

Professora *Dra. Maria Angela Boccara de Paula*, minha querida orientadora, companheira e confidente. Agradeço à vida por esse precioso encontro, que me oportunizou desenvolvimento profissional, como pesquisadora, e também pessoal. Profissional de excelência, com competência, dedicação, paciência e amor acompanhou cada detalhe desta trajetória e partilhou dialogicamente a construção do conhecimento, iluminando os caminhos a serem percorridos, os quais foram fruto de uma inesquecível experiência em minha vida.

[...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (MANOEL DE BARROS).

Querida Professora *Dra. Maria Auxiliadora Ávila*, que privilégio tê-la como co-orientadora, um feliz e carinhoso reencontro. Sua elegância e competência, dedicação e paixão pelo campo da investigação, em especial pela abordagem biográfica-narrativa, encantou-me e

transformou-me. Sua forma de pensar e fazer pesquisa científica é simplesmente inspiradora. A cada encontro e discussões no grupo de pesquisa, novas experiências se constituíam em um precioso caminho.

À querida professora *Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon*, por iluminar os caminhos a serem percorridos no campo da ciência com dedicação e competência. Agradeço-lhe, não somente pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação, e ao longo das aulas no programa de pós-graduação e seminários que certamente colaboraram para a construção desta dissertação.

À querida professora *Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança*, por ser inspiração ao longo dos caminhos trilhados, meu afeto e admiração. Suas preciosas contribuições transformam minha vida e minha pesquisa, por meio de um movimento que revelou meu encantamento pelo campo da pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, certamente um emocionante e inesquecível encontro durante o exame de qualificação e defesa. Desejo que este seja o primeiro de muitos, em minha trajetória de vida, formação e pesquisa.

Aos *professores* do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, em especial à querida professora *Dra. Marilza Terezinha Soares de Souza*, que com competência e dedicação me ajudou nos caminhos de construção do conhecimento.

Às minhas queridas amigas *Janaína Colombo* e *Antonia Almeida*, preciosos presentes desta jornada, gratidão pelas experiências inesquecíveis, longas conversas, companheirismo, energia e apoio. E também as minhas companheiras do *Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Humano, Identidade e Gênero (NEDEGH)*, pelos valiosos compartilhamentos e construção colaborativa do conhecimento.

A todos de minha *amada família* que souberam compreender minha ausência, dividiram comigo angústias, alegrias e expectativas desta trajetória. A afetividade, gestos de carinho e cada palavra de apoio estarão para sempre em meu coração.

À Psicologia e suas contribuições por meio de pessoas especiais em minha vida.

Às minhas amadas *Tia Marilene Lopes* e *Cunhada Cristina Zanetti* que, formadas em Psicologia, foram fonte de inspiração e motivação. *Tia Lene*, que de forma carinhosa, amável e serena esteve sempre presente ao longo desta caminhada, compartilhando momentos e

emoções. *Kica*, que de maneira inspiradora me ajudou a compreender a importância da chuva para florescer, trazendo-me equilíbrio e preciosas reflexões ao longo do caminho.

Aos meus queridos *Amigos*, que ocupam um lugar muito especial em minha vida, imensa gratidão. A todos aqueles que souberam compreender minha ausência e que foram apoio nos momentos difíceis, incentivo, afetividade e generosidade por meio de atitudes, palavras e orações que ficaram para sempre em meu coração.

Ao *Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC Guaratinguetá / São Paulo*, por oportunizar e viabilizar, por meio do programa de bolsa estímulo à pesquisa científica, o processo de desenvolvimento humano no que tange as trajetórias profissionais.

Às amigas e companheiras de jornada *Ana Laura Correa, Amanda Mesquita, Victória Balady, Ana Paula Guimarães e Maria Cristina* pelas palavras de apoio e incentivo, silêncios preciosos ao acolher minhas narrativas, importantes conversas e infinitas emoções. Minha gratidão pela amizade, generosidade e apoio ao longo deste importante caminho em minha vida. E aos amigos *Álvaro Possato*, pela dedicação e apoio na construção da cinematografia autobiográfica e *Luís Gustavo Leal*, pelas contribuições relacionadas a tecnologia e informação.

Aos queridos *fisioterapeutas docentes* que colocaram a dispor da pesquisa científica generosamente os acontecimentos de suas vidas pessoais e profissionais, por meio de uma atividade relacional imersa em processo reflexivo permeado de emoções e sentimentos.

À *faculdade* localizada do vale do Paraíba paulista, por permitir a construção dos dados da pesquisa biográfica-narrativa de forma atenciosa e carinhosa, meu afeto e infinita gratidão ao espaço e tempo de minha vida pessoal e profissional que ali construí e reconstruí por meio de aprofundamento técnico, científico e religioso.

Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles” (ALVES, 2003, p. 75).

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Distribuição dos participantes da pesquisa	86
Quadro 02 -	Quadro de superposição dos Biogramas Colaborativos: Escolha profissional e Ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia	87
Quadro 03 -	Quadro de superposição dos Biogramas Colaborativos: Motivações pelo fazer profissional na docência e ingresso na carreira docente	97
Quadro 04 -	Quadro de superposição dos Biogramas Colaborativos: redimensionamento entre vida pessoal e profissional a partir da maternidade e paternidade	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Uma rua de um bairro pobre de Londres (Dudley Street); gravura de Gustave Doré, de 1872	31
Figura 02 - Registros fotográficos que marcaram a trajetória da pesquisadora	57
Figura 03 - Filmagem do vídeo autobiográfico	58
Figura 04 - Imagens usadas como estímulo para a entrevista biográfico-narrativa	61
Figura 05 - Organização do Biograma	65
Figura 06 - Músculos estriados esqueléticos	70
Figura 07 - Motivações pelo fazer profissional na docência	101
Figura 08 - Perfil coletivo do grupo de fisioterapeutas docentes	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	Formações acadêmicas do corpo docente no curso de Fisioterapia - São Paulo / 2007	74
Gráfico 02 -	Crescimento do número de cursos de Fisioterapia no Brasil no período 1991 - 2004	77
Gráfico 03 -	Distribuição regional dos cursos de Fisioterapia no período 1991 - 2004	77
Gráfico 04 -	Distribuição dos fisioterapeutas docentes quanto a sexo e faixa etária	79

LISTA DE SIGLAS

ABBR	Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação
AMB	Associação Médica Brasileira
APT	Associação Paulista de Fisioterapia
APTA	<i>American Physical Therapy Association</i>
EUA	Estados Unidos da América
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Ensino Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico
CFE	Conselho Federal de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
INAR	Instituto Nacional de Reabilitação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IR	Instituto de Reabilitação
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNITAU	Universidade de Taubaté
USP	Universidade de São Paulo
WCPT	World Confederation Physical Therapy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.2 Problema.....	22
1.3 Objetivos.....	23
1.3.1 Objetivo geral	23
1.3.2 Objetivos específicos.....	23
1.4 Delimitação do estudo	23
1.5 Relevância do Estudo / Justificativa.....	24
1.6 Organização da dissertação	26
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	27
2.1 Revisão Narrativa de Literatura.....	28
2.1.1 Caminhos trilhados pela Fisioterapia: processo de constituição como profissão....	28
2.1.2 Percurso histórico da Fisioterapia no mundo	29
2.1.3 Percurso histórico da Fisioterapia no Brasil	33
2.1.4 Técnica dos Incidentes Críticos (IR)	40
2.1.4.1 Incidentes Críticos: como marcas no tempo cronológico da vida.....	41
2.1.5 Espaço-tempo vivido: um encontro dialético entre Memória, Narrativa e Experiência na contemporaneidade	43
3 MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO.....	47
3.1 Fragmentos do vivido: um caminho oportunizado pelo Método Biográfico-narrativo..	49
3.2 Tipo de pesquisa	51
3.3 Quem participou?	52
3.4 Instrumentos para a construção das (auto)biografias	52
3.5 Ensaio	54
3.6 Procedimentos para construção e análise das (auto)biografias	55
3.6.1 Fase de interanálise e construção do Biograma.....	63
3.6.2 Denominação dos participantes	69
3.6.3 Aprofundamento da análise das (auto)biografias: superposição dos Biogramas	71
4 TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO ..	73
4.1 Perfil sociodemográfico e de formação do fisioterapeuta docente.....	73
4.2 Incidentes críticos na trajetória docente	84
4.2.1 Escolha profissional do grupo: encontro com a Fisioterapia.....	87
4.2.2 Ingresso na carreira docente: motivações e oportunidades	95
4.2.3 Maternidade e Paternidade: redimensionamento entre vida pessoal e profissional	116
4.2.4 Cinematografia autobiográfica: uso do vídeo autobiográfico como estratégia para narrar.....	127
4.2.5 Uso das imagens como estratégia para narrar	133
4.2.6 O singular e coletivo na docência em Fisioterapia	138

5 CONCLUSÃO.....	141
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	158
APÊNDICE B - FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DO FISIOTERAPEUTA DOCENTE	159
APÊNDICE C - ENTREVISTA BIOGRÁFICA-NARRATIVA	160
APÊNDICE D - RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	161
ANEXO I - OFÍCIO PARA AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	162
ANEXO II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	163
ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	164
ANEXO IV - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO	166
ANEXO V - PARECER DO CEP	167

1 INTRODUÇÃO

A profissão de Fisioterapia no Brasil desenvolveu-se ao longo dos períodos históricos. No início do século XX, médicos capacitavam indivíduos leigos para realizar serviços de Fisioterapia em todo o país, com o objetivo de recuperar pessoas com sequelas físicas de diferentes naturezas. Essas capacitações ocorriam no Departamento de Eletricidade Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (MARQUES; SANCHES, 1994). Na década de 1950, devido ao aumento das demandas reabilitatórias do período pós-guerra, alta prevalência da poliomielite e início da industrialização no país, o curso de Fisioterapia assumiu categoria de nível técnico (BARROS, 2008). Conquistou seu reconhecimento em âmbito universitário em 1969, por meio da assinatura, pela Junta Militar que presidia o país, do Decreto-Lei 938, que legitimou o fisioterapeuta como profissional de nível superior (BRASIL, 1969).

O fisioterapeuta é o profissional responsável por atuar na promoção, proteção e recuperação da saúde humana, ao contemplar os diversos níveis de atenção, por meio de especialidades que vão desde as terapias complementares, como a acupuntura, até as terapias de alta complexidade, como a terapia intensiva (BRASIL, 2017; COFFITO, 2017). Está apto também a exercer o magistério nas disciplinas de formação básica ou profissional, em nível médio ou superior, e supervisionar alunos e profissionais em trabalhos técnicos e práticos (BRASIL, 1969).

O ensino de graduação em Fisioterapia no Brasil teve início a partir da década de 1970, com a oferta de cursos superiores em diferentes universidades do estado de São Paulo (GAVA, 2004). A Universidade de São Paulo (USP) foi a responsável por oferecer o primeiro curso superior em fisioterapia, com duração de quatro anos, em 1980, por meio de um currículo mínimo com disciplinas ainda pouco específicas, voltadas especialmente para a reabilitação (MARQUES; SANCHES, 1994). A Fisioterapia teve grande expansão a partir da segunda metade dos anos 1990, com a abertura de novos cursos, conquistando o seu espaço por meio do crescimento da oferta e do número de vagas, a partir de 1997 (BISPO JÚNIOR, 2009).

O fazer profissional e o ensino da Fisioterapia passa por importantes transformações, em decorrência das leis vigentes e de influências sociais, políticas e econômicas nos âmbitos da saúde e da educação (REBELATTO; BOTOMÉ, 2004).

A proposta mais atual de transformação no ensino de fisioterapia foi formalizada por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE / Câmara de Educação Superior - CES nº 04, de 19 de fevereiro de 2002, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os Cursos de Graduação em Fisioterapia. Essas diretrizes definiram os princípios, fundamentos, condições e procedimentos para a formação de fisioterapeutas, bem como a organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em fisioterapia nas Instituições de Ensino Superior (IES), a partir de competências e habilidades gerais estruturadas em seis categorias temáticas: atenção à saúde; tomada de decisões; comunicação; liderança; administração e gerenciamento; e, educação permanente (BRASIL, 2002). Objetivou-se formar profissionais polivalentes preparados para atuar de forma crítica e reflexiva em diferentes contextos sociais (SIMONI, *et al.*, 2015).

Assim, atualmente a formação do profissional de fisioterapia ocorre em três diferentes períodos: básico - destinado aos conteúdos das ciências biológicas, da saúde, ciências sociais e humanas; profissionalizante - que tem como finalidade conhecimentos específicos biotecnológicos e fisioterapêuticos; e, por fim, a utilização de tais saberes na prática por meio da realização de estágio sob supervisão docente (BRASIL, 2002).

Entretanto, as DCN para os Cursos de Graduação em Fisioterapia não abordam nenhuma consideração sobre questões relacionadas a conteúdos pertinentes à capacitação didático-pedagógica do fisioterapeuta (BRASIL, 2002). Nesse sentido, a formação do fisioterapeuta é voltada para a prática e encontra-se distante da licenciatura, que prepara profissionais para atuarem também no campo da docência, apesar de a legislação referente ao exercício profissional do fisioterapeuta contemplar o ensino como parte de suas atribuições (MORAIS, 2008).

Dessa forma, é comum encontrar fisioterapeutas qualificados em sua área de atuação clínica que assumem uma nova profissão, no exercício da docência em âmbito universitário, pautados apenas em suas próprias histórias de vida e profissional (COSTA, 2010). Em grande parte são influenciados pela oportunidade do campo de trabalho (MEC, 2006), bem como, por questões que os marcaram ao longo de seus processos de formação em meio acadêmico (KULCZYCKI; PINTO, 2002).

Considerando o exposto, ao revisitar os momentos importantes que marcaram a vida da pesquisadora ao longo de sua trajetória acadêmica na Fisioterapia, torna-se possível resgatar,

por meio da memória, pessoas, fatos e acontecimentos que foram significativos e que consequentemente influenciaram suas escolhas.

Para tanto, neste momento pedimos uma licença “poético-acadêmica” para compartilhar em primeira pessoa a trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora, responsável pelas inquietações que motivaram o tema da pesquisa.

Sendo assim, apresento de forma descritiva os fatos relevantes de minha vida acadêmica no decorrer da graduação, especializações e trajetória profissional, em ordem cronológica, elucidando como despertaram meu interesse pela produção científica e pela vida acadêmica.

Filha de pai aventureiro, apaixonado por desvendar com sua motocicleta as belezas naturais por meio de trilhas, cresci em meio a histórias fascinantes e lesões dos mais diversos graus de severidade que demandavam cuidados fisioterapêuticos para que ele pudesse retornar às suas atividades e novamente seguir seus caminhos.

Acredito que somos resultados de nossas vivências, experiências e das pessoas que amamos, por esse motivo minha eterna gratidão aos meus pais, minha mãe, *Maria Olímpia dos Santos da Silva* e meu pai, *Olécio Peres da Silva*, que, mesmo não tendo cursado o ensino superior, me encorajaram a trilhar os caminhos para a busca desse sonho, garantindo subsídios financeiros e emocionais que não me deixaram desistir ao longo de cada desafio dessa árdua jornada para obtenção do diploma de bacharel em Fisioterapia.

Assim, formei-me no Curso de Fisioterapia da Faculdade de Pindamonhangaba - FUNVIC/FAPI em 5 de fevereiro de 2009. Avalio a minha formação acadêmica, com duração de oito semestres, com início em fevereiro de 2004 e término em dezembro de 2008, como de alto nível, marcada por grande desenvolvimento pessoal e profissional, responsável por instigar a busca de significados por meio da ciência e por estabelecer uma base sólida para o meu futuro. Esse importante processo deu origem à minha primeira produção e publicação científica na Revista Fisioterapia Brasil:

SILVA, P. S.; PEREIRA, A. P.; MATOS, M. R.; TEODORO, E. C. M. Posicionamento no leito e saturação de oxigênio em neonatos prematuros. **Fisioterapia Brasil** - Volume 11 - Número 5 - setembro/outubro de 2010. p.387-391.

A admiração pelos docentes, em especial pelos meus orientadores do trabalho de conclusão de curso, Professora Dra. em Engenharia Mecânica *Elaine Cristina Martinez Teodoro* e Professor Msc. em Engenharia Biomédica *Márcio Rodrigues de Matos*, pela forma

como realizavam o fazer profissional docente, era sem dúvida um dos pontos de maior motivação, ao longo da graduação. Inúmeras vezes pensei sobre o quanto eu gostaria de, no futuro, exercer a função de docente no ensino superior, inspirada na excelência da atividade docente dos fisioterapeutas docentes do curso de Fisioterapia.

Ao final de meu processo de formação, pouco me identificava com o fazer profissional da Fisioterapia propriamente dita, em âmbito de atuação nos diferentes setores primários, secundários e terciários de atenção à saúde no qual o fisioterapeuta atua, prestando atendimentos aos seus pacientes. Persistia em meu ser uma significativa vontade de ensinar tais fazeres, participando de forma ativa do processo de formação dos profissionais no papel de docente.

Dessa forma, recém-formada fui imediatamente contratada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, local em que trabalho atualmente, há exatos dez anos dedicados a atividades docentes nos cursos de saúde e bem-estar da unidade de Guaratinguetá-SP. Atuo também como responsável técnica pelo desenvolvimento das capacitações para a rede docente em eletroterapia aplicada à estética facial e corporal e em técnicas avançadas de peelings do SENAC São Paulo.

Esse cenário foi decisivo para que eu, ao término da graduação, imediatamente ingressasse, por meio da indicação do querido Professor Dr. em Engenharia Biomédica *Rodrigo Franco de Oliveira*, naquela época coordenador do Curso de Fisioterapia da FAPI, no Programa de Aperfeiçoamento Profissional Continuado - PROAC, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Campus de São José dos Campos, no departamento: Biociências e Diagnóstico Bucal do setor de Farmacologia, coordenado pela Professora Dra. em Farmacologia *Rosilene Fernandes da Rocha*. À Profa. *Rosilene* devo um precioso aprendizado e a serenidade com que me apresentou, de forma apaixonante, o mundo da pesquisa científica. No programa, que teve início em março / 2009 e término em dezembro / 2010, dediquei-me ao estudo da utilização clínica do ultrassom e laser no processo de reparação do tecido ósseo. Pude de fato vivenciar o universo da pesquisa e da produção científica, trilhando novos caminhos, por meio da escolha de um novo fazer profissional distante da realidade da minha formação acadêmica, que era voltada especificamente para atender às dimensões fisioterapêuticas.

Os desafios que enfrentei ao longo de minha trajetória levaram-me a importantes reflexões sobre as deficiências e múltiplas fragilidades que existiam no âmbito da profissão

docente na Fisioterapia, a qual tanto almejei. Tais reflexões me incentivaram a dar continuidade à minha formação complementar no Curso de Pós-graduação em Fisioterapia Dermato-Funcional, na Universidade Gama Filho - SP - UGF, com início em março/2009 e término em agosto/2010. Nesse curso pude me dedicar ao estudo do uso de fotoprotetores e das possíveis relações quanto a prevenção de neoplasias cutâneas. Nesse espaço-tempo, surpreendo-me por uma incrível motivação e paixão pela dermatologia e cosmetologia, áreas a que me dediquei amplamente, ao longo de minha trajetória profissional.

Meus questionamentos sobre meu lugar na docência aproximavam-me da vontade de saber mais, não somente os processos didático-pedagógicos, mas também as particularidades da tessitura do fazer docente em áreas distantes dos cursos de licenciatura. Então, realizo o Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*: Especialização em Docência no Ensino Superior no Centro Universitário - SENAC, com início em 2012 e término em 2013, durante o qual busquei aprofundamento teórico, para compreender os processos de mediação docente no ensino superior da área da saúde.

O aprofundamento pedagógico proposto durante a Especialização em Docência no Ensino Superior trouxe a minha vida um novo significado, em relação ao que no início era apenas a busca por um novo fazer profissional. A cada aula dedicada a leituras e discussões sobre educação, formação e profissionalização docente, tornava-se mais clara para mim a diferença entre o profissional fisioterapeuta e o profissional docente.

Isso fez com que eu mergulhasse em um dilema profissional, tomado por uma grande indagação: quem sou eu, enquanto profissional?

Esses aperfeiçoamentos e vivências ao longo do caminho percorrido garantiram-me belíssimas experiências profissionais, tanto no campo da docência, como no campo clínico da fisioterapia. Embora minha trajetória tenha sido em grande parte dedicada ao campo da docência, no qual atuei como docente também no Polo Educacional Colégio Tableau, em Guaratinguetá-SP, lecionando as disciplinas anatomia, fisiologia, patologia, cosmetologia e citologia, nos cursos técnicos de radiologia, farmácia e estética. Naquele especial espaço formativo no campo do meu processo de aprendizagem do fazer profissional docente, qual pude vivenciar os dilemas e desafios do professor iniciante, bem como ser surpreendida por uma carinhosa homenagem que estará sempre em meu coração, a premiação de docente destaque do ano de 2009.

Hoje encontro no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté, a partir das experiências e novos conhecimentos articulados durante as disciplinas, a oportunidade de espaço para respostas a inquietações que há tempos me acompanhavam ao longo de minha trajetória profissional. Sendo assim, passei a fazer questionamentos, tais como: Quais foram os fatos marcantes que aconteceram ao longo das trajetórias de vida e profissional dos fisioterapeutas que os motivaram a buscar a docência? Quais são os significados e influências desses eventos identificados no decorrer das trajetórias profissionais dos fisioterapeutas docentes do ensino superior em Fisioterapia?

Mediante tais questionamentos é que se consolidou a proposta do estudo, que elucida o objetivo da presente pesquisa: compreender, por meio de relatos da trajetória profissional do fisioterapeuta docente, os significados e as influências que o conduziram à docência.

1.2 Problema

Assumir o compromisso de ser docente em uma sociedade contemporânea que está em constante processo de rápidas transformações científicas, tecnológicas e sociais é sem dúvida um grande desafio, que têm se apresentado a muitos fisioterapeutas, que atualmente encontram no exercício da docência uma promissora oportunidade de trabalho.

O fisioterapeuta inicia sua trajetória profissional a partir de suas vivências e experiências acadêmicas, e a constrói mediante tomadas de decisões ao longo da vida. Dessa forma, tendo como referência os elementos conceituais acerca das trajetórias profissionais, o presente estudo tem como problema de investigação os seguintes questionamentos:

- Quais foram os fatos marcantes que aconteceram ao longo das trajetórias de vida e profissional dos fisioterapeutas que os motivaram a buscar a docência?
- Quais os significados e influências desses eventos identificados no decorrer das trajetórias profissionais dos fisioterapeutas docentes do ensino superior em Fisioterapia?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Compreender as trajetórias profissionais do fisioterapeuta docente do ensino superior.

1.3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico e de formação do fisioterapeuta docente no ensino superior;
- Identificar os incidentes críticos que motivaram sua escolha pela profissão docente;
- Compreender os significados e influências desses incidentes na trajetória profissional que motivaram sua escolha pela docência;
- Conhecer a importância do vídeo autobiográfico de apresentação da pesquisadora para o incentivo e compartilhamento da narrativa do participante.

1.4 Delimitação do estudo

O presente estudo foi realizado em uma instituição privada de ensino, estrategicamente localizada no vale do Paraíba paulista, às margens da Rodovia Presidente Dutra, via de grande importância, pois conecta as duas maiores potências econômicas do Brasil, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A região faz parte da RMVPLN (Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte), que, em 2010, segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, era composta por 39 municípios que movimentavam a economia por intermédio de produções industriais e atividades portuárias e petroleiras, responsáveis por acolher cerca de 2,3 milhões de habitantes, aproximadamente.

A instituição tem como missão colaborar com a sociedade por meio de diversas ações sociais na cidade em que se encontra localizada, incentivando o esporte em âmbitos regional e nacional, por meio da motivação de suas equipes e de importantes parcerias.

Imerso em uma proposta educacional baseada na filosofia cristã, o curso de Fisioterapia dessa instituição tem 13 anos, com início no ano de 2004. Já formou várias turmas, desde 2008, e atende atualmente a um universo de aproximadamente 150 alunos. Seu corpo docente é formado por 27 professores com formações acadêmicas diversificadas, sendo dez deles graduados em Fisioterapia. Dos outros docentes, um possui graduação em Medicina Veterinária, um em Engenharia Industrial Química, um em Administração de Empresas, um em Farmácia Bioquímica, um em Biomedicina, um em Psicologia, dois em Teologia, dois em Ciências Biológicas, dois em Licenciatura em Letras e quatro em Odontologia.

O curso de Fisioterapia obteve nota máxima no último Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE/2016), responsável por avaliar a qualidade dos cursos e instituições de educação superior (IES) em todo o território nacional (INEP, 2017). O objetivo do curso é formar profissionais dentro do perfil generalista, capazes de associar conhecimentos teóricos, práticos, técnicos, sociais, éticos e humanos à prática da reabilitação em todas as áreas da fisioterapia, desde a área dermatofuncional, até a terapia intensiva, por meio do desenvolvimento de senso crítico em relação aos procedimentos e campo de atuação.

Os entrevistados, em sua maioria, iniciaram suas trajetórias na docência juntamente ao início do curso de Fisioterapia dessa faculdade e participaram da idealização dos ambientes e das mudanças ali efetuadas ao longo do tempo. Outra questão relevante é a facilidade de acesso da pesquisadora, que tem um grande apreço por esse universo que marcou sua trajetória pessoal e profissional. Essas características constituem, segundo Bragança (2009), importante caminho para a construção dos dados da pesquisa biográfica-narrativa, repleto de reencontros e sentidos existenciais.

1.5 Relevância do Estudo / Justificativa

Ao longo de sua trajetória acadêmica, o fisioterapeuta não é preparado para atuar na profissão docente, embora esteja habilitado a exercer a docência, de acordo com a lei vigente de sua profissão. Dessa forma, o presente estudo justifica-se, ao buscar conhecer, por meio de relatos da trajetória profissional de fisioterapeutas que atuam como docentes no curso superior em Fisioterapia, os significados e as influências que os conduziram à docência. Assim, trata-se de importante contribuição, tanto para o ensino em Fisioterapia, mediante reflexão sobre a inclusão da educação nas bases curriculares do curso, quanto para o próprio fisioterapeuta que, ao narrar

a sua trajetória profissional, revisita, por meio de suas memórias, momentos importantes do passado e toma consciência dos caminhos percorridos, o que o leva a compreender suas atitudes no presente (BOLÍVAR, 2002).

Trata-se, portanto, de um importante caminho para o aprendizado da complexa função docente, que está relacionada, não só à articulação de conhecimentos específicos da área de atuação fisioterapêutica, mas também ao desenvolvimento de competências responsáveis por construir o futuro profissional a serviço das demandas sociais, bem como um cidadão crítico e reflexivo, preparado para atender às expectativas da sociedade contemporânea, que passa atualmente por importantes transformações nas mais diferentes instâncias sociais, políticas e morais. Tal cenário afeta inevitavelmente o corpo docente, devido às novas formas de pensar e de se relacionar com o discente, com a instituição e com o próprio saber (KULCZYCKI; PINTO, 2002).

A partir da segunda metade da década de 1990, no Brasil o ensino de Fisioterapia conquistou importante destaque, por meio da abertura de novos cursos (BISPO JÚNIOR, 2009).

De acordo com o último Censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação (MEC), realizado em 2015, o Brasil conta com um total de 536 cursos de graduação de Fisioterapia, dos quais 250 estão localizados na região sudeste do país, sendo o estado de São Paulo responsável por 142 cursos, seis localizados no vale do Paraíba paulista (INEP, 2015). Trata-se, pois, de um campo fértil de oferta de trabalho para os profissionais graduados em Fisioterapia que almejam ingressar na docência.

1.6 Organização da dissertação

Este relato de pesquisa foi estruturado em cinco capítulos.

O primeiro deles é composto pela introdução, subdividida respectivamente em cinco seções: problema, objetivo geral e específico, delimitação do estudo, relevância do estudo / justificativa e organização da dissertação.

No segundo capítulo apresenta-se a revisão de literatura, na qual explica-se inicialmente a trajetória investigativa da pesquisa e a busca destinada ao mapeamento da literatura. Num segundo momento, realiza-se a revisão narrativa de literatura, buscando-se linhas interpretativas e sustentação teórica para o desenvolvimento de três subcapítulos: o primeiro deles destinado aos caminhos trilhados pela Fisioterapia: processo de constituição como profissão, que foi dividido em duas subseções, que apresentaram o percurso histórico da Fisioterapia no mundo e o percurso histórico da Fisioterapia no Brasil. O segundo subcapítulo faz referência aos incidentes críticos (IR), e apresenta uma subseção sobre os incidentes críticos como marcas no tempo cronológico da vida. Por fim, o terceiro subcapítulo aborda espaço-tempo vivido: um encontro dialético entre memória, narrativa e experiência na contemporaneidade.

O terceiro capítulo evidencia a trajetória de investigação, ou seja, o método, incluindo: tipo de pesquisa, participantes, instrumentos, ensaio, procedimentos para construção das (auto)biografias e da autobiografia cinematográfica, fragmentos do vivido e procedimentos de análise.

Apresenta-se, no quarto capítulo, a trajetória docente na Fisioterapia: resultados e discussão.

O quinto e último capítulo, em que se apresentam as conclusões e considerações finais, é seguido das Referências, Apêndices e Anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Com o objetivo de compreender o universo das pesquisas realizadas sobre a temática do presente estudo, optou-se primeiramente pelo desenvolvimento da revisão integrativa. Esse tipo de revisão, que contempla a mais ampla abordagem metodológica no campo das revisões de literatura, é frequentemente utilizada em pesquisas na área da saúde, no sentido de identificar, analisar e sistematizar resultados da literatura teórica e empírica na perspectiva de compreensão do fenômeno investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Assim, foi realizada em primeiro momento a investigação relacionada ao “estado da arte”, fase inicial do estudo científico que, segundo Brandão, Baeta e Rocha (1986) tem como objetivo pesquisar o que se conhece de determinado assunto a partir dos estudos já realizados em uma determinada área. Neste trabalho, procedeu-se ao mapeamento da literatura no sentido de compreender, descrever e discutir os estudos científicos sobre o tema: trajetória profissional do fisioterapeuta docente (CAMPANÁRIO; SANTOS, 2011; FERREIRA, 2002).

A busca destinada ao mapeamento da literatura ocorreu a partir dos descritores “fisioterapeuta docente” e “trajetória profissional”, na base de dados dos sites: CAPES, Portal de Periódicos da CAPES e Banco de Artigos da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Utilizaram-se como critérios: pesquisas realizadas no Brasil; artigos e textos publicados em português a partir de 2012.

O levantamento nas bases de dados possibilitou evidenciar a escassez de estudos que estabeleçam linhas interpretativas e sustentação teórica para o desenvolvimento dos temas destinados especificamente à trajetória profissional do fisioterapeuta docente no sentido de compreender os caminhos que o levaram a atuar nos diferentes contextos educacionais.

Neste estudo, com a finalidade de contextualizar sua temática foi realizada revisão narrativa de literatura, a qual não define os critérios de sistematização para a busca e análise dos estudos de forma exaustiva. Isso foi feito com o objetivo de permitir que a seleção e interpretação sofram importante influência da subjetividade da pesquisadora (MATTOS, 2015), que desvelou os caminhos da Fisioterapia ao longo do seu processo de constituição como profissão, por meio do resgate histórico, fragmentos existenciais que compõem a Fisioterapia no mundo e especificamente no Brasil.

2.1 Revisão Narrativa de Literatura

2.1.1 Caminhos trilhados pela Fisioterapia: processo de constituição como profissão

Para se compreender a trajetória docente na fisioterapia é preciso inicialmente revisitar seu processo de construção como profissão da área da saúde, tendo sua filosofia, visão do ser humano, mundo, ciência e todo o seu processo formativo baseado na escola médica. Tal fato explica a postura reducionista, mecanicista e assistencialista mantida pela fisioterapia ainda nos dias atuais (COSTA, 2010; GAVA, 2004).

Neste sentido, ao revisitar o percurso histórico de uma profissão é possível compreender de quais formas os profissionais se relacionam entre si e com o mundo, no sentido de garantir sua subsistência econômica, política e cultural, por meio de um movimento contínuo em que alguns elementos do passado podem ainda se conservar no presente (MARX; ENGELS, 2009).

A Fisioterapia é considerada uma das profissões mais recentes da área da saúde, reconhecida em meio social por um ofício de doação, no sentido de se dedicar amplamente ao problema do outro, na perspectiva de mudar a sua realidade ou adaptá-lo a ela, a partir da utilização do movimento humano, recursos físicos, térmicos e elétricos (COSTA, 2010; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; GAVA, 2004).

Neste sentido, cabe ressaltar que o termo *ofício* determina o exercício profissional realizado a partir de atividades menos organizadas. Está fortemente relacionado a vocação e sacerdócio, pautado na experiência, afetividade e criatividade que envolvem a realização de um determinado fazer, construído por meio de um processo artesanal a partir dos parâmetros técnicos e das demandas sociais do contexto do indivíduo. Já o vocábulo *profissão* refere-se a um processo específico de formação e estabelecimento ético, técnico e científico, ou seja, não basta somente saber fazer, é necessário um saber-ser cultural, social e histórico. Assim, amplia-se o fazer profissional especializado que, por sua vez, amplia os horizontes de atuação, conhecimento e desenvolvimento da profissão a partir do seu processo de regulamentação e reconhecimento. Além disso, determina-se um conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes que permeiam o fazer sistemático profissional (IÓRIO, 2015; NETO; BENITES; SILVA, 2010; NETO, 2005).

Desde sua constituição, não existiu na Fisioterapia um objeto de estudo ou de trabalho claramente definido (COSTA, 2010; GAVA, 2004), o que resultou na dificuldade de se delimitar os limites da própria profissão e do seu fazer profissional (GAVA, 2004). Embora Barros (2003) defina que o objeto de trabalho do fisioterapeuta esteja relacionado à saúde funcional, para Rebelatto e Botomé (1999) tal dificuldade em delimitar especificamente o objeto de atuação da Fisioterapia está intimamente entrelaçada às marcas de natureza restritiva imposta historicamente pelas legislações da própria profissão.

No entanto, uma das maneiras de se investigar e compreender o objeto de estudo e de trabalho de uma profissão é evidenciar de que maneira, em seus diferentes momentos históricos, ela tem sido exercida e por quais modificações passou ao longo do tempo (REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; GAVA, 2004). Portanto, discute-se no próximo subitem o percurso histórico da fisioterapia no mundo e no Brasil.

2.1.2 Percurso histórico da Fisioterapia no mundo

Os recursos físicos naturais, como “eletricidade do peixe elétrico”, banhos de sol, imersão em águas termais, massagens, e os próprios movimentos do corpo humano, eram utilizados como instrumentos de tratamento das disfunções orgânicas (COSTA, 2010; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; GAVA, 2004). Esses recursos são considerados precursores dos procedimentos ainda utilizados no final do século XX como terapia, no fazer profissional do fisioterapeuta (REBELATTO; BOTOMÉ, 2004).

Os primeiros registros da utilização dos meios físicos com objetivo terapêutico ocorreram em 2698 a. C, quando o imperador chinês Hoong-Ti desenvolveu uma ginástica curativa, a partir de exercícios respiratórios, dando início a um período histórico marcado por grande interesse na busca de formas terapêuticas destinadas à cura das diversas disfunções corporais (REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; GAVA, 2004).

Na Idade Média, período que se estende aproximadamente entre os séculos IV e XV, ocorreu uma interrupção no avanço dos estudos e intervenções na área da saúde em geral, em decorrência da forte influência religiosa, que relacionava os comprometimentos e disfunções orgânicas a castigos divinos, e por esse motivo não deveriam ser curados (COSTA, 2010; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999). Naquele período histórico a prática de exercícios físicos de

ordem terapêutica com o objetivo curativo era redimensionada, no sentido de dar espaço a novas concepções de sua utilização. A nobreza e o clero destinavam a prática de exercícios físicos a determinados objetivos, como melhora da performance e potência física, necessárias para a manutenção do controle sobre a população e bens. Já para os burgueses e lavradores, desprovidos de bens e conforto, os exercícios limitavam-se unicamente a uma forma de recreação acessível às condições em que trabalhavam e viviam (COSTA, 2010; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Com o Renascimento, entre os séculos XV e XVI, os estudos relacionados ao bem-estar físico do homem são retomados, na perspectiva de transcender o caráter curativo, a partir da utilização dos exercícios físicos, tanto para fins reabilitativos, quanto para a manutenção da saúde corporal. Surge a chamada ginástica médica, por meio da realização de exercícios diferenciados para conservar um estado saudável já existente e para tratar os indivíduos enfermos (COSTA, 2010; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Ao final do movimento renascentista e estabelecimento da Industrialização, período compreendido pelos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra o interesse das classes dominantes amplamente se destina ao sistema produtivo, mediante a utilização crescente de máquinas, por meio da submissão da classe operária a jornadas de trabalho estafantes e insalubres, responsáveis por elevados índices de lesões e adoecimentos (COSTA, 2010; OLIVEIRA, 2002; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; MEC, 2006). A população camponesa, desprovida de suas propriedades em consequência do advento da Revolução Industrial, reúne-se nos arredores das cidades (Figura 1), vivendo em condições sanitárias e alimentares precárias, provocando o surgimento e proliferação de epidemias (como o cólera e a tuberculose pulmonar), o alcoolismo e os acidentes de trabalho (BENEVOLO, 1999; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Figura 1 - Uma rua de um bairro pobre de Londres (Dudley Street) – gravura de Gustave Doré, de 1872



Fonte: BENEVOLO, 1999.

A realidade dessa época desperta o interesse da classe dominante para realização dos exercícios terapêuticos destinados ao tratamento dos camponeses e operários adoecidos, na perspectiva de devolvê-los à alta produtividade, objetivando assim garantir o bem-estar por meio da classe dominante por meio da força de trabalho das classes socialmente dominadas (COSTA, 2010; OLIVEIRA, 2002; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999; MEC, 2006).

Segundo Rebelatto e Botomé (1999, p. 40), com o advento da Revolução Industrial a morte ou a inutilização dessa população não seria conveniente, mas também não interessavam suas condições de vida. Seria suficiente cuidar dela apenas quando suas condições prejudicassem a produção de riquezas ou incomodassem aqueles que pertenciam à classe dominante.

Nesse mesmo período histórico, a partir das grandes Guerras Mundiais e suas consequências houve importante incentivo para pesquisas destinadas a técnicas reabilitativas, a partir da criação de grandes centros de reabilitação com o objetivo de restabelecimento das condições de saúde e vida dos indivíduos. Buscava-se uma sociedade integrada e produtiva, a partir de importantes avanços tecnológicos e implantação do processo de especialização dos tratamentos, em sintonia com uma abordagem cartesiana no sentido de segmentação e hierarquização dos conhecimentos, na perspectiva do desenvolvimento de estratégias resolutivas rápidas e eficientes, realizadas por meio de atenção exclusiva à região acometida,

não se preocupando com a percepção global do organismo humano (COSTA, 2010; OLIVEIRA, 2007; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Com base nesse contexto, a fisioterapia inicia de fato seu processo de construção profissional, ao alcançar destaque no mundo por meio do ofício de massoterapeutas na Inglaterra, por volta dos anos 1880/1890, porém ainda considerada na época um fazer profissional destinado exclusivamente ao sexo feminino. Era percebida por grande parte da sociedade como uma prática imoral, por não estar associada a um programa de treinamento específico (GAVA, 2004; OLIVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2007).

Dessa forma, em busca do prestígio social da profissão, as massoterapeutas inglesas aproximam-se de profissionais como as parteiras e enfermeiras, no sentido de se apropriarem da compreensão sobre a utilização das técnicas de massagens com objetivo curativo. Passam, assim, a incluir em suas práticas assistenciais o movimento humano (cinesioterapia), o calor (termoterapia), o frio (crioterapia) e as correntes elétricas (eletroterapia) (OLIVEIRA, 2007; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Foi em 1894, durante a conferência dedicada ao uso de agentes naturais, na *Rideau and Bathurst Medical Association*, que o médico canadense Dr. Edward Playter, pioneiro na área da saúde pública, contribuiu para a origem do termo “Fisioterapia”, ao declarar a importância de se proporcionar aos seres humanos fundamentos para saúde e vida, como: ar puro, luz solar, água, alimentos, repouso adequado, exercícios físicos e massagens, conhecidos até então como terapêutica natural (TERLOUW, 2006).

As primeiras escolas destinadas especificamente à formação de fisioterapeutas no mundo foram as de Kiel, em 1902, e Dresden, em 1918, na Alemanha (SANCHES, 1984).

Em território americano, a fisioterapia chega primeiramente à América do Norte, em 1912, por meio dos estudos e testes musculares realizados por Robert W. Lewet e Janet Merrill na Escola de Medicina de Harvard (GAVA, 2004). O primeiro serviço destinado ao fazer profissional da fisioterapia no Estados Unidos da América (EUA) criado somente cerca de sete anos mais tarde, entre 1919 e 1920, na Faculdade de Medicina da Universidade de *North Western*, com o setor de massagem e hidroterapia (GAVA, 2004).

Assim, a fisioterapia começa a ganhar espaço no EUA e, conseqüentemente, sofre redimensionamento profissional, a partir de novas configurações do processo de formação na

área da reabilitação física, que ocorrem por meio da importante contribuição da Educadora Física Mary McMillan, primeira Presidente da *American Physical Therapy Association* (APTA), fundada em 1921 e constituída exclusivamente por mulheres (BARROS, 2003; OLIVEIRA, 2007). Somente dez anos mais tarde, em 1930, é que a APTA permite o ingresso de homens, mediante necessidade área de novos profissionais na área, que aumentou sua força de trabalho, de 1.000 para 8.000 fisioterapeutas americanos em atividade em todo o país, em 1950 (BARROS, 2003).

No entanto é na Inglaterra que surgem importantes estudos nos campos: da massoterapia, realizados pelos doutores Mendell e J. Cyriax, da cinesioterapia respiratória, realizados por Winifred Linton; e, da Fisioterapia Neurológica, realizados pela fisioterapeuta Beta Bobath e pelo médico neurologista Karel Bobath, para a criação do método Bobath, uma das técnicas mais conhecidas e bem-sucedidas no mundo para o tratamento de pacientes com paralisia cerebral. Essa técnica alcança excelentes resultados até nos dias atuais (BARROS, 2003; GAVA, 2004; SANCHES, 1984).

No ano de 1948 foi fundada, em Londres, a *World Confederation Physical Therapy* (WCPT), ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS), com a adesão de 13 países, com o objetivo de congregar e intensificar os fisioterapeutas espalhados pelo mundo. Essa importante iniciativa garante destaque e expansão da Fisioterapia no cenário mundial (SANCHES, 1984). Esse fato ampliou o campo de atuação e promoveu maior desenvolvimento da Fisioterapia, pois importantes reflexões a respeito dos impactos desse processo no Brasil foram realizadas a seguir, desvelando-se os fios da tessitura da Fisioterapia enquanto profissão.

2.1.3 Percurso histórico da Fisioterapia no Brasil

No Brasil a construção profissional da fisioterapia caminhou junto aos períodos históricos característicos do país, influenciada por importantes movimentos nas esferas políticas, econômicas e sociais (BORGES, 2014; JUNIOR, 2009; MEC, 2006).

Durante o período colonial, o tratamento das disfunções orgânicas no Brasil era realizado por jesuítas, chefes de tribos e feiticeiros, porque a criação de instituições de Ensino Superior em território brasileiro não era interessante para Portugal, que, na perspectiva de

impedir a propagação dos ideais revolucionários do Iluminismo, não movia esforços para avanço de estudos e formação de profissionais qualificados (BARROS, 2003; CUNHA, 2000).

Somente em 1808, com a chegada da família Real portuguesa é que recursos passam a ser destinados à formação de técnicos e especialistas no campo da saúde, a fim de atender às necessidades dos nobres do Brasil Colônia, por meio da criação das duas primeiras escolas superiores brasileiras de medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, a partir do decreto assinado por D. João VI em 5 de novembro de 1808, para a fundação da Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, conhecida atualmente como Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BARROS, 2003; CUNHA, 2000).

A partir da formação dos primeiros médicos brasileiros e da criação das academias de medicina teve início o desenvolvimento dos primeiros estudos relacionados a práticas terapêuticas, responsáveis pelo futuro nascimento da Fisioterapia no Brasil (BARROS, 2003; CUNHA, 2000).

A Fisioterapia nasce no país primeiramente como uma especialidade, no final do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da criação do serviço de Eletricidade Médica e Hidroterapia, conhecido em meio social como a Casa das Duchas, presente na cidade até os dias atuais (GAVA, 2004).

Em 1884 foi fundado o primeiro serviço de Fisioterapia da América do Sul, no Hospital de Misericórdia do Rio de Janeiro, por intermédio do médico Arthur Silva. Nesse período também na Inglaterra a fisioterapia conquista espaço, pelo fazer profissional de massoterapeutas (GAVA, 2004).

Na segunda década do século XX, a Fisioterapia chega ao estado de São Paulo, por meio da criação do Departamento de Eletricidade Médica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, fundado em 1919 pelo professor Raphael de Barros. Somente dez anos mais tarde, em 1929, o médico Dr. Waldo Rolim de Moraes planejou e instalou mais dois serviços de fisioterapia, o primeiro na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e o segundo no Hospital das Clínicas de São Paulo (MARQUES; SANCHES, 1994).

Tais serviços de fisioterapia contribuía com o objetivo de reabilitar os militares pós Segunda Guerra Mundial e os trabalhadores vítimas de desgastes físicos e acidentes de trabalho. Esses trabalhadores eram oriundos da alta demanda produtiva imposta pelo advento da

Revolução Industrial no país; assim, a perspectiva era devolver a eles condições para que retornassem à suas atividades sociais e ao sistema produtivo (OLIVEIRA, 2002; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Na década de 1950, mediante a alta prevalência da poliomielite no Brasil, houve um importante movimento em busca de recursos para tratamento das incapacidades funcionais e amparo das sequelas em indivíduos acometidos (BARROS, 2008). Assim, com o objetivo de atender às necessidades de mão de obra, o Dr. Rolim cria, em 1951, no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), por meio de incentivo do centro de estudos Raphael de Barros, o primeiro curso técnico em Fisioterapia do país, com duração de um ano, em período integral, realizado a partir de uma rotina de aulas preparadas e ministradas pelo corpo docente especialista em medicina do próprio hospital. O curso foi estruturado por uma rotina de avaliações teóricas e práticas aplicadas pelos médicos e enfermeiros do Serviço de Fiscalização do Estado de São Paulo, organização responsável por acompanhar o processo de avaliação e emissão dos certificados de conclusão do curso (MARQUES; SANCHES, 1994).

O curso técnico em Fisioterapia foi de grande importância no percurso histórico da profissão, e sua finalidade era tornar os funcionários integrantes dos serviços de Fisioterapia aptos a desempenharem o papel de “técnicos operadores em Fisioterapia”, na condição de meros executores das tarefas determinadas pela classe médica, que na época guardava sob seus poderes todas as intervenções em saúde (BARROS, 2008).

Dessa forma, nota-se que o fazer profissional da Fisioterapia a serviço das exigências sociais precede o seu reconhecimento como profissão formal, por se tratar, em primeira instância, de um ofício subordinado à classe médica, a qual historicamente prepara indivíduos leigos para os serviços de fisioterapia espalhados pelo país (OLIVEIRA, 2002).

Em 1954 foi criada a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, primeira instituição responsável por oferecer em caráter regular o curso de graduação em fisioterapia no país, em 1956, com duração de dois anos dedicados à formação de técnicos em reabilitação na Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (BARROS, 2008; GAVA, 2004).

Em 1957, os técnicos em fisioterapia formados no primeiro curso do Hospital das Clínicas da USP fundaram a Associação Paulista de Fisioterapia (APF), importante na história

da fisioterapia no Brasil, por constituir a primeira associação da classe, precursora de futuras organizações (GAVA, 2004).

No ano seguinte, 1958, o Decreto-Lei 5.029 cria, anexo à Cadeira de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o Instituto de Reabilitação (IR), voltado majoritariamente ao atendimento de pacientes, a pesquisas e realização de cursos direcionados à reabilitação (BRASIL, 1958). Por meio do importante empenho e influência do professor catedrático de ortopedia e traumatologia da FMUSP, doutor Godoy Moreira, em conjunto com esforços internacionais entre a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), Organização Mundial de Saúde (OMS) e a *World Confederation for Physical Therapy* (WCPT), o Instituto Nacional de Reabilitação (INAR) compõe um dos primeiros centros de reabilitação da América Latina. O INAR foi responsável por liderar o primeiro curso de fisioterapia no país, com duração de dois anos em regime integral, destinado a atender ao padrão internacional dos programas de reabilitação preconizado pela OPAS, garantindo um curso de melhor qualidade, por meio de disciplinas voltadas especialmente para o processo de reabilitação, que era a questão mais importante da época, para o país (MARQUES; SANCHES, 1994).

Atendendo aos avanços da profissão no país, em 19 de agosto de 1959 os próprios técnicos em Fisioterapia já formados, como Eugênio Lopez Sanchez, Angel Lopez Sanchez e Danilo Vicente Define, organizam-se, por meio de suas associações, para a criação da Associação Brasileira de Fisioterapeutas (ABF), importante marco histórico da profissão (GAVA, 2004; MARQUES; SANCHES, 1994). Seus objetivos eram proporcionar aprimoramento profissional, determinar parâmetros jurídicos e morais para o exercício profissional, e promover união da classe e discussão da formação profissional (GAVA, 2004).

Em poucos anos de existência, a ABF conquistou respeito entre os profissionais da saúde, por meio da construção de um trabalho comprometido com a formação, reconhecimento e regulamentação profissional, sendo reconhecida oficialmente, em âmbito nacional, em 1962, pela Associação Médica Brasileira (AMB), e internacionalmente em 1963, pela WCPT, o que garantiu credibilidade nacional e mundial aos profissionais da Fisioterapia (GAVA, 2004; MARQUES; SANCHES, 1994).

O Conselho Federal de Educação (CFE), por meio do parecer 388/63, elaborado por uma comissão de peritos, homologou a portaria ministerial 511/64, em que o Ministério de

Educação e Cultura (MEC) provê o que seria a primeira definição oficial do profissional da Fisioterapia, o qual foi reconhecido como técnico em Fisioterapia, com função destinada restritivamente ao auxílio da classe médica, a partir da execução somente de ações terapêuticas previamente prescritas por médicos especialistas, sem nenhuma autonomia para a realização de diagnósticos das disfunções e doenças a serem tratadas, conforme descrito nos principais trechos da portaria ministerial:

1. [...] A referida comissão insiste na caracterização desses profissionais como auxiliares médicos que desempenham tarefas de caráter terapêutico sob a orientação e responsabilidade do médico. A este cabe dirigir, chefiar e liderar a equipe de reabilitação, dentro da qual são elementos básicos: o médico, o assistente social, o psicólogo, o fisioterapeuta e o terapeuta ocupacional.
2. Não compete aos dois últimos o diagnóstico da doença ou da deficiência a ser corrigida. Cabe-lhes executar, com perfeição, aquelas técnicas, aprendizagens e exercícios recomendados pelo médico, que conduzem à cura ou à recuperação dos parcialmente inválidos para a vida social. Daí haver a comissão preferido que os novos profissionais paramédicos se chamassem Técnicos em Fisioterapia [...], para marcar-lhes bem a competência e as atribuições (BRASIL, 1974).

A aprovação desse parecer, apesar de significar um avanço para a profissão, deixa claro que os técnicos em Fisioterapia, formados ao longo de três anos, ainda possuem uma série de deficiências em sua formação que os limita no sentido de desenvolver condutas fisioterapêuticas de forma autônoma e emancipada. Ao longo de seus processos formativos, não dispõem de conhecimentos destinados a fisiologia e patologia humana, o que leva a importantes consequências no seu ofício, ao comprometer a distinção entre o que é normal do que é patológico no organismo, prejudicar a compreensão ampliada dos mecanismos de lesões e, conseqüentemente, das possíveis formas de tratamento por essa classe profissional (GAVA, 2004; MARQUES; SANCHES, 1994; MEC, 2016).

A atuação do técnico em Fisioterapia, nessa época, restringe-se a ligar e desligar os aparelhos eletroterapêuticos, realizar mecanicamente massagens, exercícios físicos, aplicação do calor, da luz e dos banhos de imersão prescritos pelos médicos responsáveis pelos serviços de Fisioterapia, na intenção de proporcionar a recuperação dos pacientes (MEC, 2006).

Em 1964, o Brasil enfrenta uma fase de transformações, a partir do golpe militar que tira do comando o então presidente João Goulart, por meio do apoio político do governo americano (OLIVEIRA, 2002). Nesse período, a ABF continua trabalhando para superar as dificuldades impostas pelo MEC, na perspectiva de criar e regulamentar o curso de nível superior em Fisioterapia, necessário para a conquista da autonomia profissional (GAVA, 2004).

Assim, somente em 1969, por meio da assinatura do Decreto-Lei 938 pela junta militar que comandava o país, formada pelos Ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica, é que os fisioterapeutas alcançam de fato a autonomia em relação ao seu fazer profissional, por intermédio da conquista do direito de serem reconhecidos como profissionais de nível superior (COFFITO, 1969; GAVA, 2004). Por conseguinte, a partir dessa legislação fica então estabelecido que somente profissionais adequadamente capacitados por meio do curso de graduação na área da saúde podem exercer a profissão de fisioterapeuta (SIMONI, *et al.*, 2015). No entanto, aquele Decreto-Lei não define com clareza o objeto de estudo e trabalho do fisioterapeuta, ao se dirigir de forma abrangente e inespecífica à dedicação desse profissional a procedimentos fisioterápicos, ainda bastante indefinidos, voltados prevalentemente a reabilitação, gestão de serviços e docência (COSTA, 2010).

A partir do Decreto-Lei 938, de 1969, os fisioterapeutas passam a ministrar disciplinas para os seus próprios colegas em processo de formação. Os fisioterapeutas e professores Danilo Vicente Define e Eugênio Lopez Sanchez são importantes exemplos dessa iniciativa, sendo também os primeiros professores brasileiros a realizar o primeiro Curso de Mestrado em Fisioterapia, criado no México, a partir dos esforços da OMS e WCPT (GAVA, 2004).

Outro fato marcante ao longo do percurso histórico da Fisioterapia foi a realização dos Congressos Brasileiros de Fisioterapia, a partir do empenho da ABF em transcender as fronteiras do ensino e conquistar respeito profissional, por meio da pesquisa científica. O primeiro Congresso aconteceu antes mesmo do Decreto-Lei 938, em 1964, no Rio de Janeiro, e o segundo Congresso deu-se em 1972, em São Paulo, durante o qual alguns assuntos foram destaque, como: a definição do dia 13 de outubro como Dia Nacional do Fisioterapeuta, comemorado até nos dias atuais, e a necessidade de agilizar o processo de regulamentação da profissão, que foi discutido na perspectiva de colocar em prática os direitos conquistados pelos fisioterapeutas (BARROS, 2003; GAVA, 2004).

Nessa mesma época, em 1972, a Fisiatria é reconhecida pela Associação Médica Brasileira (BARROS, 2003), como ramo da medicina responsável por se dedicar à funcionalidade humana, no sentido de ampliar a atenção destinada ao adoecimento orgânico, ao buscar identificar e atuar sobre os mecanismos que impedem a realização das atividades de vida diárias do indivíduo doente (SAAD, 2001).

A partir da realização dos Congressos Brasileiros de Fisioterapia, em 17 de dezembro de 1975 o Congresso Nacional sanciona, por meio da lei 6.316, a criação do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITOs) (COFFITO, 1975). Com a missão de garantir legitimidade à profissão, os respectivos órgãos ficam responsáveis por fiscalizar o exercício da atividade fisioterapêutica, garantindo desenvolvimento da categoria e, conseqüentemente, o engrandecimento das possibilidades de atuação do profissional da fisioterapia (MEC, 2016).

A criação dos Conselhos redimensionou a profissão, no sentido de quantificar o número de fisioterapeutas, normatizar, regulamentar e fiscalizar o exercício profissional da fisioterapia em todo o território brasileiro, que na época enfrentava importante conflito com o campo da medicina destinado à Fisioterapia, conhecida em meio social como “medicina fisioterapêutica” ou “medicina da reabilitação”, responsável em grande parte por coordenar os serviços de Fisioterapia no país (BARROS, 2003; GAVA, 2004; SAAD, 2001).

Em termos legislativos, somente em 1978 ocorreram importantes mudanças no objeto de estudo da fisioterapia, que definiu nova abordagem por meio da criação do Código de Ética Profissional da Fisioterapia pelo COFFITO. Esse documento ultrapassou as leis e decretos que definiam a profissão e, embora apresentasse o tratamento e a recuperação da saúde humana como funções do fisioterapeuta, esclarecia a importância da atuação desse profissional também nos âmbitos de promoção da saúde humana (COSTA, 2010; GAVA, 2004; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Esse importante movimento privilegiou a participação do profissional da Fisioterapia nos três níveis, primário, secundário e terciário de atenção à saúde, condição que reafirmou o entrelaçamento no campo de atuação profissional do fisioterapeuta entre ciência e vida humana. Assim, esse profissional transcendeu o modelo tecnicista e mecanicista, dedicando-se à integralidade do ser humano (COSTA, 2010; GAVA, 2004; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

A partir das transformações políticas, econômicas e sociais que afetaram o processo de construção da Fisioterapia como profissão, ao longo dos períodos históricos, tornou-se importante também compreender os espaços, tempos, pessoas e momentos marcantes que constituíram as histórias de vida pessoais e profissionais dos fisioterapeutas que optaram por seguir o caminho da docência. Para tanto, é importante conhecer os fatos marcantes da trajetória profissional dos fisioterapeutas que optaram pela carreira docente. Por isso, na sequência deste

texto apresenta-se o referencial teórico dos incidentes críticos, para melhor compreensão das modificações por eles ocasionadas no percurso da vida.

2.1.4 Técnica dos Incidentes Críticos (IR)

A técnica para identificação dos incidentes críticos pode ser definida como procedimento flexível que deve ser adaptado a cada situação específica, e o pesquisador assume a responsabilidade de captar a subjetividades dos sujeitos e a função de dar movimento à técnica no sentido de conduzi-la aos objetivos do estudo (ALMEIDA, 2009; FRANCO, 2013).

Para tanto, faz-se necessário primeiramente conhecer sua origem e diferenciar duas das perspectivas que contemplam os incidentes críticos na pesquisa, a primeira destinada à modalidade de descrição de situações, e a segunda ancorada na identificação dos momentos de crise responsáveis por modificações no percurso da vida (ALMEIDA, 2009; BOLÍVAR, 2002; FLANAGAN, 1954; WOODS, 1993).

A técnica dos incidentes críticos foi inicialmente introduzida no campo da formação profissional destinada à modalidade de descrição de situações por John Flanagan, importante nome americano da Psicologia e Pedagogia. Flanagan defendeu que o incidente é compreendido a partir de um comportamento humano observável e que sua criticidade está relacionada à descrição operacional detalhada da atividade e dos personagens envolvidos (ALMEIDA, 2009).

Por incidente entende-se toda atividade humana observável, suficientemente completa, para que por meio dela se possam fazer induções ou previsões sobre o indivíduo que realiza a ação. Para ser crítico um incidente deve dar-se numa situação tal que o fim ou intenção da ação apareçam suficientemente claros ao observador e que as consequências da ação sejam evidentes (FLANAGAN, 1954, p. 166).

Nessa primeira perspectiva, a técnica dos incidentes críticos nasce, e então se fortalece, a partir dos estudos realizados no Programa de Psicologia da Aviação da Força Aérea Americana, em 1941, com o objetivo de aprimorar os criteriosos processos de seleção da tripulação, no sentido de analisar cuidadosamente as características, performance e exigências críticas das atividades dos pilotos aéreos. A partir dos bons resultados alcançados após a Segunda Guerra mundial, no Instituto Americano para Pesquisa, na Universidade de Pittsburgh, houve importante desenvolvimento da técnica (FLANAGAN, 1954), a qual, nas últimas décadas, vêm sendo amplamente utilizada em pesquisas na área da psicologia para formação e na pedagogia destinada à educação (ALMEIDA, 2009; FRANCO, 2013).

No campo da educação, os incidentes críticos fazem referência à segunda perspectiva de identificação dos momentos de crise responsáveis por modificações no percurso da vida dos indivíduos, ao destinar atenção a concepções, sentimentos e emoções do universo pessoal e profissional de cada sujeito que narra sua história (ALMEIDA, 2009; BOLÍVAR, 2002; FRANCO, 2013; WOODS, 1993).

É com base nessa concepção que este estudo foi realizado, uma vez que a narrativa e o apontamento dos incidentes críticos evidenciam as formas de cada indivíduo ser e estar no mundo. Isso no sentido de evidenciar crenças, valores e atitudes dos docentes, bem como suas relações com os personagens que constituem suas histórias de vida pessoais e profissionais, na perspectiva de compreender o impacto das pessoas, momentos, fatos pessoais, organizacionais e sociais marcantes, nas escolhas realizadas e no percurso de suas histórias profissionais (BOLÍVAR, 2002; FRANCO, 2013).

2.1.4.1 Incidentes Críticos como marcas no tempo cronológico da vida

A dimensão pessoal é um fator importante para o desenvolvimento profissional no campo da educação, que revela um fazer profissional intimamente atrelado a valores e sentimentos humanos (BOLÍVAR, 2002). Dessa forma, compreender a trajetória do fisioterapeuta na docência requer dedicar-se a sua concepção em sua totalidade.

[...] reconhecer o papel fundamental que a afetividade e as emoções desempenham nas vidas, carreiras e desempenho dos professores e professoras. A dimensão afetivo-emocional não pode quedar à margem, como um aspecto meramente anedótico, mas assumir sua função de primeira ordem. (BOLIVAR, 2002, p. 8).

Para tanto, a identificação dos Incidentes Críticos (IR), considerados momentos intensos no percurso da vida, responsáveis por importantes repercussões no desenvolvimento humano, assume centralidade investigativa na pesquisa. Por se tratar de acontecimentos não planejados, podem ser compreendidos como momentos de crises, transição e rupturas que afetam as pessoas e que provocam mudanças de direção nas suas trajetórias pessoais e profissionais (BOLÍVAR, 2002; FRANCO, 2013; WOODS, 1993).

Os acontecimentos críticos / biográficos da trajetória pessoal e profissional são estruturados a partir de experiências-chave que constituem marcos na vida do sujeito. Essas experiências os afeta e transforma, no sentido de os colocar em um ponto de não-retorno, a

partir do qual são determinadas importantes decisões. Tais acontecimentos apresentam importante característica temporal e pessoal, assumindo caráter crítico, a partir do sentido concedido pelo próprio sujeito no momento da rememoração e da narrativa (BOLÍVAR, 2002; SÁ, 2004).

Ao rememorar e narrar a história pessoal e profissional, o sujeito revisita momentos importantes de sua trajetória, reconhece espaços e tempos que marcaram sua vida, compreende a importância dos fatos, em um precioso movimento formativo que o faz tomar consciência dos incidentes e atribuir sentido a cada um deles, reconhecendo aqueles dependentes de seus valores, crenças e atitudes pessoais e outros impostos por circunstâncias e/ou pessoas distintas, organizando suas vivências e experiências em uma cronologia personalizada (BOLÍVAR, 2002; RICOEUR, 1996).

Por se tratar de condições pessoais e temporais, os incidentes críticos evidenciam as singularidades das trajetórias dos sujeitos, que selecionam em suas memórias condições marcantes, organizando-as e compartilhando-as generosamente, por meio da narrativa (SÁ, 2004).

Isso faz do incidente crítico uma situação única e imprevista no percurso da história humana, constituindo um evento não-normativo de caráter biológico, cultural e ambiental na vida pessoal e profissional do sujeito. Esse evento pode ser apontado durante a narrativa como uma demissão ou promoção, doença ou cura, divórcio ou casamento, falecimento ou nascimento de um filho, e assume características particulares na medida em que o próprio sujeito avalia as situações e atribui sentido a suas vivências e experiências no momento do processo reflexivo. Em outras palavras, a criticidade é dependente da época em que ocorre a elaboração do vivido, e um momento marcante em uma determinada época da vida pode dar espaço a outro acontecimento de maior impacto sucessivo, quando rememorado (SÁ, 2004).

Para Woods (1993), os incidentes críticos são considerados:

[...] momentos e episódios energéticos que têm enormes consequências para o desenvolvimento e mudanças pessoais. Não são planejados, antecipados ou controlados. São *flashes* que iluminam fortemente, em um momento, algum aspecto, ou aspectos problemáticos [...] (WOODS, 1993, p. 1).

Nesse sentido, muitos incidentes são relatados na forma de dilemas, que podem ser positivos, fruto de sentimentos agradáveis, compreendidos como sendo os mais interessantes

por Bolívar (2002), ou negativos, resultado de sentimentos desagradáveis, com impactos regressivos na trajetória profissional (BOLÍVAR, 2002; WOODS, 1993).

Assim, identificar e compreender os incidentes críticos possibilita ao sujeito delimitar as fases marcantes que vivenciou e que frequentemente estão atreladas ao seu desenvolvimento profissional. Possibilita-lhe também evidenciar pessoas importantes que marcaram suas histórias e explicar as mudanças ocorridas em cada momento da de sua trajetória pessoal e profissional, fazendo com que reconheça em si mesmo situações até então adormecidas. Por meio de uma prática reflexiva formativa, o sujeito identifica importantes elementos do passado que esclarecem as práticas que realiza no presente (BOLÍVAR, 2002).

Diante desse movimento formativo de identificação e compreensão dos incidentes críticos na trajetória pessoal e profissional do fisioterapeuta docente, a partir da construção dialógica e colaborativa, apresenta-se no próximo subitem a relevância do processo de rememoração, o compartilhamento das narrativas e a relação das experiências no espaço-tempo, que constituem as histórias individuais e coletivas.

2.1.5 Espaço-tempo vivido: um encontro dialético entre Memória, Narrativa e Experiência na contemporaneidade

As palavras são mágicas.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam o nosso pensamento [...] pensar [...] é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 21).

A compreensão e discussão dos termos memória, narrativa e experiência torna-se fundamental no campo da pesquisa biográfica-narrativa, pois o ser humano, definido por Aristóteles como “vivente dotado de palavras”, encontra na força das diversas palavras alicerce para constituir pensamentos, compor realidades e estabelecer sentidos (BOLÍVAR, 2002; LARROSA, 2002).

As experiências constituídas no percurso da existência humana são resgatadas por meio de memória e ressignificadas a partir do compartilhamento reflexivo do relato narrado (BRAGANÇA, 2009).

Ao contar suas histórias por meio da narrativa, o sujeito compartilha experiências vividas que foram cuidadosamente guardadas na memória. A narrativa não ocorre porque o sujeito tem uma história, mas a história existe porque é compartilhada por meio da narrativa (BOLÍVAR, 2002; PASSEGGI, 2011).

A palavra experiência têm origem do latim, “*experiri*”, que significa provar, no sentido de desvelar o desconhecido de maneira singular, subjetiva e especial, que evidencia o caráter único da experiência, pois, mesmo que diferentes sujeitos experimentem um acontecimento em comum, cada um responderá a ele de forma particular, atribuindo-lhe seus próprios sentidos (LARROSA, 2002).

O sujeito da experiência, para Larrosa (2002), é compreendido como um ser disponível, receptível e aberto aos acontecimentos e, conseqüentemente, a sua própria transformação.

A experiência é quando algo de fato acontece no sujeito, no profundo sentido de tocar, afetar e transformar sua realidade existencial. Dessa forma, o sujeito que sofre a experiência assemelha-se a uma superfície sensível, na qual o acontecimento deixa marcas, vestígios, impressões e, inevitavelmente, memórias (BRAGANÇA, 2009; LARROSA, 2002).

O saber da experiência constrói-se a partir do movimento relacional entre o conhecimento e a vida humana, na medida em que o sujeito elabora e atribui sentido aos acontecimentos ao longo de sua trajetória. Assim, a singularidade da experiência define a forma única de o ser humano ser e estar no mundo, visto que por meio dela é possível apropriar-se intimamente da própria vida. Isso significa que, ao enfrentar o mesmo acontecimento, as pessoas passam por experiências diferentes, que resultam em processos formativos distintos (LARROSA, 2002).

Para viver a experiência é preciso desacelerar, sendo necessário dispor de tempo para reflexão, tempo potencialmente formador, que não se distancia do espaço em que a vida acontece e permite que o sujeito seja verdadeiramente tocado e afetado pelas diferentes situações por que passam ao longo da vida. Esse sem dúvida é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade contemporânea, imersa em um ritmo acelerado que dificulta e compromete o tempo da experiência, que requer parar e lentamente experimentar, pensar, olhar, escutar, sentir, falar, calar, bem como apreciar os detalhes, promover a arte do encontro e presentear-se com tempo e espaço (BRAGANÇA, 2009; LARROSA, 2002).

Nessa perspectiva, viver a experiência implica ter disponível dois conceitos importantes da física que pedimos licença para utilizar: tempo e espaço. Isso porque não há espaço sem tempo, bem como não há tempo sem espaço, no percurso da vida (BRAGANÇA, 2009; RICOEUR, 1994).

Não há dúvidas de que o ser humano é submetido a “*cronos*”, ao contar os segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos no decorrer de sua existência, ao mesmo tempo em que cria a ilusão de controle sobre ele, separando as dimensões tempo e espaço na aceleração contemporânea que o toma e que compromete sua experiência (BRAGANÇA, 2009; RICOEUR, 1994).

Ao longo da vida o ser humano vivencia diariamente várias situações, que acontecem no decorrer da vida em um movimento conformador. Assim, o sujeito contemporâneo, imerso em um ritmo acelerado de muito trabalho, tecnologia e informação, repleto de opiniões e julgamentos muito vivência, porém pouca experiência (BRAGANÇA, 2009; LARROSA, 2002).

Larrosa (2002), fazendo referência a Walter Benjamin, evidencia o declínio das experiências da “sociedade contemporânea”, altamente informada, que dá origem a sujeitos preocupados em estar bem informados para que se tornem bons informantes. Logo a “sociedade do conhecimento” é sufocada pela “sociedade da informação”, na qual, ao mesmo tempo em que muito se sabe, pouco se conhece.

O sujeito moderno, diariamente bombardeado por uma avalanche de informações, é acelerado, superestimulado, hiperativo, repleto de opiniões, e transfere para o ato de “fazer coisas” a sua existência, relacionando-se com os acontecimentos de sua vida do ponto de vista da ação, e não da reflexão (BRAGANÇA, 2009; LARROSA, 2002).

Na sociedade contemporânea, os tempos e espaços necessários para a elaboração e reflexão do vivido estão cada vez mais comprometidos. Os espaços não são mais suficientes e os tempos são negociados como mercadorias de troca, em meio à rotina avassaladora da sociedade moderna. Assim, é preciso aproveitar o tempo de que se dispõe, para evitar a não retenção dos fatos na memória (LARROSA, 2002).

A contemporaneidade apresenta aos indivíduos a combinação de inúmeros acontecimentos em constante substituição e indivíduos que se chocam com frequência ao mesmo tempo em que nada lhes acontece (LARROSA, 2002).

Esse cenário justifica a importância de se proporcionar espaço e tempo formativo de rememoração, reflexão, elaboração e compartilhamento narrativo de experiências que possam contribuir para importantes reflexões sobre os caminhos da construção docente ao longo da vida. Justifica também a relevância dos processos de formação docente para atuação em nível superior na área da Fisioterapia e dos avanços técnicos e científicos que venham a permear as especialidades fisioterapêuticas.

3 MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO

O método, o caminho pelo qual o pesquisador percorre a sua trajetória de investigação de ordem científica, é composto por um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que possibilitam o alcance dos objetivos de pesquisa por meio da problematização (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Nessa concepção é necessário abandonar a descrição simplista, ainda bastante utilizada sobre o termo metodologia, rompendo as fronteiras propostas meramente a descrição de um conjunto de técnicas e procedimentos destinados a coleta de dados, para então desvelar os caminhos a serem percorridos com riqueza de detalhes. Incluem-se, portanto, concepções teóricas, técnicas de pesquisa e a própria criatividade do pesquisador, que a partir do movimento de seus pensamentos busca compreender a realidade social em um contexto dinâmico, não previsível, constituído de diferentes situações que se misturam à vida humana (BRAGANÇA, 2009; GONSALVES, 2001).

A escolha do tipo de metodologia depende da natureza e da complexidade do objeto de estudo da pesquisa, que revela o percurso científico a ser seguido pelo pesquisador durante a investigação, com detalhamento e elucidação dos fatos.

[...] métodos significa o caminho para chegar a um fim, enquanto logos indica estudo sistemático, investigação. Assim, no sentido etimológico, metodologia significa o estudo dos caminhos a serem seguidos, incluindo aí os procedimentos escolhidos (GONSALVES, 2001, p. 62).

Diante da diversidade de caminhos existentes na trajetória teórico-metodológica no campo da investigação (auto)biográfica, optou-se por desvelar a abordagem biográfico-narrativa. Esse campo metodológico, ainda novo na área das ciências da educação, por se tratar de uma perspectiva amplamente utilizada nos anos 1920 e 1930 pelos sociólogos da Escola de Chicago, caiu em quase completo desuso nas décadas seguintes, e conquistou novamente o seu espaço por volta dos anos 1980 e 1990, quando a figura central do docente no eixo da educação chamou a atenção dos pesquisadores na busca por conhecer aspectos pessoais e profissionais desses sujeitos (BUENO, 2002). Foi a partir dessa época que, segundo Bolívar (2007), os estudos e pesquisas concentraram a subjetividade ao dar espaço a publicações destinadas a investigações sobre a vida dos docentes, suas trajetórias profissionais e suas autobiografias. Revelou-se, então, importante movimento que se apresenta como instrumento de reflexão e automação profissional:

[...] trata-se de ver a formação dos professores como um processo de desenvolvimento pessoal, além de profissional, cuja trajetória e cujo percurso deram lugar a uma determinada identidade profissional. Os professores transmitem um currículo, mas eles próprios são fruto [...] do conjunto de vivências, aprendizagens, etc. (BOLÍVAR, 2007, p. 13).

O método de pesquisa biográfico-narrativo rompe o construto teórico-metodológico da pesquisa formal, no sentido de não se traduzir em uma técnica composta unicamente por coleta e análise dos dados, mas em uma abordagem dialógica que privilegia o movimento de interação entre a prática da investigação e a construção do conhecimento (BRAGANÇA, 2009).

Nessa abordagem dialógica proposta, a investigação opta epistemologicamente pelo esclarecimento do saber latente, a partir da construção conjunta entre o pesquisador, responsável pela lógica-formal na investigação e pela construção dos conhecimentos científicos, e o sujeito investigado, que conta suas histórias em um movimento de partilha. Nessa perspectiva, tanto o pesquisador quanto o sujeito assumem posição central no processo de conhecer, por meio da compreensão de que as experiências ao longo da vida não se limitam somente a sua expressão, sendo necessária a colaboração do pesquisador na análise do sentido e coerência (BOLÍVAR, 2002; BRAGANÇA, 2009).

A autobiografia imersa no mundo pessoal e profissional coloca o indivíduo diante de um importante movimento reflexivo estimulado por sua narrativa, que permite dar sentido às experiências, compreender as atitudes do presente e se reinventar a partir de um pensamento organizado, apresentado de uma nova forma até mesmo para o próprio participante, que descobre ser dono de um conhecimento importante para o pesquisador (BOLÍVAR, 2002; PASSEGGI, 2011). Dessa forma, o método biográfico-narrativo é resultado da interação do próprio participante, e, seu contexto, ao longo do tempo, por meio de um processo artesanal, na tessitura da constituição histórica do eu, que ocorre a partir das narrativas sobre seu percurso histórico de vida (BOLÍVAR, 2002; BRAGANÇA, 2009).

Esse método permitiu compreender como os fisioterapeutas docentes dão sentido ao seu trabalho, bem como os caminhos que os levaram a atuar nos diferentes contextos educacionais. Por meio de um caráter biográfico, que possibilitou a narrativa de suas trajetórias de vida e profissional, que foram interpretadas em primeiro momento pelo pesquisador e reconstruídas pelos próprios participantes da pesquisa, na perspectiva da construção de sínteses biográficas de suas histórias, foi possível compreender os significados e influências dos momentos marcantes identificados ao longo de suas trajetórias.

Portanto, na perspectiva de mapear as trajetórias de uma categoria específica de docentes, os fisioterapeutas do curso de Fisioterapia, utilizou-se o método biográfico-narrativo para buscar uma epistemologia de formação incorporada à complexidade existencial (BOLÍVAR, 2002; BRAGANÇA, 2009; PASSEGGI, 2011), que possibilitou evidenciar os acontecimentos biográficos que se constituíram como experiências formadoras nas trajetórias profissionais do grupo.

No entanto, considerando a abordagem dialógica de construção colaborativa do saber biográfico privilegiada no campo da pesquisa (auto)biográfica, buscou-se, ao longo do desenvolvimento da dissertação, compartilhar os caminhos trilhados pela pesquisadora, que afetou-se e transformou-se profundamente ao longo da tessitura da pesquisa. Tais caminhos pouco a pouco foram evidenciados por meio dos Fragmentos do Vivido que ao longo dos capítulos desvelaram a trajetória autobiográfica da pesquisa científica.

3.1 Fragmentos do vivido: um caminho oportunizado pelo Método Biográfico-narrativo

O Fragmentos do Vivido apresentou-se como um espaço-tempo de autorreflexão sobre a trajetória da pesquisa com base no método biográfico-narrativo, o qual ultrapassa as fronteiras da ciência e se mistura à vida humana (BRAGANÇA, 2009). Tratou-se de um movimento formativo construído de forma peculiar, no qual a pesquisadora compartilhou, ao longo dos capítulos da dissertação, acontecimentos biográficos marcantes, emoções, impressões, memórias e afetos, por meio de relatos escritos em primeira pessoa e com importante tom de confiança, que constituíram o percurso metodológico e a trajetória investigativa de sua pesquisa científica.

Em meio acadêmico, em primeiro momento, os relatos descritos e organizados no Fragmentos do Vivido poderiam ser amplamente compreendidos como diário de campo, em que o pesquisador, de forma intencional e cronológica, descreve expectativas, conversas informais, impressões pessoais, sentimentos, emoções, expressões corporais do sujeito e acontecimentos do percurso metodológico de sua pesquisa que o gravador não registra (ARAÚJO *et al.*, 2013; OLIVEIRA, 2014).

Entretanto, com inspiração no Livro da Vida, no qual Bragança (2009) generosamente compartilhou os caminhos trilhados ao longo de sua pesquisa realizada com seis professoras portuguesas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico de Lisboa, Porto e Évora, e seis professoras brasileiras dos primeiros anos do Ensino Fundamental de São Gonçalo, Rio de Janeiro e Bom Jesus do Itabapoana, o Fragmento do vivido transcendeu as fronteiras do diário de campo e apresentou as particularidades dos caminhos da pesquisa biográfico-narrativa, na medida em que a pesquisadora experienciou acontecimentos que motivaram reflexões, rememoração e transformação.

Isso explica o percurso não linear dos registros realizados de forma genuína e pouco sistemática pela pesquisadora, que ao longo do compartilhamento de sua narrativa se desprende do formalismo acadêmico e revelou expectativas, sentimentos, silêncios, sabores e sabores que compuseram e marcaram a trajetória de sua pesquisa biográfico-narrativa no âmbito da docência em Fisioterapia.

Primeiro Fragmento do Vivido - Pesquisa biográfica: um grato encontro

Sinto-me tocada durante a palestra da professora Dra. Inês Bragança, que nos convida a uma viagem sobre pesquisa e formação. Identifico-me com sua postura, seu tom de voz e a forma como compartilha a ciência. Ao longo de sua narrativa, amplio meus horizontes como pesquisadora ainda iniciante e encontro profunda motivação para trilhar os caminhos da construção do conhecimento de forma partilhada. Emociono-me e reconheço-me profundamente em sua narrativa de apresentação, na qual relata que nossas coisas falam sobre nós e contam nossas histórias. Acredito que nesse momento ressignifico meu encanto pela pesquisa (auto)biográfica, biográfico-narrativa, no sentido de compreender a ciência atrelada à vida humana. Assim como Bragança (2001), meus arquivos pessoais ocupam um lugar muito especial em minha vida, pois sempre tive muito afeto pelas fotografias, cartas, diários de viagens, vestígios que contam a longa história de minha existência nos diferentes espaços e tempos em que a minha vida acontece (RICOEUR, 1994). Então, durante aquele encontro pensei que, como pesquisadora, se quero ir a campo desvelar meus questionamentos por meio da abordagem biográfico-narrativa, na perspectiva de um modelo dialógico e de partilha (BOLÍVAR, 2002), nada mais respeitoso e empático que eu compartilhe a minha própria história com os fisioterapeutas docentes da pesquisa: quem sou? de onde venho? para onde almejo ir? Compartilhando com os participantes os acontecimentos marcantes desse fio condutor da temporalidade, ao final da palestra tenho a preciosa oportunidade de conversar com as professoras Bragança, Bocarra e Ávila sobre a ideia desta apresentação. E assim nasce a proposta de construção do vídeo autobiográfico, na perspectiva de me apresentar ao participante da pesquisa. Sinto-me muito feliz, motivada, tomada por muitas ideias, volto para minha cidade de origem refletindo sobre todas aquelas questões discutidas e encontro sentido em cada uma delas. 12 de setembro de 2017.

3.2 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa do problema, com base no método de pesquisa biográfico-narrativo, com a finalidade de conhecer as experiências ao longo das trajetórias profissionais dos fisioterapeutas que se tornaram docentes no ensino superior em Fisioterapia.

A abordagem qualitativa, utilizada neste estudo, explorou as características dos participantes, incluindo o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações. Tais processos não podem ser reduzidos a análise estatística das variáveis (MYNAIO, 2001), para tornar lógica dessa abordagem apropriada ao estudo, pois o tema central encontra-se nos fisioterapeutas docentes e nos relatos sobre suas trajetórias profissionais e relações com o mundo.

O ser humano, em sua essência, constituiu-se, ao longo de sua existência, a partir da fascinante necessidade de ouvir e narrar histórias. Na medida em que o passado é revisitado por meio do resgate das memórias, o sujeito, não só descreve as formas pelas quais experimenta o mundo em que vive, como também se reconhece em suas próprias histórias, na história do outro e do lugar que habita, na perspectiva de um encontro dialético entre as expectativas do presente e os planos para o futuro (BOLÍVAR, 2002; BRAGANÇA, 2009; BULHÕES, 2009; CLANDININ e CONNELLY, 1995).

Observar e transcrever as narrativas e ações, à luz dos atores que contam suas histórias torna-se uma perspectiva peculiar desse tipo de pesquisa (BOTÍA, 2002), pois é por meio da investigação narrativa que se percebe a forma como os seres humanos experimentam o mundo. Esta é a premissa, a de que os docentes são personagens de suas histórias pessoais e sociais, e ao também constituírem as histórias contadas e vividas pelo seu grupo de pertença (DUBAR, 2005; CLANDININ e CONNELLY, 1995).

Sendo assim, a utilização desse tipo de pesquisa viabilizou a construção das (auto)biografias relevantes ao mapeamento do perfil profissional do fisioterapeuta que seguiu a carreira docente, no sentido de ampliação da compreensão das experiências passadas, condições do presente e projeções do futuro que tiveram impacto sobre suas trajetórias profissionais.

3.3 Quem participou?

Participaram da pesquisa todos os dez (10) docentes fisioterapeutas (cinco (05) do sexo feminino e cinco (05) do sexo masculino) que compunham o quadro de professores do curso de graduação em Fisioterapia de uma faculdade localizada na região do vale do Paraíba paulista. Esses docentes lecionavam disciplinas das “Ciências da Fisioterapia”, as quais referenciam as disciplinas específicas do campo de atuação profissional do fisioterapeuta, conforme descrito nas DCN (BRASIL, 2002). Os profissionais tinham formação acadêmica em Fisioterapia, Pós-graduação *Lato Sensu* (especialização) e *Stricto Sensu* (mestrado e/ou doutorado). Esses foram os critérios de inclusão no estudo; como critério, de exclusão, o desejo de não participar.

Segundo Fragmento do Vivido - Caminho de construção das (auto)biografias

A escolha por um universo de pesquisa tão marcante em minha trajetória pessoal e profissional constituiu caminho muito especial para a construção das (auto)biografias na pesquisa. Foi um caminho repleto de reencontros, pois tive a oportunidade de revisitar pessoas e compreender suas trajetórias ao mesmo tempo em que me reencontrava com os espaços, lugares e fragmentos de minha própria história, repletos de sentidos existenciais. Neste momento tenho a oportunidade de refletir profundamente sobre o triplice presente de Ricoeur (1994), eu ali estava, sentada entre uma entrevista e outra, no mesmo banco do pátio central, frente ao campo verde e suas árvores, no qual minhas perguntas no passado eram construídas. Reconheço e reafirmo minhas escolhas do presente e ali mais uma vez projeto meus planos e sonhos, no que chamo de futuro. Sou tomada por muitas lembranças, emoções e um importante sentimento de gratidão à pesquisa biográfica, que em seus movimentos me apresentava preciosa experiência de reconhecer e reconstruir minha própria história. A cada encontro presencial na posição de pesquisadora, ao longo das narrativas dos participantes da pesquisa, não estive ausente ou imune a elas. Permiti-me ser afetada na espiral dos acontecimentos narrados, ao consentir que as minhas próprias lembranças do passado fossem resgatadas por meio da memória, oportunizando a experiência de partilhar dialeticamente os acontecimentos da vida humana, ora de maneira distante, ora de maneira muito próxima daqueles fisioterapeutas docentes. 23 de fevereiro de 2018.

3.4 Instrumentos para a construção das (auto)biografias

Vários instrumentos podem ser combinados na realização da pesquisa qualitativa, no sentido de promover um conhecimento mais profundo da realidade estudada (MINAYO *et al.*, 2010).

Foram utilizados dois tipos de instrumentos, com a finalidade de atingir os objetivos propostos, a saber:

- 1. Formulário sociodemográfico e de formação acadêmica do fisioterapeuta docente (APÊNDICE B), para obtenção das seguintes informações: sexo, idade, estado civil, número de filhos, formações acadêmicas e tempo total na docência. O objetivo foi identificar os dados sociodemográficos e conhecer as formações acadêmicas dos fisioterapeutas docentes que compunham o grupo.
- 2. Entrevista biográfico-narrativa (APÊNDICE C), tendo como base a questão desencadeadora: *A escolha profissional é uma importante decisão na vida de uma pessoa, ao nortear os caminhos que irão constituir a sua própria história de vida. Conte-me como aconteceu a sua história na docência.*

Nesse sentido, para construção do instrumento foram considerados os critérios preconizados por Szymanski (2011). Na realização de uma entrevista reflexiva e em profundidade, respeitaram-se primeiramente os objetivos do estudo, para elaboração de uma questão com satisfatória amplitude que motivasse revelações pertinentes ao tema estudado. Procedeu-se à escolha apropriada, tanto do termo interrogativo, quanto dos demais termos que constituíram o questionamento, considerando o universo linguístico do entrevistado e procurando evitar indução de respostas, com o propósito de estimular a livre narrativa do fisioterapeuta docente sobre sua trajetória profissional.

Para a compreensão da trajetória narrada pelo fisioterapeuta docente, no sentido de contribuir com a questão desencadeadora, optou-se por utilizar também, caso necessário, um roteiro norteador (APÊNDICE C), composto por outros dois questionamentos:

- 1. Quais acontecimentos (pessoas, momentos, fatos pessoais, organizacionais e sociais) motivaram a sua escolha pela carreira docente?
- 2. De que forma esses acontecimentos marcaram a sua trajetória profissional?

O roteiro norteador é um importante instrumento para a condução da entrevista, caso o entrevistado não aborde em sua narrativa aspectos relacionados às temáticas ou se afaste dos objetivos da pesquisa (SZYMANSKI, 2011).

Cabe ressaltar que, nas ciências humanas, a investigação é destinada a um participante interativo, o que leva os instrumentos propostos à construção das (auto)biografias assumirem uma lógica interativa (SZYMANSKI, 2011), por meio de dimensões, amplitudes e profundidades únicas e dependentes do nível de compartilhamento dos participantes.

3.5 Ensaio

Previamente ao encontro com os participantes da pesquisa, foi realizada uma entrevista-ensaio, a qual viabiliza o processo de ampla reflexão sobre a própria metodologia da pesquisa (BRAGANÇA, 2009). O ensaio ocorreu na perspectiva de verificar se a pergunta desencadeadora atendia com clareza aos objetivos do estudo, bem como identificar três importantes elementos que devem constituir o instrumento de construção de dados: fidedignidade, validade e operatividade (LAKATOS; MARCONI, 1995).

Assim, foram realizadas duas entrevistas com dois fisioterapeutas docentes que lecionavam fora do lócus da pesquisa e que aceitaram participar, obedecendo-se aos mesmos procedimentos da entrevista oficial. Para tanto, foi enviada uma carta de apresentação do estudo (APÊNDICE A), no sentido de esclarecimento dos objetivos da pesquisa, via correio eletrônico. Após o aceite foram agendados dia e horário para a realização da entrevista biográfico-narrativa.

A experiência de realização da entrevista-ensaio oportunizou vivenciar e aprender questões que possivelmente poderiam ser encontradas no campo investigativo. Isso porque que cada encontro com o indivíduo desvela momentos únicos, narrativas que seguem um movimento próprio, diferentes emoções e tempos que constituem caminhos que não são evidenciados na literatura e sim construídos ao longo dos desdobramentos entre o planejado e vivido (BRAGANÇA, 2009). A experiência possibilitou, tanto vivenciar a fidedignidade, validade e operatividade dos instrumentos, quanto oferecer à pesquisadora experiência, maior segurança e ponto de equilíbrio na utilização dos instrumentos e na condução da entrevista.

3.6 Procedimentos para construção e análise das (auto)biografias

Terceiro Fragmento do Vivido - O reencontro com o saudoso laboratório de anatomia

Ao entrar no saudoso laboratório de anatomia, local no qual uma das entrevistas foi realizada, deparei-me com o forte cheiro de formal, sim, aquele mesmo cheiro que senti pela primeira vez há 14 anos, que na época me colocava frente a uma das escolhas mais importantes da minha vida, tornar-me fisioterapeuta. Nesse momento observei a exposição das peças anatômicas, as bancadas dispostas exatamente nos mesmos lugares. Pergunto ao participante se posso ficar olhando por alguns minutos aquele lugar. Andando em meio às bancadas, resgato imediatamente em minha memória muitas lembranças vividas naquele espaço, e reencontro-me com a jovem de 17 anos, encantada e também muito assustada com a nova fase de sua vida. Lembro-me do meu coração acelerado ao realizar as provas práticas de anatomia, da ansiedade de me dedicar ao máximo a cada questão apresentada, escuto nitidamente o som do sino que a professora tocava ao término do tempo de realização de cada questão, lembro do nó na garganta e das lágrimas que corriam pelo meu rosto em decorrência do imenso medo de falhar. Naquela época eu pensava no quanto gostaria que meus pais se orgulhassem de mim. Desejava ser a melhor aluna que eu pudesse ser, buscava saber detalhadamente cada uma daquelas estruturas anatômicas do corpo humano, considerava que o máximo de minha dedicação ainda poderia ser pouco. Sem dúvida, naquele dia me reencontrei com um dos momentos mais marcantes e difíceis de minha trajetória formativa, momento em que precisei buscar o equilíbrio para prosseguir o meu sonho. Agradeço a oportunidade ao participante, e então percebo que a atividade relacional humana expressa em todo o processo reflexivo da entrevista biográfica, como referenciado por Szymanski (2011), é permeado de emoções e sentimentos. 22 de fevereiro de 2018.

A construção das (auto)biografias ocorreu somente após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté (UNITAU), (ANEXO V), conforme parecer número 2.344.996 e após autorização formal do responsável pela instituição em que a pesquisa foi realizada (ANEXO II). Para tal, foi primeiramente enviado um ofício solicitando essa autorização (ANEXO I), e na ocasião foram esclarecidas as dúvidas relacionadas à pesquisa e explicaram-se os objetivos do estudo à direção da faculdade.

Após autorização formal da faculdade, o contato inicial com os fisioterapeutas docentes foi realizado individualmente. O agendamento foi feito por meio de contato telefônico e envio de uma carta de apresentação (APÊNDICE A), via correio eletrônico, na qual foram descritos dados importantes sobre a pesquisadora, sua instituição de origem, o tema e os objetivos da pesquisa, no sentido de esclarecer a finalidade do estudo, garantir o anonimato dos participantes e da instituição e seu direito de desistir de participar do estudo a qualquer momento.

Após o envio da carta de apresentação do estudo e o aceite do fisioterapeuta docente, foi enviado um vídeo autobiográfico de apresentação da pesquisadora, também via contato

eletrônico, três dias antes do encontro presencial. Esse vídeo foi utilizado com o objetivo de aproximação e estímulo para a narrativa presencial dos participantes da pesquisa, por meio da estratégia denominada autobiografia cinematográfica.

Por meio do vídeo, a pesquisadora deixou de ser apenas a investigadora oculta na tessitura metodológica do estudo para se tornar protagonista no processo de construção do conhecimento, a partir do compartilhamento de sua própria história, cuidadosamente selecionada e organizada de forma cronológica, na perspectiva de apresentar-se ao sujeito investigado. Tratou-se de reconstruir o relato biográfico em sua essência relacional e comunicativa, objetivando estabelecer uma condição de recepção agradável da narrativa da pesquisadora, fator importante para se estimular o processo de construção e compartilhamento da narrativa do participante (BOLÍVAR, 2012; BRAGANÇA, 2009).

Cabe evidenciar que o vídeo não se tratou apenas de uma autobiografia feita pela pesquisadora livremente, pois foi construído com importante rigor teórico-metodológico.

Para tanto, foi elaborado em primeiro momento um roteiro destinado à reconstrução da trajetória profissional da pesquisadora: datas importantes, fatos marcantes de sua vida pessoal e profissional, pessoas e acontecimentos impactantes, escolhas realizadas e sentidos atribuídos a cada uma delas. Esse roteiro foi organizado de forma cronológica, o que viabilizou a estruturação temática da narrativa.

Em segundo momento, a pesquisadora selecionou cinco registros fotográficos em seu álbum de recordações, no sentido de evidenciar momentos importantes de sua trajetória. As fotografias (Figura 2) retratam a pesquisadora com seu pai, seu casamento, sua formatura em bacharel em Fisioterapia, sua convivência em meio às alunas e seu fazer profissional como fisioterapeuta docente.

Figura 2 - Registros fotográficos que marcaram a trajetória da pesquisadora



Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Mesmo que a temática central do relato de vida no vídeo autobiográfico fosse em torno da história profissional da pesquisadora, a dimensão pessoal seria inerente ao longo de todo o processo, pois não se pode silenciar o eu individual, especialmente na construção de dados no âmbito da docência, em que o pessoal e o profissional são dimensões intimamente ligadas na vida do indivíduo que constrói sua realidade profissional em processo conjunto com o desenvolvimento pessoal (BOLÍVAR, 2002).

Por esse motivo, a escolha do cenário considerou a preferência pessoal da pesquisadora em relação à natureza expressa pelo jardim no qual a filmagem (Figura 3), foi realizada.

Para a confecção do vídeo autobiográfico foram tomados os seguintes cuidados audiovisuais: a pesquisadora e também personagem principal foi preparada, colocando microfone de lapela, na perspectiva de obtenção da narrativa, e a captação de imagem foi realizada por meio da câmera DSLR, da marca SONY modelo Alpha 77. Após a gravação em som e imagem da trajetória profissional da pesquisadora, foi realizada a edição em software denominado Adobe Premiere®, dando origem à autobiografia em filme constituída por meio da sincronia e interação de imagens, narrativas e registros fotográficos ao longo de nove

minutos e 46 segundos, A pesquisadora assume posição central em todo o processo, como roteirista, autora, narradora e diretora.

Figura 3 - Filmagem do vídeo autobiográfico



Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Ao longo da exibição dos registros fotográficos no decorrer do vídeo autobiográfico, a narrativa da pesquisadora, que ao mesmo tempo que narra também é narrada, apresentou-se como ponto de conexão e afastamento entre o presente expresso pela narrativa de sua trajetória e o passado compreendido pela fotografia do momento narrado. A contribuição tecnológica responsável por colocar a dispor as diferentes dimensões temporais facilita a compreensão do telespectador sobre a trajetória apresentada (MOURÃO, 2016).

Por se tratar de um universo de pesquisa constituído por docentes fisioterapeutas que lecionam disciplinas no curso de graduação em Fisioterapia, a partir da formação “*cartesiana*”, baseada no modelo positivista, optou-se por iniciar o vídeo autobiográfico com a narrativa que apresenta as particularidades da abordagem narrativa (auto)biográfica. As imagens revelaram uma diretora/autora/narradora e também protagonista que se expressa em íntima relação com a câmera, ao contar ordenadamente, com base nos fragmentos de sua memória, as histórias as histórias sobre os caminhos que percorreu ao longo de sua trajetória pessoal e profissional.

O movimento de ruptura da linearidade cronológica da narrativa pode ser revelado a partir do ir e vir das lembranças que se traduziram em sentimentos e emoções demonstrados pela pesquisadora ao longo de sua narrativa. E é nessa perspectiva que se pode evidenciar o

¹ Link para acesso do Vídeo Autobiográfico da pesquisadora: <https://youtu.be/l3LTjOqXwHo>

quanto narrar histórias, motiva o indivíduo a reviver, refletir, sentir e conseqüentemente transformar sua realidade. O material filmico editado foi gravado em arquivo MP4, contendo 62.913 KB.

Quarto Fragmento de Vivido - O reencontro com minha própria história

A construção do vídeo autobiográfico foi um momento marcante, único, em que tive a oportunidade de revisitar meus preciosos arquivos pessoais, meus registros, minhas fotografias. Defino esse momento como tempo das recordações, quando na espiral das lembranças posso voltar ao passado e reencontrar minha própria história. Sou tomada por muitas emoções, e sinto gratidão, não só pelo caminho trilhado, mas também pelas pessoas que fizeram parte da minha caminhada, saudades de um tempo que não volta. Não contendo as lágrimas ao compor a minha história, a qual, mesmo repleta de desafios, medos, angústias, é linda aos meus olhos, pois traz com ela afetividade familiar, religiosidade e escolhas feitas ao longo do percurso da vida. Hoje, aos 30 anos, vivencio sem dúvida o momento mais difícil de minha vida pessoal, que me afetou profundamente e certamente me transformou em um ser humano diferente. Encontro na oportunidade de construção do vídeo autobiográfico importante momento de reflexão. Reafirmo minhas escolhas e penso sobre minhas práticas pessoais e profissionais, ao mesmo tempo em que me sinto protagonista de minha história, construída a partir de muitos desafios e conquistas. Encontro motivação para seguir em frente, reencontro-me com minha essência e sou tomada por um imenso sentimento de gratidão à vida, que me proporcionou tanto, que me trouxe sorrisos e prantos ao longo de uma trajetória única e inesquecível. 17 de novembro de 2017.

Os fisioterapeutas docentes da instituição participante, bem como os que realizaram a entrevista piloto que concordaram em participar da pesquisa assinaram, em duas vias, uma da pesquisadora e outra do próprio participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO III) e o Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito (ANEXO IV), seguindo as determinações da resolução 466/2012 das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012).

Iniciou-se a construção das (auto)biografias, em primeiro momento, por meio de investigação documental (APÊNDICE B), para conhecer o sexo e as formações acadêmicas dos fisioterapeutas docentes. Para isso, consultou-se o currículo Lattes dos participantes, disponível na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Identificaram-se pós-graduações, instituições frequentadas e ano de início e conclusão dos cursos. As outras informações relacionadas a idade, estado civil, número de filhos e tempo total na docência foram complementadas no encontro presencial, ao início da entrevista biográfica-narrativa.

A entrevista biográfico-narrativa (APÊNDICE C) foi realizada em dia e horário previamente agendados, de acordo com a disponibilidade e preferência do participante, em local reservado que melhor atendeu aos propósitos da investigação. Foram dois encontros, o primeiro deles destinado à exploração da história profissional do participante, com início a partir de uma conversa informal, no sentido de constituir uma relação de proximidade, empatia e conforto entre pesquisadora e participante. Essa estratégia é recomendada por Szymanski (2011), que defende a importância do momento inicial da entrevista para a qualidade e profundidade do compartilhamento dos relatos.

Em seguida, realizou-se a pergunta desencadeadora, sinalizando o início do encontro que foi gravado em mídia digital, após autorização do participante. As entrevistas foram gravadas, transcritas e organizadas cronologicamente em sínteses esquemáticas denominadas por Bolívar (2002) de Biogramas. As gravações e as transcrições serão guardadas pela pesquisadora por cinco anos, após esse período as mídias digitais serão apagadas e as transcrições serão destruídas.

Durante a condução da entrevista foi respeitada a liberdade de narrativa do fisioterapeuta docente, entretanto a pesquisadora buscou a garantia de informações necessárias para a pesquisa, utilizando os procedimentos definidos por Szymanski (2011), como: expressões de compreensão e de sínteses, questões de esclarecimentos, focalizadoras e de aprofundamento. As questões do roteiro norteador (APÊNDICE C), foram utilizadas somente quando os participantes se afastaram dos objetivos da pesquisa ou não abordaram em suas narrativas aspectos relacionados as temáticas esperadas. Foi uma importante estratégia, pois o pesquisador, ao longo de sua condução, ultrapassa as fronteiras da busca de informações e destina atenção sobre a própria vida do participante, durante um intenso e correspondido diálogo, ao permitir que ele retome de forma retrospectiva suas vivências e experiências com exaustiva interpretação (MINAYO, 2001).

Quinto Fragmento do Vivido - Fisioterapeutas docentes por meio da lente humana

Ao encontrar cada sujeito, no papel de pesquisadora tive a oportunidade de estar atenta, não somente às narrativas das trajetórias profissionais, mas também às características próprias de cada um, embora a forma de se vestir “aquela tradicional roupa branca, por vezes acompanhada do jaleco”, o tom de voz, “alguns em alto e imponente som, outros suaves e aveludados” e o jargões “típicos da profissão” fossem os mesmos, eu me surpreendia com fisioterapeutas docentes mestres e doutores desprendidos do formalismo acadêmico, entregues à entrevista como si próprios, seres de coração aberto, que narravam suas histórias de forma genuína, partilhavam lembranças, sorrisos, lágrimas e silêncios de forma muito generosa. Percebi, em suas posturas corporais, receptividade e curiosidade inicial, mediante a diversidade de figuras que coloquei sobre a mesa, no início de nossa conversa, que retratavam amplamente questões relacionadas à vida e ao fazer profissional fisioterapêutico e docente. Mediante a pergunta desencadeadora, no decorrer da conversa os gestos apareciam na espiral das lembranças, afirmando os acontecimentos felizes e difíceis. Então era possível perceber o brilho no olhar, quando as situações que os tocavam e as emoções eram desveladas por sorrisos e lágrimas, em meio a emocionados relatos. Esses sinais evidenciavam pontos de atenção para possível identificação dos incidentes críticos que compunham cada trajetória (BOLÍVAR, 2002). 23 de fevereiro de 2018.

Como estratégia de estímulo das narrativas durante a entrevista e amparo à questão desencadeadora, no sentido de despertar o processo de rememoração do participante, foram utilizadas oito (8) imagens (Figura 4), selecionadas de forma cuidadosa, na intenção de reproduzir de forma abrangente diversas realidades com as quais os fisioterapeutas docentes pudessem se identificar e reconhecer situações presentes em suas histórias.

Figura 4 - Imagens usadas como estímulo para a entrevista biográfico-narrativa



Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Ao final do compartilhamento das narrativas pelo fisioterapeuta docente, ainda no primeiro encontro, no sentido de conhecer o seu relato de experiência (APENDICE D), mediante as duas estratégias utilizadas na construção dos resultados, foram realizados outros dois questionamentos. O primeiro destinado a conhecer a impressão dos participantes quanto às imagens usadas como estímulo para a entrevista biográfico-narrativa: *Conte-me quais foram as suas impressões a respeito da utilização deste material para a condução da entrevista.* E o segundo questionamento foi destinado a conhecer a importância do vídeo autobiográfico de apresentação da pesquisadora: *A partir da experiência de ter assistido previamente ao encontro presencial, o vídeo autobiográfico da pesquisadora, conte-me quais foram as suas impressões.*

Sexto Fragmento do Vivido - Os redimensionamentos de uma pesquisa viva

Em um primeiro momento, durante uma fase de conversa informal com um dos participantes, destinada ao aquecimento para a entrevista de fato, percebo um certo distanciamento em sua fala repetida [...] minha vida é um livro aberto, tudo o que vou lhe contar, conto para meus alunos mesmo [...] é tranquilo, um livro aberto mesmo [...] vamos lá o que quer que eu conte? (Risório) Em seguida, após a realização da questão desencadeadora, dediquei completa atenção a sua livre narrativa e percebi que, a partir dos movimentos de suas lembranças no decorrer de suas narrativas, as histórias iam se tornando cada vez mais afetivas. Seu envolvimento com as lembranças era notório, o brilho nos olhos se tornava evidente e as histórias eram partilhadas de maneira cada vez mais profunda. Então o participante relatou [...] é, essas histórias meus alunos até sabem, mas não com tantos detalhes [risos e olhos repletos de lágrimas]. Isso foi muito especial, e percebi minha responsabilidade como pesquisadora no campo da (auto)biografia. E as surpresas não pararam por aí, pois no segundo momento, ao questionar esse mesmo participante sobre a experiência de ter assistido ao vídeo autobiográfico, surpreendi-me com o pedido feito por ele: [...] não, acho que não recebi, eu não vi esse vídeo, mas posso assistir agora, se você permitir (Risório). Confesso que, no papel de pesquisadora, não havia pensado sobre essa possibilidade. Em minhas hipóteses, o participante provavelmente iria compartilhar o seu relato ou não, caso não tivesse assistido previamente ao vídeo. Então, tinha uma escolha a fazer, e como pesquisadora permito que ele assista ao vídeo. Naquele momento tive a incrível experiência de observar as reações do sujeito ao conhecer minha trajetória, tive a oportunidade de presenciar sua postura, suas expressões e sua profunda emoção, demonstrada por muitas lágrimas e um breve e profundo relato: [...] eu sou muito emotivo (Risório), seguido de um breve silêncio. 22 de fevereiro de 2018.

Ao encerrar o primeiro encontro, a pesquisadora explicou de que forma seria realizado o segundo encontro e agradeceu ao fisioterapeuta docente o compartilhamento de sua trajetória, pois colocar à disposição da pesquisa científica os acontecimentos pessoais e profissionais é um ato de generosidade (SÁ, 2004). Nesse momento foi possível perceber a atividade relacional humana expressa em todo o processo reflexivo da entrevista biográfico-narrativa, a qual é permeada de emoções e sentimentos (SZYMANSKI, 2011).

Sétimo Fragmento do Vivido - Caminho de fé

A religiosidade sempre foi uma questão muito importante em minha vida, inicialmente passada por meio de valores familiares e fortalecida ao longo de minha trajetória formativa, tanto no colégio de freiras, no qual estudei ao longo do ensino fundamental e médio, quanto na faculdade, que tinha uma proposta educacional baseada na filosofia cristã. Ao retornar hoje, pela primeira vez à faculdade, depois de dez anos de formada, para trilhar os caminhos de construção das (auto)biografias de minha pesquisa do mestrado, tenho a feliz surpresa de encontrar a capela da faculdade aberta, após a última entrevista da noite. Emociono-me, entro e faço uma prece em agradecimento por poder celebrar o meu reencontro com aquele lugar em uma perspectiva tão sonhada. Esse certamente foi um importante marco, repleto de sentido, que me faz refletir sobre as escolhas que tenho feito e sobre a pessoa que estou sendo e na que certamente estou me transformando. 21 de fevereiro de 2018.

3.6.1 Fase de interanálise e construção do Biograma

Oitavo Fragmento do Vivido - O pesquisador em sua fragilidade humana

Hoje finalizei o primeiro ciclo das entrevistas e enfrento, como fisioterapeuta, professora, pesquisadora, esposa e mulher, minhas fragilidades humanas, no sentido de tentar superar o cansaço físico e emocional ao longo do percurso destinado à construção das (auto)biografias. Sinto os reflexos da minha dedicação de corpo e alma a cada encontro e entrevista, estou verdadeiramente esgotada. Uma vez em campo, é preciso que o pesquisador, esteja verdadeiramente envolvido na construção de dados da pesquisa biográfica, no sentido de colocar à total disposição da pesquisa seus olhos, ouvidos, inteligência e sensibilidade na intenção de estar atento a tudo o que poderá ser revelado no momento da entrevista (BERTAUX, 2010). Nesse momento, mesmo tomada pela ansiedade de realização das transcrições das narrativas, preocupada com os prazos a serem cumpridos, dedico-me ao tempo da experiência, no qual desacelero, na perspectiva de refletir sobre cada encontro e reencontro, cada pessoa, cada lugar, e permito-me ser verdadeiramente tocada por meio de um tempo formador, sim, esse tempo é precioso e necessário no processo de mestrado, principalmente para os pesquisadores do campo da pesquisa (auto)biográfica (BRAGANÇA, 2009), 01 de março de 2018.

Após o primeiro encontro entre a pesquisadora e o fisioterapeuta docente, realizou-se a transcrição na íntegra da narrativa em espiral do sujeito, marcada por idas e vindas, imersa no movimento de rememoração própria desse tipo de abordagem, que resultou em um extenso material. A pesquisadora realizou uma primeira análise dos dados, entre o primeiro e o segundo encontro presencial, fase denominada de interanálise (BOLÍVAR, 2002).

Nesse momento, dedicou-se à leitura e releitura minuciosa do conteúdo construído no campo da investigação, na perspectiva de memorizar, identificar e compreender os pontos que o fisioterapeuta docente destacou como marcantes ao longo do percurso narrado. Trata-se de um importante movimento no qual o pesquisador torna-se íntimo dos dados da pesquisa, sendo

capaz de reconstruir e elucidar as informações e os sentidos narrados pelo participante no decorrer da entrevista biográfica de forma esquemática e cronológica (SÁ; ALMEIDA, 2004), por meio de sua iniciativa, habilidade e imaginação, importantes características para a construção de Biogramas (ABEL, 1947).

O Biograma é definido como síntese esquemática que organiza os acontecimentos identificados ao longo da narrativa sobre a trajetória do participante, de forma esquemática e cronológica, permitindo a melhor compreensão de seu percurso (BOLÍVAR, 2002), sem perder a riqueza e diversidade das informações (SÁ, 2004).

Ao utilizar o Biograma em sua pesquisa sobre a trajetória de professores e professoras do curso secundário da província de Granada (Espanha), Bolívar (2002) optou por sistematizar o conteúdo em três diferentes categorias: cronologia/fatos, acontecimentos e incidentes críticos, os quais possibilitaram caracterizar as trajetórias individuais como uma sequência cronológica de acontecimentos. Ao serem ordenados e comparados, os dados apresentaram as similaridades que constituem o perfil profissional de um determinado grupo, sem ocultar as preciosas singularidades do indivíduo, ponto de atenção das pesquisas biográfico-narrativas. Já Sá (2004), ao investigar a trajetória profissional de 24 professores engenheiros, inspirada no modelo proposto por Bolívar (2002), organizou o Biograma em seis colunas sequenciais, que correspondem a: fases da trajetória, cronologia em anos, idade vital, idade profissional, acontecimentos e incidentes críticos.

A partir das pesquisas brasileiras de Alves (2015), Oliveira (2016), Souza (2016) e Grilo (2017), realizadas e discutidas no Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Humano, Identidade e Gênero (NEDEGH), da Universidade de Taubaté (UNITAU), julgou-se necessário incluir uma nova coluna no Biograma, evidenciando trechos do relato do sujeito, na perspectiva de contribuir na interpretação e análise das (auto)biografias.

Dessa forma, organizou-se nesta pesquisa o Biograma em uma estrutura vertical, composto por sete colunas lineares, que correspondem (Quadro 1): às fases da trajetória profissional, à cronologia em anos, à idade vital, à idade profissional, aos acontecimentos / incidentes críticos, à valoração e a trechos que expressam os sentidos.

A primeira coluna do Biograma evidenciou as fases da trajetória profissional do fisioterapeuta docente. Tais fases foram identificadas pela pesquisadora a partir da leitura e releitura da transcrição confirmada pelo sujeito no momento da devolutiva. Nas colunas

seguintes foram apontados: cronologia em anos - que apresenta o ano do acontecimento relatado pelo sujeito; idade vital - evidenciada a partir da idade relatada pelo sujeito durante a narrativa e confirmada a partir do cálculo da data de nascimento; e, idade profissional - calculada a partir do início da vida profissional na Fisioterapia.

Já as três últimas colunas apresentam: acontecimentos / incidentes críticos - identificados a partir de acontecimentos memoráveis narrados pelo sujeito que assumem caráter marcante em sua trajetória; valoração - sentidos atribuídos pelo sujeito a esses acontecimentos; e, trechos que expressam o sentido - por meio de fragmentos dos relatos transcritos na íntegra que confirmam os sentidos atribuídos.

A Figura 5 demonstra a disposição das colunas do Biograma utilizado para a construção e análise dos dados desta pesquisa.

Figura 5 - Organização do Biograma

BIOGRAMA				Acontecimentos / Incidentes Críticos	Valoração	Trechos que expressam o sentido
Fases	Cronologia	Idade Vital	Idade Profissional			

Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Buscou-se, na fase de interanálise, realizar a construção e a organização da história narrada no primeiro Biograma, denominado Biograma Singular, por se tratar das informações relatadas integralmente pelo fisioterapeuta docente, por meio de suas interpretações individuais, sentimentos e lacunas. Escolheu-se o termo Singular à luz de Delory-Momberger (2016), a qual evidencia que o saber biográfico pode ser construído somente na medida em que a narrativa singular das experiências, valores, crenças, afetos e desafetos ao longo da tessitura da existência

humana é compartilhada por meio de uma atividade relacional e colaborativa, com a qual se tenta compreender o processo de construção do ser *socioindividual / singular e coletivo* na temporalidade biográfica.

O Biograma Singular propiciou a identificação de elementos ausentes ao longo da narrativa, mas importantes para a compreensão da trajetória pessoal e profissional do fisioterapeuta docente. Esses elementos se apresentaram na forma de novos questionamentos sobre temas que precisavam ser ainda abordados ou aprofundados no segundo momento da entrevista personalizada. Assim, foi possível à pesquisadora o reconhecimento de momentos marcantes (pessoas, momentos, fatos pessoais, organizacionais e sociais) que poderiam assumir um caráter crítico na trajetória do fisioterapeuta docente.

Os acontecimentos apontados pela pesquisadora, em primeiro momento, como incidentes críticos na trajetória do fisioterapeuta docente, foram identificados por meio do relato, tom de voz, postura corporal e emoções expressas durante a narrativa desses momentos, e foram grifados em negrito no Biograma Singular, na perspectiva de futura confirmação no segundo encontro. Conforme reiterado por Bolívar (2002), o apontamento dos incidentes críticos deve ser realizado pelo próprio sujeito entrevistado.

[...] O fato de um acontecimento, pessoa ou fase adquirir um caráter “crítico” não depende do pesquisador, mas de que o próprio sujeito lhe dê esse caráter – direta ou contextualmente – no seu relato (por exemplo, “foi uma coisa muito importante na minha vida”) (BOLÍVAR, 2002, p.191).

Com o Biograma Singular confeccionado pela pesquisadora, realizou-se o segundo encontro, que constituiu a fase da devolutiva dos dados ao fisioterapeuta docente, com o objetivo de apresentar o Biograma Singular, buscando-se identificar os incidentes críticos, esclarecer de forma personalizada as lacunas do primeiro momento e estimular a exploração e a reflexão pessoal sobre os caminhos por ele percorridos.

Nesse momento o participante se torna pesquisador de sua própria história, ao mesmo tempo em que o pesquisador busca compreender o movimento do pesquisado sobre ele mesmo, em um espaço eucarístico de partilha (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Para tanto, foram levadas para o segundo encontro duas cópias do Biograma Singular, uma para o fisioterapeuta docente e outra para a pesquisadora, que inicialmente explicou a conceituação do termo incidente crítico utilizada na pesquisa, no sentido de promover adequada compreensão. E, seguida, ela o convidou a realizar a leitura do material, analisar a fidelidade

do conteúdo, completar as lacunas do primeiro encontro, apontar supressões ou acréscimos, indicar novos e/ou confirmar os incidentes críticos identificados na fase de interanálise.

Segundo Huberman (1995), é preciso ter consciência de que o processo de rememoração do participante é uma tentativa de organizar o vivido, por meio de uma reinterpretação cujo nível não pode ser avaliado pelo pesquisador. Nesse sentido, a devolutiva tornou-se importante recurso, ao permitir que o participante retomasse os dados, garantindo-lhes fidedignidade.

Nesse momento, a pesquisadora concedeu tempo para que o fisioterapeuta docente pudesse com tranquilidade fazer suas reflexões e apontamentos. É importante destacar que, assim como no estudo de Sá e Almeida (2004), optou-se por não gravar o segundo encontro, para deixar o participante livre para fazer suas considerações e/ou apontamentos no esquema proposto.

Durante o processo de confirmação e apontamento dos incidentes críticos, a pesquisadora, por meio de movimento dialógico e colaborativo, motivou a reflexão do fisioterapeuta docente sobre os possíveis impactos de cada um deles em sua trajetória pessoal e profissional, definindo-os como positivos ou negativos.

A confirmação e o apontamento dos incidentes críticos mostraram-se relevantes, visto que no espaço-tempo vivido tais acontecimentos passam a assumir um caráter marcante/crítico somente na medida em que o próprio participante reconstrói sua trajetória, buscando os fatos em sua memória e compartilhando-os por meio da narrativa (SÁ; ALMEIDA, 2004).

Os apontamentos realizados pelo participante constituíram o segundo Biograma, versão final denominada de Biograma Colaborativo, fruto da construção coletiva, partilhada e dialógica entre pesquisadora e pesquisado, que representou a trajetória pessoal e profissional individual do fisioterapeuta docente.

Nono Fragmento do Vivido - A dialética do longe e perto

Hoje peço licença para a Física, ao usar essas duas dimensões, perto e longe, as quais me fazem, de longe, ser ouvinte e espectadora das histórias narradas pelo participante, e em outros momentos, de perto, reconhecer-me nas histórias partilhadas. Reconheço a dimensão do longe no sentido das histórias e acontecimentos narrados que tanto esperei compreender ao longo de meus questionamentos de pesquisa, ao mesmo tempo em que me surpreendo e me assusto com o perto, dimensão que desvelava histórias das quais eu mesma fazia parte e que eram narradas pelos fisioterapeutas em tom de confiança, carinho e reconhecimento. Isso me tocou, me afetou e apresentou-se também como um grande desafio para minha trajetória como pesquisadora, na perspectiva de não me deixar envolver emocionalmente com as (auto)biografias, ao mesmo tempo em que não me declarava imune a elas. 26 de fevereiro de 2018.

A utilização dos Biogramas como um recurso metodológico mostrou-se excelente estratégia, não somente para identificação dos incidentes críticos, mas também para o mapeamento da trajetória pessoal e profissional do fisioterapeuta que se tornou docente e estimulou sua reflexão na dimensão espaço-tempo em que acontece sua vida pessoal e profissional, por meio de uma prática reflexivo-formativa.

Décimo Fragmento do Vivido - Encontro entre participantes e suas linhas esquemáticas da vida profissional

Neste momento confesso minha surpresa diante das intensas reações dos fisioterapeutas docentes durante as devolutivas, nas quais tive a oportunidade de vivenciar profundos silêncios, longos sorrisos e muitas lágrimas diante do Biograma. Foi realmente incrível perceber quanto o Biograma afetou e sensibilizou os fisioterapeutas docentes altamente especializados, mestres e doutores, extremamente quantitativos, que se encantaram com o método (auto)biográfico. Isso me faz refletir, como pesquisadora, no sentido de que o reencontro com a nossa própria história talvez seja um importante instrumento de cura. Não há caminhos para se propor cura para educação, política, ciência e tecnologia, se não estivermos primeiramente curados; é preciso primeiramente conhecer a si mesmo, para então desvelar novos horizontes, por meio da produção de uma ciência em movimento, que se mistura à vida humana. 28 de junho de 2018.

Em estudo com professores engenheiros, os Biogramas constituíram uma quádrupla solução metodológica, visto que possibilitaram: organização esquemática e cronológica do percurso de vida profissional, construção de quadros imprescindíveis para a sobreposição de dados que permitiram o apontamento de regularidades nas trajetórias, ao mesmo tempo que garantiram a preservação das singularidades das narrativas, e, por fim, a identificação dos incidentes críticos (SÁ; ALMEIDA, 2015º. Assim, estabelecem vantagens ao pesquisador, no sentido de otimizar a categorização e a análise dos dados da pesquisa (SÁ, 2004).

Desse modo, observou-se que os Biogramas constituíram uma maneira de sistematizar as informações de modo a dar clareza e cronologia aos fatos relevantes que marcam as trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas docentes.

Décimo Primeiro Fragmento do Vivido - Percorso teórico-metodológico: uma grata reflexão

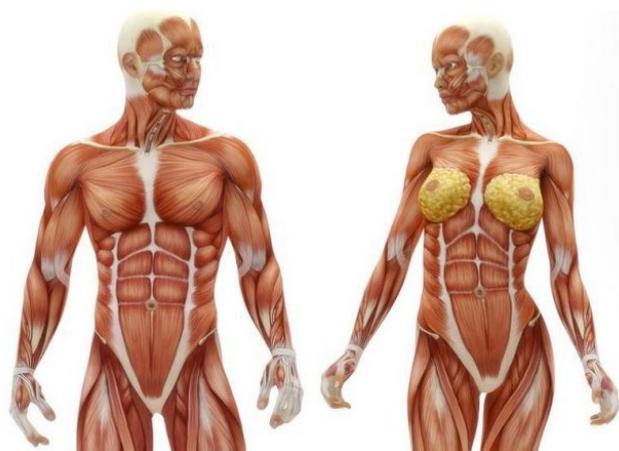
Hoje realizo a última devolutiva, que marca diacronicamente o fim e o início de uma importante etapa, não somente no caminho para a construção dos dados da pesquisa, mas também em meu percurso de vida, porque o encontro ocorreu na faculdade, lugar de tantas lembranças e histórias, lugar em que iniciei meu processo formativo, me tornei fisioterapeuta e tive a oportunidade de retornar há exatos dez anos como pesquisadora. Ali iniciei e ali finalizo a construção das (auto)biografias da pesquisa para o mestrado. Nesse momento, percebo o quanto novamente construo, desconstruo e reconstruo minha formação. Emocionei-me com a garoa fina e o vento gelado que encerrava o encontro, ao reativar em minha memória tantas manhãs geladas e invernos típicos daquele lugar alto que compuseram minha trajetória naquele espaço-tempo. Ao olhar para o caminho percorrido, surpreendo-me com as incríveis experiências vividas, compreendo que o percurso teórico-metodológico da pesquisa constituiu um sistemático e importante roteiro, mas que inevitavelmente foi composto por situações únicas, inesperadas, inesquecíveis, formativas e, conseqüentemente, transformadoras. 14 setembro de 2018.

3.6.2 Denominação dos participantes

Para garantir o anonimato, aos docentes entrevistados foram atribuídos pseudônimos pelos próprios participantes, relacionados aos diversos músculos e grupos musculares existentes no corpo humano. Isso por se tratar de um grupo de fisioterapeutas, para o qual, de acordo com Kendall (2007), a profunda compreensão destinada ao sistema musculoesquelético torna-se fundamental em sua formação profissional, pois ao longo de suas trajetórias acadêmicas dedicam-se exaustivamente aos conhecimentos relacionados à anatomia e à fisiologia muscular. Tais temáticas passam a fazer parte de suas vidas na busca pela compreensão da mecânica corporal indispensável ao fazer profissional da Fisioterapia.

A reflexão ocorreu em torno da localização anatômica e da classificação funcional dos músculos estriados esqueléticos (Figura 6), considerados elementos ativos do movimento humano, pois junto às estruturas ósseas formam as alavancas biológicas, responsáveis pela realização dos diferentes movimentos do corpo que ocorrem a partir do controle do sistema nervoso na perspectiva de promover o encurtamento da distância que existe entre as extremidades musculares fixadas aos ossos do esqueleto humano, por meio de um processo chamado contração muscular (DÂNGELO; FATTINI, 2011).

Figura 6 - Músculos estriados esqueléticos



Fonte: CORRAL, 2018.

Nesse sentido, tomou-se como referência o tamanho, disposição anatômica e direção das fibras musculares e a classificação funcional dos músculos, divididos por Dângelo e Fattini (2011) em: agonistas, que atuam como principais autores na realização do movimento desejado; antagonistas, que se opõem à ação principal dos agonistas, no sentido de regular a sua rapidez e potência, promovendo um movimento mais suave; sinergistas, que atuam no sentido de estabilizar as articulações, na perspectiva de evitar movimentos indesejados durante a ação principal; e, fixadores ou posturais, que não estão diretamente relacionados à realização do movimento principal, mas garantem que ele aconteça, por meio da estabilização das diferentes estruturas corporais, razão pela qual podem ser considerados subcategorias dos músculos sinergistas.

A escolha do músculo ou grupo muscular de denominação ocorreu pelo próprio fisioterapeuta docente, no final do segundo encontro destinado à devolutiva do Biograma Singular e à construção do Biograma Colaborativo, motivada pelo seguinte questionamento:

- *Com base na localização anatômica e classificação funcional dos músculos estriados-esqueléticos ao refletir sobre sua trajetória profissional apresentada pelo Biograma, qual músculo ou grupo muscular o denomina? Explique-me o porquê de sua escolha.*

Nesse momento, buscou-se reativar na memória do fisioterapeuta docente as características anatomofisiológicas e funcionais dos músculos estriados esqueléticos que

fizessem sentido em sua vida e pudessem retratar sua trajetória. Dessa forma, os participantes denominaram o músculo ou grupo muscular pelo qual gostariam de ser identificados.

3.6.3 Aprofundamento da análise das (auto)biografias: superposição dos Biogramas

Com Biograma Colaborativo construído, foi possível identificar duas dimensões de análises (categorias) presentes nas trajetórias dos fisioterapeutas docentes, que caracterizavam diferentes momentos que compunham atualmente suas trajetórias: 1. conciliação entre carreira fisioterapêutica e carreira docente; 2. dedicação exclusiva à carreira docente e à pesquisa científica.

Posteriormente, todos os incidentes críticos foram organizados em um quadro síntese, no qual se buscou evidenciar os incidentes similares nas trajetórias do grupo, o quais foram sobrepostos e deram origem a um novo quadro, organizado em 7 colunas: fase atual, pseudônimo, cronologia, idade vital, idade profissional, acontecimento / incidente crítico e o sentido atribuído pelo fisioterapeuta docente.

A partir da construção do quadro de superposição, observaram-se as similaridades e singularidades, aproximações e interdependências que constituíram o grupo, o que constituiu um importante recurso para identificação dos acontecimentos críticos comuns da trajetória dos fisioterapeutas que seguiram a carreira docente.

Entretanto, cabe destacar que a busca pelas regularidades não ocultou as singularidades, expressas mediante acontecimentos únicos que marcaram as trajetórias de cada participante e que foram também consideradas ao longo do percurso de análise dos dados, possibilitando conhecer sincronicamente o coletivo e o individual na docência em Fisioterapia, dimensões justapostas na construção do saber biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Na perspectiva de alcançar os objetivos específicos da pesquisa, em concomitância com os dados sociodemográficos foram tabulados e apresentados graficamente para serem discutidos: sexo, faixa etária, estado civil, número de filhos, formações acadêmicas e tempo total na docência do grupo. O objetivo foi mapear o perfil do docente na Fisioterapia.

Assim, são apresentados aqui os principais elementos desvelados, a partir dos momentos constituintes das trajetórias profissionais dos fisioterapeutas docentes, por meio da análise do quadro de superposição dos Biogramas.

4 TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Décimo Segundo Fragmento do Vivido - Precioso encontro

Penso sobre quanto, na pesquisa biográfico-narrativa, é importante que o pesquisador experiencie de fato um precioso encontro de construção, exploração e reconhecimento das (auto)biografias, resultado de seu envolvimento com o saber científico e do estabelecimento de relações frutíferas no campo da pesquisa dialógica e colaborativa (BOLÍVAR, 2002; DELORY-MOMBERGER, 2016). Ao conhecer o perfil sociodemográfico e de formação acadêmica dos fisioterapeutas que compuseram o universo da pesquisa, discutindo os processos de transformação política, social e cultural que sofreu a Fisioterapia, ao longo do tempo, tenho a incrível oportunidade de desvelar, não somente os participantes da pesquisa e a história da Fisioterapia, mas também minha própria história como pessoa, fisioterapeuta e professora. Ao longo da apresentação e discussão dos resultados, compreendo o cenário responsável pelas oportunidades que tive ao longo de minha trajetória na Fisioterapia, reconheço fatos que influenciaram minhas escolhas e identifico caminhos semelhantes aos quais trilhei, ao mesmo tempo em que me deparo com outros por mim apenas sonhados. 31 maio de 2018.

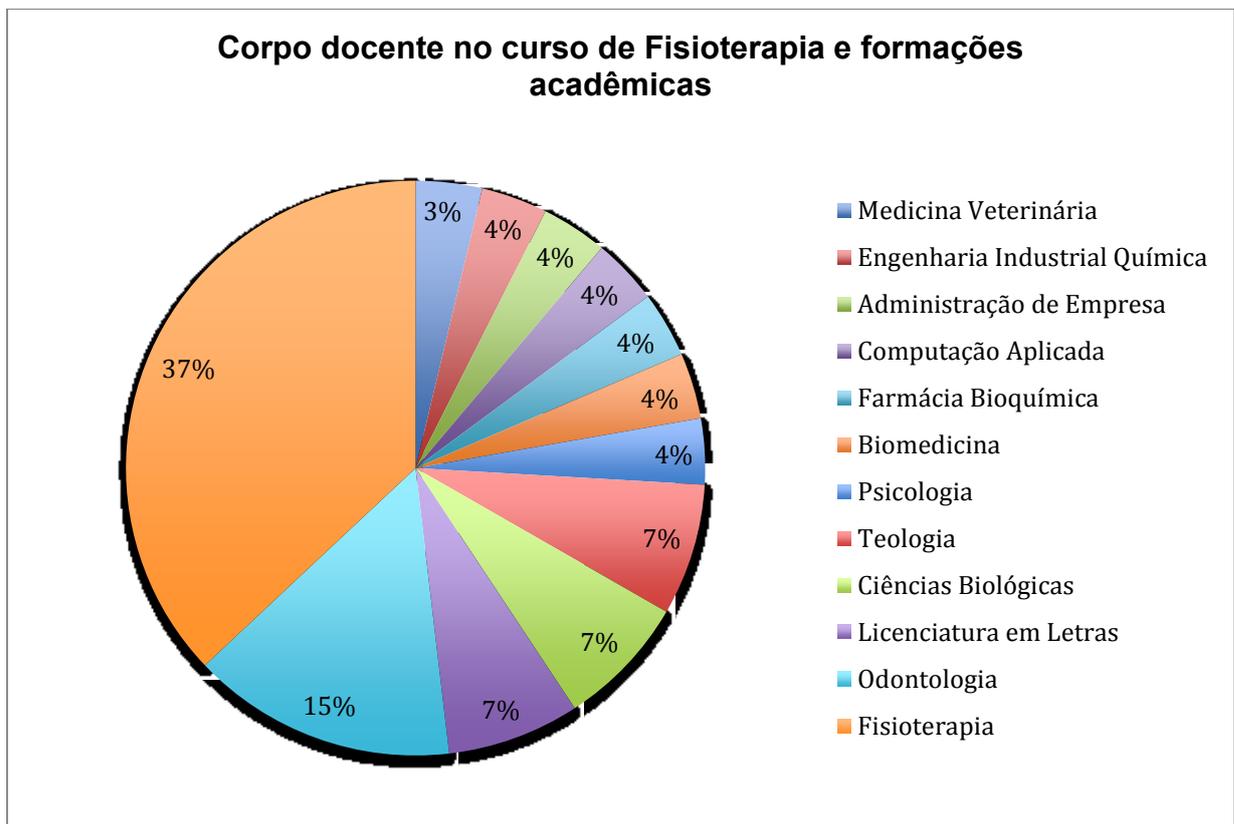
4.1 Perfil sociodemográfico e de formação do fisioterapeuta docente

Ao considerar a fisioterapia como uma das profissões mais recentes da área da saúde, em importante processo de avanço e conquistas desde o surgimento da profissão até os dias atuais (AUSTRIA, 2009; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999), encontrar respostas para compreender as trajetórias profissionais do fisioterapeuta docente do ensino superior, levantando quais os incidentes críticos que motivaram a escolha da profissão docente e os significados e influências desses incidentes na trajetória profissional que motivaram a escolha da docência, revelou-se um importante caminho para o desenvolvimento da área. Isso porque, de maneira geral, a realidade da atuação profissional do fisioterapeuta ainda é pouco investigada (BADARÓ; GUILHEM, 2011). Essa compreensão ajudou a entender a carreira docente na educação superior, na qual o pessoal e o profissional são dimensões intimamente ligadas à vida do indivíduo, que constrói sua realidade profissional em processo conjunto com seu desenvolvimento pessoal (BOLÍVAR, 2002; ISAIA; BOLZAN, 2004).

Para tanto, a partir da construção dos dados no âmbito da docência na Fisioterapia, buscou-se, em primeiro momento, conhecer o perfil sociodemográfico e de formação acadêmica dos docentes, no sentido de identificar semelhanças, diferenças e particularidades que constituem especificamente esse grupo.

O curso de Fisioterapia da faculdade localizada no vale do Paraíba paulista em que o estudo foi realizado era composto por um corpo docente formado por 27 (vinte e sete) professores com formações acadêmicas diversificadas. Dentre eles, dez (10) eram graduados em Fisioterapia, e dentre os outros 17 (dezesete), um possuía graduação em Medicina Veterinária, um em Engenharia Industrial Química, um em Administração de Empresas, um em Farmácia Bioquímica, um em Biomedicina, um em Psicologia, dois em Teologia, dois em Ciências Biológicas, dois em Licenciatura em Letras e quatro em Odontologia. No Gráfico 1, encontra-se a distribuição do corpo docente no curso de Fisioterapia segundo as diferentes formações acadêmicas.

Gráfico 1 - Formações acadêmicas do corpo docente no curso de Fisioterapia - São Paulo / 2007



Fonte: Dados da pesquisa.

O universo da pesquisa foi composto por dez docentes fisioterapeutas, que compõem 37% do quadro de professores do curso de graduação em Fisioterapia, conforme apresentado (Gráfico 1), lecionando disciplinas das “ciências da fisioterapia”, as quais fazem referência às

disciplinas específicas do campo de atuação profissional do fisioterapeuta, conforme descrito nas DCN (BRASIL, 2002).

Diferentemente do professor que leciona na educação básica e tem sua formação pedagógica desenvolvida ao longo do curso de licenciatura, para o docente que se dedica à educação superior brasileira não há exigências quanto a capacitação didática pedagógica, o que justifica a formação acadêmica do grupo em bacharelado. Na década de 70, para atuação docente na educação superior era necessário somente o diploma de graduação, domínio do conteúdo específico e excelência do fazer profissional (BATISTA, 2005; MASETTO, 2000). Tais condições constituíram a denominada “história natural da docência em saúde”, na qual as experiências e o sucesso na prática profissional determinavam a qualidade do fazer profissional docente (BATISTA, 2005; KULCZYCKI; PINTO, 2002).

Dessa forma, é comum encontrar, no fazer profissional da docência na educação superior, fisioterapeutas altamente especializados em sua área de atuação clínica, que se identificam primeiramente com a formação acadêmica na Fisioterapia. Esses profissionais assumem uma segunda profissão no exercício da docência em âmbito universitário, pautados em suas próprias histórias de vida e profissional, nas experiências como discentes e nos modelos de antigos docentes que constituíram seus processos formativos em meio acadêmico (COSTA, 2010; KULCZYCKI; PINTO, 2002; ZABALZA, 2004).

A educação superior no Brasil apresenta particularidades, sendo a não exigência da capacitação didática pedagógica para esses docentes elucidada pelo fato de que os discentes que buscam profissionalização são adultos que passam por um rigoroso critério de seleção. Dessa forma, estão preparados para conduzir seu processo formativo, sendo o docente da educação superior apenas um mediador do processo de aprendizagem (BOLZAN; AUSTRIA; LENZ, 2010; ROZENDO, *et al.* 1999).

No entanto, o fazer profissional docente na educação superior não deixa de ser uma tarefa complexa, que exige do docente rigor acadêmico e profissional, visto que se encontra envolvido em atividades destinadas, não somente ao ensino, mas também à pesquisa, à extensão e à administração de diferentes áreas que constituem a instituição (MEDEIROS, 2007; ZABALZA, 2004).

Notou-se que os fisioterapeutas docentes iniciaram seus processos de formação acadêmica na Fisioterapia de 1995 a 2004 e que se graduaram em instituições privadas

localizadas na região Sudeste do Brasil, sobretudo nos municípios de Taubaté, São José dos Campos e Petrópolis, seguidos de Pindamonhangaba, Campinas e Rio de Janeiro, no período 1998 - 2008. Essa condição é justificada pela expressiva concentração de instituições formadoras privadas na região Sudeste do país (ALMEIDA; GUIMARÃES, 2009).

Essa realidade entre início e final do processo formativo do grupo pode ter sido influenciada pela expansão do ensino em fisioterapia no Brasil, que ocorreu a partir da segunda metade dos anos 1990, por meio da abertura de novos cursos, o que promoveu importante crescimento da oferta e números de vagas nos cursos de Fisioterapia (BISPO JÚNIOR, 2009).

Dessa forma, percebe-se que a Fisioterapia conquistou seu espaço em meio aos cursos da área da saúde principalmente a partir de 1997, o que possivelmente trouxe maior conhecimento dos sujeitos em relação à área de atuação do fisioterapeuta e garantiu maior visibilidade da profissão (BISPO JÚNIOR, 2009).

Já a concentração das formações acadêmicas na Fisioterapia em instituições privadas corrobora os dados encontrados no estudo de Santos e Pedrini (2016), o qual revelou que 100% dos fisioterapeutas docentes do curso de Fisioterapia do Centro Universitário do Planalto de Araxá/MG concluíram suas formações acadêmicas entre os anos 2000 e 2008 em universidades privadas. Supostamente, esse estudo revelou o incentivo fornecido, em 1997, pelo Governo Federal ao avanço do setor privado na educação superior, por meio da facilitação dos processos de autorização, reconhecimento e credenciamento, concedidos pelo Conselho Nacional de Educação aos cursos e instituições privadas. Entretanto, o mesmo não aconteceu na educação superior pública; conseqüentemente a dificuldade de ampliação dos gastos nesse setor levou a importante fragilização, principalmente das instituições federais de ensino superior. Tal fato possivelmente explica o crescimento da oferta de vagas e aumentos das matrículas em instituições privadas (CORBUCCI, 2004).

Segundo os dados do MEC (2006), sobre a trajetória dos cursos de graduação na área de saúde (Gráfico 2), observa-se que houve crescimento de 606,3 % no número de cursos de graduação em Fisioterapia, no período 1991 - 2004, no qual o número de cursos passou de 48, em 1991, para 339, em 2004, em todo o país.

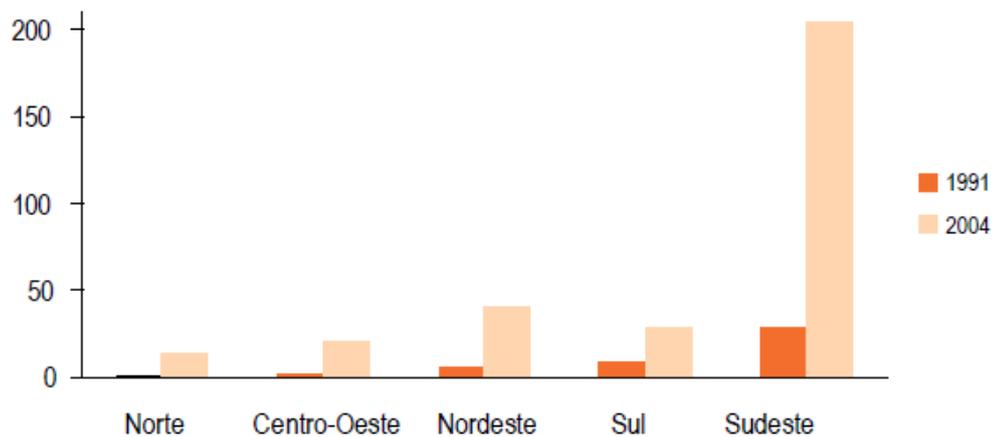
Gráfico 2 - Crescimento do número de cursos de Fisioterapia no Brasil no período 1991 - 2004



Fonte: MEC, 2006. p. 214.

A concentração da formação acadêmica do grupo na região Sudeste do Brasil pode ser decorrente da importante expansão dos cursos de Fisioterapia ocorrida nessa região no período 1991 - 2004 (Gráfico 03), quando o número de cursos passou de 29 para 204 (MEC, 2006).

Gráfico 3 - Distribuição regional dos cursos de fisioterapia no período 1991 - 2004



Fonte: MEC, 2006. p. 215.

Observou-se também, em relação à região Sudeste do país, que a maior parte dos docentes graduou-se em Fisioterapia nos municípios pertencentes ao estado de São Paulo, realidade estabelecida possivelmente por se tratar de um estado que apresentou importante crescimento na quantidade de cursos, que passaram de 17, em 1991, para 103, em 2004, sendo

ainda na atualidade a região de maior concentração em número de cursos em fisioterapia no Brasil (COFFITO, 2017; CREFITO, 2017; MEC, 2006).

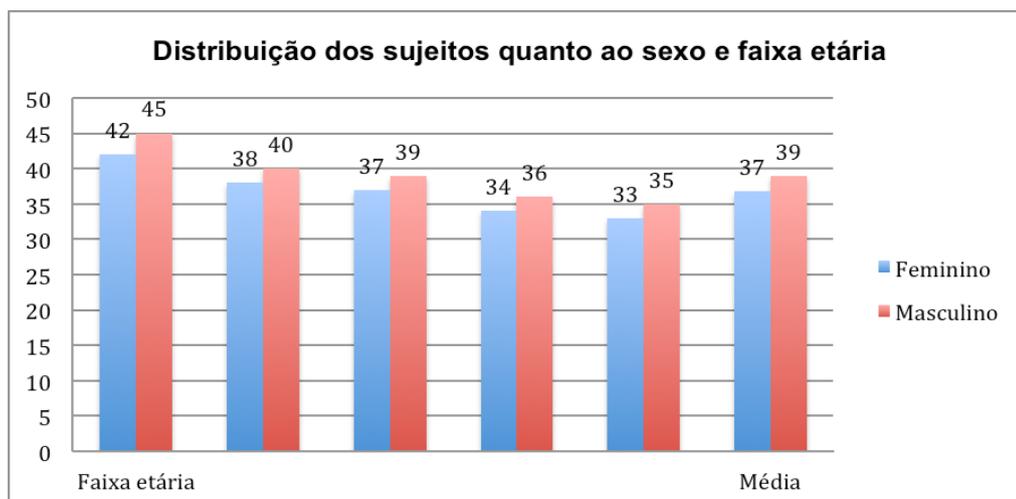
De acordo com o último Censo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação (MEC), realizado em 2015, o Brasil conta com um total de 536 cursos de graduação em Fisioterapia, dos quais 250 estão localizados na região Sudeste do país, O estado de São Paulo é responsável por 142 cursos, e o vale do Paraíba paulista, por 6 desses cursos (INEP, 2015).

Nesse sentido, entendeu-se que o vale do Paraíba paulista constituiu uma importante região, não somente para o processo formativo dos fisioterapeutas docentes, mas também como campo fértil de oferta de trabalho para os profissionais graduados em fisioterapia que almejam ingressar no ofício da docência.

Com relação à distribuição dos sujeitos quanto ao sexo e faixa etária, os dados mostram que o grupo de fisioterapeutas docentes eram formados proporcionalmente: os docentes do sexo feminino compunham 50% do universo, com 5 docentes, e os outros 5 (50%) eram docentes do sexo masculino. Esses dados corroboram o estudo realizado por Santos e Pedrini (2016), que também encontraram uma distribuição igualitária entre sexo feminino e masculino na composição de fisioterapeutas que seguiram a carreira docente.

Em relação à faixa etária, no sexo feminino a idade variou de 33 a 42 anos, já no sexo masculino, de 35 a 45 anos, sendo a idade média do grupo de 37,9 anos, como pode ser observado no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Distribuição dos fisioterapeutas docentes quanto ao sexo e faixa etária



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao estado civil e número de filhos, os dados apontam que nove dos docentes são casados. Um docente não tinha filhos, quatro tinham apenas um filho, dois tinham dois filhos e outros dois tinham três filhos. Apenas um docente encontrava-se solteiro e não tinha filhos. Havia, portanto média de 1,3 filhos por docente casado.

Cabe ressaltar que Santos e Pedrini (2016) também evidenciaram características muito semelhantes em relação ao estado civil dos fisioterapeutas docentes.

O predomínio de docentes casados com filhos permitiu inferir que os fisioterapeutas docentes que constituíam o grupo apresentavam estabilidade em relação à vida pessoal. Não foram encontrados estudos que fizessem referência ao perfil sociodemográfico na questão número de filhos do docente fisioterapeuta. Assim, foi identificada semelhança de dados somente em estudo realizado com docentes enfermeiros no ensino superior (DUTRA, 2014). Trata-se de fato curioso, por revelar possível aproximação entre o perfil profissional dos sujeitos da Fisioterapia e dos da Enfermagem. Ao revisitar o passado histórico, percebeu-se que os profissionais fisioterapeutas se aproximam dos enfermeiros, em busca de prestígio social ao longo dos caminhos trilhados pela Fisioterapia no processo de constituição como profissão da área da saúde (OLIVEIRA, 2007; REBELATTO; BOTOMÉ, 1999).

Em relação à formação acadêmica dos fisioterapeutas docentes, os dados mostram que 100% dos participantes tinham pós-graduação *stricto sensu*. Somente três deles (30%)

possuíam somente curso de mestrado, os outros sete (70%) deram continuidade aos estudos e realizaram também o curso de doutorado.

A relevância dos dados em relação à pós-graduação *stricto sensu* foi relacionada à exigência descrita no art. 66 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que determina as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Essa Lei exige, para o exercício da docência na educação superior, a formação acadêmica em nível de pós-graduação, majoritariamente em programas de mestrado e doutorado (BRASIL, 1996).

Observou-se que todos os fisioterapeutas docentes titulados somente como mestres eram do sexo masculino, já em relação aos titulados mestres e também doutores (7/100%), cinco eram do sexo feminino, e apenas dois eram do sexo masculino.

Diante dessa realidade, o universo feminino constituído por doutoras fisioterapeutas que atuavam na docência assume destaque, por serem protagonistas de importantes avanços do conhecimento na área da Fisioterapia, por meio de capacitação científica. Trata-se de importante conquista, evidenciada no estudo de Barreto (2014), que verificou a participação das mulheres em grupos de pesquisa a partir dos números disponibilizados pelo Diretório de Pesquisa do CNPQ, provenientes da plataforma Lattes, e que identificou a superação do número de mulheres tituladas doutoras em relação aos homens.

Entre as áreas de formação no curso de mestrado, dos 10 docentes que compunham o grupo houve expressiva concentração na Engenharia Mecânica, com cinco (50%) docentes. Outros dois (20%) optaram pela Engenharia Biomédica, dois (20%) pela Saúde Pública e apenas um (10%) optou por Ciências Médicas.

Cabe ressaltar que todos os dez (100%) fisioterapeutas docentes titulados mestres realizaram o curso de mestrado na região Sudeste do país, especialmente na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, sendo cinco (05/50%) docentes, dois (02/20%) docentes na Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP, outros dois (02/20%) na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - FSP-USP e apenas um (01/10%) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Notou-se que, de maneira geral, houve a predominância (7/70%) de fisioterapeutas docentes com doutorado que iniciaram seu processo de doutoramento de 2006 a 2012 e que obtiveram a titulação de doutores de 2011 a 2016. Essa realidade pode ser compreendida ao se

revisitar a história da produção científica na área da Fisioterapia no Brasil, em que se observa expressivo crescimento em relação ao número de pesquisadores doutores com formação acadêmica em Fisioterapia, entre 1980 e 2008, o que promoveu importante desenvolvimento científico e aprimoramento da profissão (COURY, 2009) e possivelmente pode ter influenciado o ingresso dos fisioterapeutas docentes no processo de doutoramento.

Em relação às áreas de formação no curso de doutorado, a Engenharia Mecânica foi a de maior concentração (5/71%), dos sete (07/100%) docentes que constituíam o grupo de doutores do curso de Fisioterapia, sendo a Saúde Pública a opção de apenas dois (02/29%) dos docentes.

Observou-se que todos os fisioterapeutas docentes titulados doutores (7/100%) realizaram o curso de doutorado na região Sudeste do país, sobretudo na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, sendo cinco (05/71%) docentes e outros dois (02/29%) docentes na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - FSP-USP. Esses dados corroboram os que foram encontrados no estudo de Coury (2009), que também identificou que a maioria dos pesquisadores na área da Fisioterapia realizaram seus processos de doutoramento na região Sudeste do país.

No caso da expressiva concentração da formação *stricto sensu* do grupo de fisioterapeutas docentes na área da Engenharia Mecânica na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, evidenciada, tanto em nível de mestrado, quanto de doutorado, entendeu-se que provavelmente foi motivada pela abertura, no ano 2000, da linha de pesquisa interdisciplinar denominada Engenharia Semiológica, que deixou de ser constituída unicamente por profissionais da Engenharia e buscou o envolvimento de diferentes profissionais da saúde, do esporte e áreas afins, no sentido de ampliação dos conhecimentos científicos destinados ao comportamento biomecânico humano (FEG/UNESP, 2015). Esse grupo iniciou sua trajetória nessa universidade entre os anos de 2003 e 2009 e terminaram suas formações entre os anos de 2011 e 2016.

Ainda em relação à pós-graduação *stricto sensu*, fazendo referência ao curso de doutorado, apenas um docente realizou o denominado doutorado “*sanduíche*” em Grenoble, cidade localizada no Sudeste da França, considerada a capital dos Alpes franceses. Trata-se de um dos mais importantes centros universitários da França, que conta com aproximadamente 70.000 estudantes e três grandes universidades: *Université Joseph Fourier* - UJF (ciências,

técnica, geografia, medicina, engenharia e farmácia), conhecida como Grenoble I; *Université Pierre Mendès-France* - UPMF (ciências sociais e humanas), conhecida como Grenoble II; e, *Université Stendhal* (línguas, letras, linguagem e comunicação), conhecida como Grenoble III (FEG/UNESP, 2015). Essa importante oportunidade foi compreendida como um diferencial na trajetória profissional do fisioterapeuta, pois, com a alta competitividade para obtenção de uma bolsa, poucos fisioterapeutas pesquisadores realizaram processo de doutoramento fora do Brasil (COURY, 2009).

O pesquisador que experiêcia a realização de parte de sua pesquisa fora de seu país de origem enfrenta inicialmente desafios naturais do processo de adaptação à nova rotina em relação ao ambiente, cultura e particularidades da formação profissional, que são superados ao longo do intercâmbio, na medida em que amplia seus conhecimentos, não somente científicos, mas também culturais e sociais. O doutorado “*sanduíche*” proporciona ao pesquisador importante amadurecimento pessoal e profissional, fortalece o currículo, promove enriquecimento à pesquisa científica e expande as fronteiras do conhecer, por meio de uma preciosa oportunidade de compreender uma realidade diferenciada daquela de sua área de atuação (DANTAS, 2009; GATTI, 2001).

Os principais centros de excelência na área da Fisioterapia estão localizados na América do Norte, Europa/Escandinávia e Austrália. No entanto, a maioria dos fisioterapeutas pesquisadores que tiveram a oportunidade de se capacitar cientificamente no exterior buscaram expressivamente realizar seus estudos no Estados Unidos, Canadá e Europa, sendo França, Inglaterra, Bélgica e Espanha os destinos eleitos para dedicação à capacitação científica. Entretanto, cabe ressaltar que, assim como constatado no presente estudo, a maioria dos pesquisadores nessa condição retornam ao país de origem para exercer sua profissão (COURY, 2009).

Em relação à pós-graduação *lato sensu*, observou-se que nove (09) docentes possuíam curso de especialização em alguma área da Fisioterapia. Dentre eles, seis (06) realizaram apenas um curso; três (03), dois cursos; um (01) realizou três cursos de especialização; e, apenas um (01) docente não realizou nenhuma especialização, ingressando no curso de mestrado imediatamente após ter concluído a graduação.

Os diversos cursos de especialização realizados na área da Fisioterapia pelo grupo de docentes foram: Saúde do idoso e gerontologia, Saúde pública, Saúde da mulher no climatério,

Neurologia, Reabilitação aplicada à neurologia infantil, Fisioterapia em CTI - Centro de Terapia Intensiva, Fisioterapia respiratória e terapia intensiva, Fisiologia do exercício, Fisioterapia ortopédica e traumatológica, Disfunções musculoesqueléticas, Fisioterapia manipulativa e Acupuntura para fisioterapeutas.

Cabe ressaltar que a diversidade de especialidades que constituem a formação acadêmica *lato sensu* do grupo se deu mediante a abrangência do fazer profissional do fisioterapeuta, que é responsável por atuar na promoção, proteção e recuperação da saúde humana, por meio de especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO. Essas especialidades vão desde as terapias complementares, como a acupuntura, até as terapias de alta complexidade, como a terapia intensiva (BRASIL, 2012; COFFITO, 2017).

Nesse sentido, notou-se que a diversidade dos cursos de especialização na área da Fisioterapia foi uma questão importante, que possivelmente motivou o profissional recém-formado a investir na pós-graduação *lato sensu*, como evidenciado por Shiwa; Schmitt; João (2016), na análise sobre o perfil do fisioterapeuta do estado de São Paulo, análise esta que identificou 66,7% dos fisioterapeutas como especialistas.

Ressalte-se que, mediante a grande concentração de especialistas, a realização da pós-graduação *lato sensu* deixou de ser um diferencial para os fisioterapeutas e tornou-se um caminho indispensável em suas trajetórias profissionais (SHIWA; SCHMITT; JOÃO, 2016). No entanto, questiona-se se a realização de várias especializações de fato os torna especialistas, ou apenas profissionais que agregam em suas trajetórias uma diversidade de conteúdos e informações.

Conclui-se, da análise dos dados sobre o perfil sociodemográfico e de formação, que os fisioterapeutas docentes que compuseram o grupo pesquisado estavam distribuídos proporcionalmente em relação ao sexo, eram sujeitos adultos relativamente jovens, de 33 a 45 anos de idade, e com vida pessoal estável, sendo a maioria deles casados e com filhos.

O grupo foi especialmente formado por fisioterapeutas docentes altamente especializados, que concluíram a graduação entre 1998 e 2008, em instituições privadas localizadas na região Sudeste. Todos apresentaram pós-graduação *lato sensu* em alguma área da Fisioterapia reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional –

COFFITO, e haviam também concluído a pós-graduação *stricto sensu*, sendo todos mestres, e 7 deles, doutores.

Esse fato justifica a importância investigativa sobre o perfil profissional do fisioterapeuta que seguiu a carreira docente, no sentido de ampliar a compreensão da trajetória desses profissionais na docência. Ressalte-se a contribuição para o aprimoramento técnico e científico da Fisioterapia, promovendo discussões sobre bases curriculares do curso e motivando futuras investigações no campo profissional do fisioterapeuta, por compreender que este é o caminho para a consolidação da profissão no Brasil.

4.2 Incidentes críticos na trajetória docente

Durante as narrativas, os fisioterapeutas docentes compartilharam acontecimentos e pessoas presentes ao longo de seus caminhos formativos e profissionais; Suas trajetórias constituíram um processo não linear, o que revela a historicidade dos acontecimentos, os motivos e opiniões, por meio da tessitura da narração que comporta a densa temporalidade do tríplice presente, em que o narrador realiza a interpretação do seu passado pela rememoração, tem percepção do presente e projeta planos para o futuro (ALVES, 2015; BOLÍVAR, 2002; BORN, 2001; HUBERMAN, 1995; MOITA, 1995; RICOEUR, 1994). Compreendido como importante movimento, a trajetória profissional do docente é constituída por sua própria cronotopografia, conceito que revela “[...] os tempos e os espaços que lhe configuram diacronicamente a identidade profissional” (BOLÍVAR, 2002, p. 194).

Décimo Terceiro Fragmento do Vivido - A arte de se reconhecer na história do outro

Como revela Bragança (2009), ao ouvir a história do outro refletimos sobre a nossa própria história. Assim, hoje imersa em um movimento emocionante, reconheço-me e resgato, por meio da memória, minha própria trajetória ao longo da narrativa de uma das fisioterapeutas docentes, que me coloca frente ao que eu mesma sou. Nossas vidas se tocam naquilo que temos em comum: a dedicação e preocupação com a família, a luta por alcançar os sonhos, os primeiros desafios na docência. Reconheço-me até mesmo no que almejo um dia viver, por meio do relato quanto à dificuldade em redimensionar as prioridades em sua vida, com a chegada da maternidade. Foi gratificante e encantador perceber que a entrevista biográfica me permite, neste momento, desvelar, não somente do outro, mas também a mim mesma. 26 de fevereiro de 2018.

Considerando a análise dos quadros de superposição dos Biogramas Colaborativos, confeccionados a partir das entrevistas biográficas realizadas e referendadas pelos fisioterapeutas docentes em segundo momento, foi possível evidenciar os incidentes críticos que motivaram a escolha da profissão docente. Esses incidentes deram origem às unidades temáticas, que são discutidas em busca de compreensão de seus significados e influências nas experiências biográficas que constituíram a trajetória profissional do grupo.

Observou-se que, apesar de as trajetórias profissionais do grupo revelarem incidentes similares, os sentidos atribuídos pelos fisioterapeutas docentes foram distintos. Esse fato reafirma a necessidade de apontamento e compreensão da criticidade do acontecimento pelo próprio participante. Cabe ressaltar que o nível de criticidade sobre um acontecimento também pode ser modificado, na medida em que o indivíduo passa por novas experiências e reavalia sua trajetória de uma diferente perspectiva (BOLÍVAR, 2002).

Nesse sentido, os incidentes críticos precursores das unidades temáticas discutidas a seguir apresentam caráter marcante na compreensão atual do grupo. Embora o grupo tenha sido constituído por dez fisioterapeutas que seguiram a carreira docente, é importante destacar que, dentre eles, sete conciliavam a carreira fisioterapêutica e docente, enquanto três dedicavam-se exclusivamente à carreira docente e à pesquisa científica. Foram determinadas, assim, duas dimensões de análise (categorias), presentes nas trajetórias dos fisioterapeutas docentes que foram distribuídos e apresentados no Quadro 1, de acordo com a fase profissional atual, o pseudônimo escolhido por ele e o sentido atribuído a sua escolha. O pseudônimo foi utilizado, durante a discussão do estudo, para identificar o participante.

Quadro 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa

FISIOTERAPEUTAS DOCENTES		
FASE PROFISSIONAL ATUAL	PSEUDÔNIMO	SENTIDO ATRIBUÍDO À ESCOLHA
Conciliação entre a carreira fisioterapêutica a carreira docente (7 participantes)	 <i>Masseter</i>	Esse é o músculo mais importante da mastigação, mesmo sendo pequeno é muito forte. Me identifico com ele.
	 <i>Multífidos</i>	São músculos pequenos de localização profunda, mas muito importantes, visto que sua função é estabilizar a coluna vertebral. Assim como eu gosto de compor o grupo da estabilização, não gosto de estar à frente, mas estou sempre à disposição para apoiar e criar possibilidades para os acontecimentos.
	 <i>Risório</i>	Minha escolha está relacionada à característica mais importante, que é estar de bem com a vida. Assim eu estou e assim eu espero permanecer. Sorrindo.
	 <i>Escapulares</i>	São músculos que, quando desenvolvidos, garantem suporte, sustentação e volume à porção superior do tronco. Acredito que foi exatamente isso que aconteceu em minha trajetória, fui ganhando espaço na profissão, êxito que busquei durante minha carreira. Eu entrei aqui magrinho e me desenvolvi em nível físico, pessoal e profissional.
	 <i>Esplênio</i>	Músculo responsável pela sustentação da cabeça e pescoço, penso nele visto que a minha principal característica é a resiliência, mantenho minha cabeça em pé diante da vida.
	 <i>Abdominais</i>	São os músculos mais dinâmicos do corpo humano, são centrais, bonitos, funcionais, tônicos e ao mesmo tempo flexíveis. Permitem importantes coisas, como a distensão abdominal na gestação. Quando tonificados, resolvem muitos problemas por meio da estabilização da coluna vertebral e, quando são esquecidos, se tornam flácidos e sem função. Eu sou assim, e acredito que os desafios da vida me fazem forte.
	 <i>Diafragma</i>	Escolho este músculo por ser forte, resistente e de grande importância para a manutenção da vida.
Dedicação exclusiva à carreira docente e à pesquisa científica (3 participantes)	 <i>Grande Dorsal</i>	Escolho por se tratar de um músculo grande, antigravitacional, resistente e que ajuda no funcionamento vital. Ele não aceita tudo e eu não tenho medo de ser grande, eu evoluo nesta questão constantemente, sempre busco o crescimento.
	 <i>Paravertebrais</i>	Por se tratar de um grupo muscular que nos mantém simétricos contra a força da gravidade, proporciona importante estabilidade postural e corporal. É preciso força.
	 <i>Triceps Sural</i>	É o segundo coração do corpo, responsável pelo retorno venoso, proporcionando sangue oxigenado, ou seja, penso em renovação. Sem contar que é um grupo muscular importante para a marcha, que nos leva para onde a gente quiser.

Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

4.2.1 Escolha profissional do grupo: encontro com a Fisioterapia

É difícil saber em qual momento da vida nós decidimos ser o que acabamos sendo (LEONARD COHEN, 1988).

Considerando a análise dos Biogramas Colaborativos do grupo e seu quadro de superposição (Quadro 2), percebeu-se que, ao serem motivados a refletir sobre suas histórias na docência, os participantes iniciaram suas narrativas a partir dos dilemas que constituíram seus processos de escolha profissional e ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia.

Quadro 2 - Quadro de superposição dos Biogramas Colaborativos: Escolha profissional e Ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia

FASE ATUAL	PSEUDÔNIMO	CRONOLOGIA	IDADE VITAL	IDADE PROFISSIONAL	ACONTECIMENTOS / INCIDENTES CRÍTICOS	SENTIDO ATRIBUÍDO
Conciliação entre carreira fisioterapêutica e docente	<i>Masseter</i>	2002	23	0	Escolha profissional e Ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia;	Reavalia a primeira escolha feita ao cursar Engenharia em concomitância com a Fisioterapia e decide seguir novos caminhos exclusivamente na Fisioterapia.
	<i>Risório</i>	2001	18	0		Reconhece os desafios da falta de maturidade decorrente da idade vital em que escolhe a profissão. Compreende a importância e as influências da família, especialmente de sua mãe, no processo de escolha profissional.
	<i>Esplênio</i>	1998	18	0		Sente-se grato ao ingressar no curso de nível superior em Fisioterapia, que oportuniza sua participação no "Programa Universidade Solidária", no qual compartilha grandes experiências.
Dedicação exclusiva à carreira docente e à pesquisa científica	<i>Grande Dorsal</i>	1996	17	0		Reconhece os desafios da falta de maturidade decorrente da idade vital em que escolhe a profissão. Compreende a importância e as influências da família, especialmente no processo de escolha profissional. Compartilha a importância do professor da graduação em sua trajetória. Reavalia a primeira escolha feita ao cursar Fonoaudiologia e decide seguir novos caminhos na Fisioterapia.
	<i>Triceps Sural</i>	1995	15	0		Compreende a importância e as influências da família, especialmente de seus pais, no processo de escolha profissional.

Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Foi possível identificar que o processo de escolha profissional definiu um importante momento, tanto nas trajetórias de *Masseter*, *Risório* e *Esplênio*, fisioterapeutas que conciliavam a carreira fisioterapêutica e docente, quanto nas *de Grande Dorsal* e *Tríceps Sural*, que se dedicavam exclusivamente à carreira docente e à pesquisa científica. A escolha profissional, foi apontada como um incidente crítico, fruto de avanços nos desenvolvimentos pessoais e nas trajetórias profissionais do grupo.

Entendeu-se que esse comportamento possivelmente ocorreu pelo fato de o processo de escolha profissional ser uma das decisões mais importantes da vida de uma pessoa. Isso porque define quem se deseja ser, o que fazer e a que lugar pertencer no mundo por meio do trabalho, norteados os caminhos que irão constituir a própria história de vida do indivíduo. Ao escolher uma profissão, o indivíduo escolhe também sua futura rotina, o perfil das pessoas que farão parte dela, as questões organizacionais e culturais que permeiam tal ofício (BOHOSLAVSKY, 1977; NEPOMUCENO; WITTER, 2010).

O processo de escolha profissional do grupo ocorreu entre 15 e 23 anos de idade. Assim, uma das escolhas mais importantes da vida dos fisioterapeutas docentes foi realizada ainda durante a juventude, fase de múltiplas transformações das mais diversas esferas, biológicas, psicológicas e sociais, caracterizada por conflitos, ressignificações e adaptações (HUTZ; BARDAGIR, 2006).

Embora a escolha profissional frequentemente seja uma decisão que ocorre durante a adolescência, as expectativas individuais, familiares e sociais tornam-se mais evidentes ao término do ensino médio, em um ambiente que exige do jovem clareza, determinação e agilidade em suas escolhas. Isso prejudica o espaço-tempo de reflexão sobre a importância da decisão, por vezes caracterizando-o como um “tempo perdido”, em relação aos avanços da trajetória pessoal e profissional do indivíduo (SOARES, 1985; OJETA, et al., 2009).

Essa realidade possivelmente justificou a criticidade apontada nos relatos de *Risório*, *Grande Dorsal* e *Tríceps Sural*, em relação à falta de maturidade decorrente da idade vital e seus desdobramentos na escolha profissional de jovens repletos de expectativas, inseguranças, medos e sonhos.

As expectativas sobre o futuro e as ressignificações ao longo do processo de escolha profissional decorrentes da juventude foram apontadas por *Tríceps Sural*, que se motivou a

realizar o curso de Fisioterapia aos 15 anos de idade, sem profundo conhecimento das dimensões e possibilidades do fazer profissional em meio acadêmico, cultural e social:

[...] quando eu cheguei no colegial eu não sabia o que eu queria fazer [...] eu escolhi com apenas 15 anos que queria fazer Fisioterapia, mas ao mesmo tempo eu também não tinha a dimensão do que era a Fisioterapia naquele momento, no sentido de todas as áreas que a gente poderia atuar, eu só sabia que a gente ajudava as pessoas a ficarem boas, e dentro desse contexto era isso que eu queria, então eu entrei na faculdade (*Triceps Sural*).

No caso de *Grande Dorsal*, a falta de maturidade decorrente da idade em que a escolha profissional foi realizada trouxe importantes desdobramentos em seu processo de amadurecimento e emancipação, pois, embora a princípio tenha escolhido rapidamente não se aventurar pelo desconhecido, mantendo-se na cidade de origem, próximo da família, em uma faculdade por ele já conhecida, percebeu que a escolha realizada não lhe trazia satisfação pessoal. Estava com apenas 17 anos de idade:

[...] eu ainda não sabia o que iria fazer, era muito nova, terminei o colegial com apenas 16 para 17 anos [...] eu não queria sair da cidade, não queria morar sozinha, queria ficar na casa dos meus pais, também não queria fazer cursinho [...] enfim, prestei o vestibular ali mesmo na minha cidade e acabei passando em 5º lugar no curso de fonoaudiologia, da faculdade que já tinha uma história de tradição no meu processo formativo [...] fiz a minha primeira escolha, mas na fono parecia [...] que eu ainda não era uma profissional da área da saúde na minha concepção com 17 anos [...] a Fisioterapia parecia diferente (*Grande Dorsal*).

O conflito entre a escolha profissional e a falta de maturidade decorrente da idade vital em que esse processo ocorreu, também pode ser observado no relato de *Risório*, que ao lembrar o término do seu percurso no ensino médio reconheceu não estar preparado para se dedicar integralmente aos desafios da escolha:

[...] na época eu queria ser veterinário [...] eu tentei a primeira vez, no terceiro ano e não passei, na curtição de 17 / 18 anos, não me dediquei o suficiente, na segunda tentativa eu tinha que passar, mamãe e papai diziam: “tem que passar”, poxa vida, não passei por pouco [...] de 50 vagas eu fiquei em 55 para entrar em medicina veterinária, aí sobrou a Fisioterapia (*Risório*).

Nesse sentido, cabe ressaltar que o processo de escolha profissional é um importante marco de transição da adolescência para a fase adulta, compreendido como uma nova etapa na vida dos indivíduos, repleta de possibilidades que estão relacionadas a preferências, valores, crenças e características individuais, ao mesmo tempo em que eles sofrem influências de diversos fatores psicológicos, familiares, sociais, educacionais, políticos, econômicos e tecnológicos (SANTOS, 2005; SOARES, 2002).

A escolha profissional do grupo ocorreu de 1995 a 2006, marcando diacronicamente, de forma singular e coletiva, as trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas docentes, por se tratar de uma fase complexa em seus percursos de vida. Provavelmente houve importante influência do processo de globalização e das mudanças que ocorrem no mundo do trabalho e, conseqüentemente, nas relações familiares da sociedade pós-moderna, as quais tornaram a escolha profissional uma tarefa bastante difícil para o indivíduo (ALMEIDA; SILVA, 2011).

A sociedade contemporânea, compreendida na modernidade tardia como “*sociedade das singularidades*”, constituiu-se frente aos desafios do surgimento de uma nova classe média, que começou a se estabelecer nas décadas de 1970 e 1980, por meio de um novo estilo de vida e maiores necessidades de autenticidade. Foi marcada pela substituição do capitalismo industrial pelo cultural, no qual a produção em massa concedeu espaço à fabricação de modelos exclusivos, individuais e especiais, confirmando a singularidade das escolhas, imersa na revolução digital que transcendeu o mundo do trabalho e apoderou-se das relações sociais da vida e do mundo em sua totalidade (RECKWITZ, 2017).

No entanto, apesar dos desafios impostos pela sociedade contemporânea e do forte movimento tecnológico nas últimas décadas, observou-se que a influência exercida pela família no que tange a escolha profissional foi bastante importante entre o grupo de fisioterapeutas docentes. Por exemplo, os laços afetivos, as trajetórias profissionais familiares e suas influências estiveram presentes no processo de decisão profissional de *Grande Dorsal*, *Tríceps Sural* e *Risório*.

Em concordância com os estudos da sociologia, o processo de socialização primária, primeiro grupo de socialização vivenciado pelo indivíduo, que ainda na infância se constrói, desconstrói e reconstrói no espaço familiar enquanto membro da sociedade, por meio do estabelecimento de relações, assimilação e interiorização de normas, papéis, valores, crenças e atitudes ao longo de sua trajetória (BERGER; LUCKMANN, 1973; DUBAR, 2005), revelou-se muito importante nesse momento da vida, evidenciando que a influência da família ainda determina fortemente escolhas pessoais e percursos profissionais dos indivíduos pós-modernos.

A forte influência da família, particularmente dos pais, foi marcante na trajetória de *Tríceps Sural*, que encontrava, no seio da família, apoio e motivação como aspectos favoráveis diante das decisões envolvendo a futura profissão:

[...] meus pais sempre estimularam a gente a estudar muito e ter uma profissão, mais nunca direcionaram que profissão era melhor de acordo com o mercado de trabalho ou uma profissão que satisfizesse o sonho deles [...] sempre deixaram a gente muito livre [...] para poder escolher o que a gente quisesse [...] eu sempre falava quando eu era criança, minha mãe lembra disso até hoje, que eu queria ser cientista, eu queria descobrir coisas novas e minha mãe falava assim: “menina eu nem sei que como é que se faz na vida para ser cientista” (*Triceps Sural*).

Cabe ressaltar que Nepomuceno e Witter (2010), em relação à influência da família na decisão profissional, também evidenciaram características muito semelhantes e apontaram em seus resultados a opinião dos participantes quanto à importância, apoio e atitude favorável das famílias no momento da escolha da profissão.

Observou-se também, nos relatos do grupo, que as profissões socialmente conhecidas pelos fisioterapeutas docentes, e principalmente existentes nos modelos familiares em especial relacionadas ao fazer profissional dos pais, foram importantes para nortear o processo das escolhas individuais. Esse resultado corrobora a investigação sobre os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos, realizada por Luchiari (1996), que também evidenciou que a escolha da profissão é fortemente marcada pela trajetória profissional familiar.

O passado vivido pela família torna-se importante nas representações que os indivíduos fazem de si mesmos, de suas habilidades e dos valores que são atribuídos às profissões (LUCIARI, 1996). Nesse sentido, Grande Dorsal destacou a importância da trajetória de sua família na carreira docente e desvelou um novo caminho, ao escolher seguir a área da saúde, até então nunca vivenciado por nenhum membro de sua família, ao mesmo tempo em que reconhece manter a proximidade do seio familiar e suas tradições em sua trajetória atual na docência:

Ninguém em casa é da área da saúde, a família toda é professora [...] a família do lado da minha mãe, acho que eu posso dizer que quase toda, 10% não é professor e 90% são professores, e a família do meu pai também, tem um lado ligado à docência [...] Então como assim, vai para a área da saúde? [...] sim, vou fazer algum curso na área da saúde [...] todo mundo em casa estranhou, mas apoiaram [...] acho que isso me aproximou de certa forma também da docência (*Grande Dorsal*).

Já para *Triceps Sural* a ausência de modelos de referência profissional na família impactou sua inspiração e escolha por uma profissão que almejasse e a levou, por meio da motivação dos pais, a buscar mais conhecimento acerca das profissões e do mundo do trabalho:

[...] eu não sabia o que eu queria fazer de faculdade [...] comecei [...] a frequentar feiras de profissões, para conhecer o que era cada profissão, já que eu não tinha na minha família engenheiro, médico, dentista, não tinha referência, meus pais com formação de colegial somente, também não tinham muita referência para nos orientar, então minha mãe dizia: “vai mesmo, vai para você conhecer” (*Triceps Sural*).

Entretanto, o projeto de futuro que se inicia no seio familiar e perpassa expectativas e desejos dos pais ou familiares nem sempre estão alinhados aos desejos, sonhos e planos do indivíduo, o que ocasiona conflitos de ordem pessoal e familiar (SOARES, 2002).

Nesse sentido, o momento da escolha profissional pode se apresentar como uma oportunidade de mostrar lealdade à família. O relato de *Risório*, que por influência de sua mãe realizou o vestibular e decidiu cursar Fisioterapia, mesmo não sendo a profissão que havia planejado, exemplifica tal questão:

[...] eu não queria nem ser fisioterapeuta [...] mas eu não guardo mágoa da fisioterapia [...] cheguei em casa um dia e minha mãe falou: “amanhã você vai fazer vestibular na particular”, eu falei “fazer vestibular pra quê?” e ela disse: “te inscrevi para você fazer fisioterapia!” [...] Saber o que era fisioterapia eu sabia, mas não tinha dimensão de nada [...] Fiz a prova e passei em primeiro [...] fui fazer fisioterapia por minha mãe (*Risório*).

Cabe ressaltar, que Ojeda, *et al.* (2009), também evidenciaram características muito semelhantes em relação à lealdade à família no momento de escolha da profissão por acadêmicos de Fisioterapia.

Outra condição observada, relacionada à trajetória profissional familiar e ao processo de escolha profissional, foi a influência e expectativa dos pais ao motivarem os indivíduos para que alcancem melhores oportunidades e condições sociais, diferentes das por eles vivenciadas durante seus percursos de vida.

Em muitos contextos familiares, a busca de satisfação profissional encontra-se atrelada às projeções dos próprios pais, que almejam que seus filhos atinjam um nível superior ao da realidade por eles vivenciadas. Têm a expectativa de que eles superem medos, inseguranças, frustrações, estudem e conquistem o tão sonhado “*Diploma*” (LUCHIARI, 1996; SOARES, 2002). O relato de *Triceps Sural* exemplifica tal questão, a da expectativa de cursar o ensino superior, pois os membros de sua família não haviam passado por essa experiência:

[...] sou de uma família que ninguém tem ensino superior, então meus pais sempre estimularam a gente estudar muito e ter uma profissão, um diploma [...] eu tinha certeza absoluta que queria fazer faculdade (*Triceps Sural*).

Entretanto, embora a influência do ambiente familiar seja uma forte questão relacionada à escolha profissional, cabe evidenciar a importância do protagonismo do indivíduo nesse processo, ao buscar autoconhecimento quanto às suas preferências e habilidades para a realização de uma escolha atrelada a satisfação pessoal e profissional (SOARES, 2002).

O processo de escolha da profissão relacionado às características individuais e preferências foi evidenciado nos relatos de *Masseter* e *Triceps Sural*, que destacaram a importância de se possuir características, habilidades e atitudes em concordância com o desenvolvimento do fazer profissional desejado. Para eles, a empatia e o ato de cuidar foram características fundamentais para que se identificassem com a Fisioterapia:

[...] a possibilidade de trabalhar com pessoas, cuidar delas era o que me completava e me chamava muito a atenção, por isso decidi pela Fisioterapia (*Masseter*).

[...] entrei na faculdade para fazer Fisioterapia [...] encantada pelo ato de cuidar do outro e eu sempre digo até hoje, se você quer fazer Fisioterapia você tem que gostar do próximo, amar o próximo (*Triceps Sural*).

Cabe destacar que o processo de escolha profissional não termina na escolha e no ingresso em curso de nível superior, pois ao longo da trajetória acadêmica e profissional o indivíduo avalia e reavalia suas escolhas de acordo com suas vivências e experiências pessoais e profissionais, podendo questioná-las ou não (OJEDA, *et al.*, 2009).

A reavaliação da escolha profissional foi realizada por *Grande Dorsal* e *Masseter* que, após ingresso em curso de nível superior, refletiram, reavaliaram suas escolhas e seguiram novos caminhos.

No caso de *Masseter*, no momento da escolha profissional decidiu cursar dois diferentes cursos superiores em concomitância. No entanto, devido à necessidade de dedicação exclusiva no último período, realizou reavaliação do processo a partir de suas preferências e satisfação pessoal e decidiu abandonar a Engenharia para seguir a carreira fisioterapêutica, na qual o fazer profissional era destinado ao atendimento de pessoas:

[...] eu tinha dois caminhos, cursei duas faculdades juntas, eu fazia a noite fisio, e fazia engenharia química de manhã, os quatro anos [...] no último ano que tinha que decidir pelo estágio, eu decidi pela Fisioterapia [...] as exatas me encantam, a parte de química, de laboratório, mas trabalhar com pessoas era o que me completava [...] trabalhar com pessoas é melhor do que trabalhar com substâncias então escolhi a Fisioterapia (*Masseter*).

Uma nova escolha após o ingresso no curso superior também foi necessária durante a trajetória acadêmica de *Grande Dorsal*, que realizou a reavaliação do processo de escolha profissional a partir das aulas do professor de anatomia, durante a realização do curso de Fonoaudiologia, e passou a se interessar por uma nova área de atuação, antes por ele desconhecida:

[...] já fazia seis meses que eu estava cursando Fono, aí cheguei em casa e disse para os meus pais olha, abriu um curso de Fisioterapia [...] Acho que quero mudar, porque quando ele (professor de anatomia) falou Fisioterapia, aquilo brilhou. Eu nunca tinha feito Fisioterapia na minha vida, eu fui ler sobre, e assim fui me apaixonando a cada dia, nossa é isso que eu quero (*Grande Dorsal*).

A decisão de abandonar a primeira opção para então dedicar-se ao curso de Fisioterapia, ao longo das trajetórias de *Masseter* e *Grande Dorsal*, pode ter acontecido por meio de idealizações prévias que não se confirmaram ao longo do curso. Essa decisão revelou também a influência dos grupos de socialização secundária. O indivíduo, já socializado, introduz-se em novos setores do mundo, por meio de sua relação com professores, amigos, grupos de esporte, religião, entre outros, a partir da internalização de “submundos institucionais” (BERGER; LUCKMANN, 1973; DUBAR, 2005; SOARES, 2012).

Nessa concepção, o desenvolvimento da consciência humana se faz necessário, segundo traz Freire (2009), no sentido da compreensão sobre a existência de um ser inacabado, fruto de diversas circunstâncias que, ao mesmo tempo, resultam em um ser único.

[...] Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta das influências das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo (FREIRE, 2009, p. 53).

A partir dos relatos dos participantes do grupo, percebeu-se que importantes acontecimentos singulares também estiveram presentes, como na trajetória de *Esplênio* que, por meio do ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia, teve a oportunidade de uma incrível experiência social e cultural, vivenciada em 1998: um rico processo de desenvolvimento pessoal e profissional, ao participar, no Maranhão, do programa "Universidade Solidária", do Governo Federal:

[...] durante a graduação em Fisioterapia eu tive a oportunidade de participar de vários projetos [...] duas experiências muito legais foi quando eu participei do programa chamado “Universidade Solidária” do Governo Federal no qual eu fui dar treinamento sobre educação sexual [...] em uma cidade chamada Santa Rita no Maranhão [...] e depois em uma cidade chamada Fartura do Piauí, no Piauí (*Esplênio*).

O programa Universidade Solidária, concebido pelo Governo Federal, tem como objetivo disseminar a ação comunitária das universidades brasileiras, na perspectiva de transformação do cotidiano de municípios carentes de todo o país, por meio do trabalho fundamentado no compartilhamento de informações básicas de educação, saúde, saneamento e cidadania. Com início em 1996, apresentou, em 1998, o dobro de adesão dos anos anteriores, contando com mais de 2.000 estudantes, que levaram informações e compartilharam preciosas

experiências durante 21 dias, em municípios das regiões Norte e Nordeste do país (VENERE, 2003). Esse fato possivelmente oportunizou a participação de *Esplênio*, que encontrou, na experiência no programa, importante espaço para apropriação da realidade brasileira, essencial para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao longo das narrativas dos fisioterapeutas docentes, pode-se evidenciar que o processo de escolha profissional do grupo ocorreu de forma precoce na temporalidade em que a vida acontece, imersa em espaço complexo de construção, desconstrução e reconstrução do ser individual e ao mesmo tempo coletivo.

A complexidade do processo foi compreendida por se tratar, não somente de uma decisão tomada na adolescência, mas também de importante influência das diversas condições que constituem o desenvolvimento do indivíduo ao longo de suas vivências e experiências enquanto ser social (ALMEIDA; SILVA, 2011; HUTZ; BARDAGIR, 2006). Isso faz dessa decisão um processo em construção, permeado de expectativas, emoções, sonhos, projeções, influências e redimensionamentos.

Neste sentido, observou-se que houve forte influência do grupo familiar nas escolhas e caminhos percorridos pelos fisioterapeutas docentes, o que pode ter provável relação com o perfil dos profissionais da Fisioterapia, relacionado ao “ato de cuidar”, visto que o seio familiar é considerado lugar de construção ética, cuidado, aconchego e proteção (BADARÓ; GUILHEM, 2011).

Percebeu-se também que, embora o grupo de docentes tenha escolhido como profissão a Fisioterapia, os caminhos percorridos aproximam-se em similaridades, ao mesmo tempo em que se distanciam por acontecimentos únicos, próprios de suas experiências. Conhecer as particularidades de tais percursos contribuiu para a constituição do perfil docente na Fisioterapia.

4.2.2 Ingresso na carreira docente: motivações e oportunidades

Ao longo da trajetória acadêmica o fisioterapeuta não é motivado e preparado para atuar na profissão docente, embora esteja habilitado a exercer a docência, de acordo com a lei vigente de sua profissão. Isso porque no Brasil a formação do docente universitário não requer

capacitação didática pedagógica específica para “profissionais bacharéis” (ISAIA, 2003; PIVETTA, 2006; KULCZYCKI; PINTO, 2002).

Dessa forma, as concepções sobre a docência são construídas pelo fisioterapeuta docente ao longo de sua trajetória formativa e profissional, a partir de importante movimento reflexivo realizado de forma coletiva e colaborativa, quando o indivíduo, não somente aprende o fazer profissional docente, como também se reconhece, compreende escolhas e redimensiona práticas em um ambiente dinâmico de constante construção, desconstrução e reconstrução de sentidos existenciais (ISAIA, 2003; PIVETTA, 2006; PIVETTA; ISAIA, 2008).

A construção docente não pode ser compreendida como um processo de acumulações (de técnicas, habilidades, conhecimentos, cursos, entre outros), mas experiências advindas das trajetórias pessoais e profissionais e da significação pessoal por parte do próprio docente, a partir da reflexividade crítica (COSTA, 2010; NÓVOA, 1997; KULCZYCKI; PINTO, 2002; ZABALZA, 2004).

Considerando a análise dos Biogramas Colaborativos do grupo e seu quadro de superposição (Quadro 3), observou-se que as motivações pelo fazer profissional na docência e ingresso na carreira docente assumiram criticidade, tanto na trajetória do *Masseter, Multifidos, Risório, Escapulares, Esplênio, Abdominais e Diafragma*, fisioterapeutas que conciliavam a carreira fisioterapêutica e docente, quanto do *Grande Dorsal, Paravertebrals e Tríceps Sural*, que se dedicavam exclusivamente à carreira docente e à pesquisa científica. O ingresso na carreira docente e as motivações pelo fazer profissional na docência foram apontados como incidentes críticos positivos, fruto de avanços nos desenvolvimentos pessoais e nas trajetórias profissionais do grupo.

Quadro 3 - Superposição dos Biogramas Colaborativos: Motivações pelo fazer profissional na docência e ingresso na carreira docente

FASE ATUAL	PSEUDÔNIMO	CRONOLOGIA	IDADE VITAL	IDADE PROFISSIONAL	ACONTECIMENTOS / INCIDENTES CRÍTICOS	SENTIDO ATRIBUÍDO
Conciliação entre carreira fisioterapêutica e docente	<i>Masseter</i>	2007	24	1	Motivações pelo fazer profissional na docência e ingresso na carreira docente	Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pela oportunidade de lecionar na universidade em que se formou fisioterapeuta e rememora a importância da professora.
	<i>Multífidis</i>	2012	28	4		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pela oportunidade de lecionar na universidade em que se formou fisioterapeuta e rememora a importância da professora.
	<i>Risório</i>	2017	33	12		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pelas experiências no Hospital Universitário, que o motivam a seguir a docência. Rememora a importância de professores ao longo de sua trajetória.
	<i>Escapulares</i>	2005	24	1		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pelo programa de mestrado. Rememora a importância do professor.
	<i>Esplênio</i>	1998 2004 2005	18 25 26	0 4 5		Inicia sua trajetória docente em experiências em programas do Governo Federal e em cursos técnicos. Sente-se grato pelo programa de mestrado, que lhe abriu as portas para a docência.
	<i>Abdominais</i>	2007	31	9		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pelas experiências com os estagiários da sua Clínica que o motiva a seguir a docência; e rememora a importância de professores.
	<i>Diafragma</i>	2006	33	6		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pelo programa de mestrado e rememora a importância da família em suas escolhas na docência.
Dedicação exclusiva à carreira docente e à pesquisa científica	<i>Grande Dorsal</i>	2005 2006	26 27	4 5		Sente-se grato pelo programa de mestrado, rememora a frustração com o fazer profissional da Fisioterapia e a importância de um professor amigo em sua trajetória.
	<i>Paravertebrais</i>	2004	27	1		Sente-se grato pelo programa de mestrado, que lhe abriu as portas para a docência e pela oportunidade de lecionar na universidade em que se formou fisioterapeuta.
	<i>Triceps Sural</i>	2007	27	5		Torna-se docente no ensino superior em Fisioterapia; sente-se grato pelo programa de mestrado, que lhe abriu as portas para a docência.

Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

Atualmente as universidades brasileiras, especialmente nos cursos de bacharelado, contam com a atuação de docentes altamente especializados nas áreas em que lecionam. Esses docentes dividem-se em duas categorias distintas: aqueles que dispõem de tempo integral para a docência e aqueles que se dedicam parcialmente ao fazer profissional docente, devido ao fato de atuarem profissionalmente nas áreas em que lecionam (BEHRENS, 2000; SANTOS; PEDRINI, 2016).

O fato de a maior parte dos docentes fisioterapeutas que compunham o grupo (sete participantes) conciliarem carreira fisioterapêutica e carreira docente possivelmente esteve relacionado às particularidades da formação acadêmica em Fisioterapia, que exige ampla realização das terapias físicas destinadas ao cuidado da saúde humana nas diversas dimensões do processo de prevenção, recuperação e reabilitação das disfunções orgânicas (SANTOS; PEDRINI, 2016).

O processo de formação destinado à construção de profissionais da Fisioterapia não privilegia o desenvolvimento docente, pois a ênfase recai nos saberes científicos e no domínio das especificidades práticas da profissão, fato que ocorre de maneira geral nas formações em cursos de bacharelado e que se reproduz na prática docente em que a técnica ganha destaque (ANASTASIOU, 2002; CUNHA, 2004; ISAIA; BOLZAN, 2008). Esse cenário possivelmente justificou a importante relação entre conhecimentos práticos da profissão e qualidade na docência expressada pelo grupo.

O reconhecimento sobre a importância da prática clínica fisioterapêutica para o desenvolvimento do fazer profissional docente esteve presente nos relatos dos fisioterapeutas *Abdominais*, *Risório*, *Diafragma* e *Esplênio*, que rememoram experiências clínicas ao longo de suas trajetórias profissionais, relacionando-as como requisito básico para o exercício da docência de qualidade:

[...] parece que tudo tem o seu momento na vida [...] eu nunca tive o interesse de parar completamente com a vida clínica [...] sinto imensa gratidão por essa vivência, eu tinha que viver essa bagagem clínica, até mesmo para ter a oportunidade de me vincular a um mestrado e poder compartilhar as experiências com os meus alunos (*Abdominais*).

[...] atualmente minha maior dedicação está na docência, mas antigamente não era assim, sinto que o negócio foi amadurecendo, por conta do convívio no meio acadêmico lá no hospital universitário [...] sou grato a toda essa experiência na Fisioterapia que julgo muito importante para a própria docência (*Risório*).

[...] nunca deixei de me dedicar aos atendimentos [...] isso é muito forte [...] é uma importante bagagem para a sala de aula (*Diafragma*).

[...] eu acho inadmissível hoje eu querer ensinar para os meus alunos a Fisioterapia sem praticar. Sem viver o dia a dia da profissão [...] ensinar a Fisioterapia não é só ensinar a fazer um movimento, fazer um exercício, é ensinar a cuidar de uma pessoa, é ensinar a abordar essa pessoa. Se você perde isso na sua vida cotidiana, você perde isso na maneira de ensinar os alunos, a minha preocupação sempre foi essa, nunca perder a prática (*Esplênio*).

Neste sentido, os conhecimentos, experiências pessoais, profissionais e sociais construídos na prática clínica pelo docente tornam-se importantes para o ensino de futuros, profissionais, especialmente na área da Fisioterapia. Isso porque ensinar o que não se vivenciou é uma tarefa bastante complexa, com possíveis impactos na qualidade das aulas que podem não transcender o ensino teórico da profissão (ANASTASIOU, 2007; BEHRENS, 2000).

Cabe ressaltar que Áustria (2009) buscou, em seu estudo, compreender os processos constitutivos da docência superior para os professores fisioterapeutas que atuam no curso de Fisioterapia e evidenciou situação semelhante, ao identificar importante valorização da prática fisioterapêutica no desenvolvimento da carreira docente por parte dos fisioterapeutas.

Especialmente na área da saúde, a experiência adquirida na prática clínica, ela ambulatorial e/ou hospitalar, assume importância e relevância nas trajetórias profissionais, visto que muitas vezes os conteúdos teóricos ensinados não se concretizam no exercício da profissão, sendo necessários diversos recursos e outras habilidades para que o profissional alcance seus objetivos. A compreensão, atuação e ensino do profissional sobre esse cenário no qual o inesperado pode acontecer torna-se possível somente mediante experiência do fazer prático da profissão pelo docente, o que possibilita decisões e testemunhos alinhados com expectativas reais (AUSTRIA, 2009).

No cotidiano da docência no ensino superior, os saberes profissionais estão intimamente relacionados aos saberes pedagógicos, o que exige do docente alinhamento, condução e mediação de situações de ensino-aprendizagem que aproximem prática clínica e teoria, permitindo que o discente vivencie acontecimentos que o preparem para a realidade profissional concreta, ao mesmo tempo em que teoriza sobre a mesma, na perspectiva de promover desenvolvimento técnico, político e social da profissão (CAVALCANTE *et al.*, 2011).

Dessa forma, a experiência assume centralidade, tanto na concepção prática da Fisioterapia, quanto nos processos de construção do fisioterapeuta na docência. Essa

experiência é entendida como o conjunto de conhecimentos não sistematizados em termos de teorias, mas atualizados, adquiridos e requeridos na prática da profissão. São conhecimentos que não provêm das instituições de formação, mas constituem a cultura do ensino em ação, na qual os docentes interpretam, entendem e orientam o fazer profissional por meio da docência em todas as suas dimensões (AUSTRIA, 2009; TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1990).

A valorização da experiência adquirida na prática clínica para o desenvolvimento do fazer profissional docente de qualidade possivelmente sofreu influência, tanto do processo histórico da docência em saúde, no qual competência e sucesso profissional nas atividades práticas da profissão possibilitam o ensino de futuros profissionais, quanto da própria Lei nº 9.394 - LDBL que, em seu art. 66, dispõe somente sobre a necessidade da pós-graduação, para aqueles que almejam ingressar na carreira docente (BATISTA, 2005; COSTA, 2010; BRASIL, 1996; KULCZYCKI; PINTO, 2002; ZABALZA, 2004).

Por esse motivo, no Brasil as exigências para o desenvolvimento do fazer profissional docente nas instituições de ensino superior ocorrem em grande parte de forma circunstancial, principalmente nas instituições de caráter privado, em que há domínio dos conteúdos. Habilidades práticas da profissão e motivação para ministrar aulas são características que oportunizam a carreira na docência, assim como um convite pessoal para ocupar a vaga (PINTO, 2001).

Esse cenário é confirmado pelo compartilhamento das histórias do grupo de fisioterapeutas docentes que ingressaram no ensino superior em uma instituição privada localizada no vale do Paraíba paulista, ainda no início de suas vidas profissionais, junto a seus processos de formação *stricto sensu*. Foram motivados de forma consciente, buscando satisfação pessoal e profissional a partir de um novo fazer oportunizado por meio de importantes relações em meio social.

Em relação às motivações pelo fazer profissional na docência (Figura 7), as (auto)biografias, apontam que sete dos dez fisioterapeutas participantes motivaram-se a seguir a carreira docente ainda durante seus processos formativos, marcados fortemente pela inspiração propiciada por docentes da graduação e por experiências em monitoria. Apenas três fisioterapeutas encontraram motivação para seguir a carreira docente ao longo de suas trajetórias profissionais na Fisioterapia. A motivação e a oportunidade estiveram atreladas ao redimensionamento da vida profissional dos participantes, a partir de experiências decorrentes

do fazer profissional na Fisioterapia, que estiveram relacionadas à satisfação em ensinar as técnicas fisioterapêuticas, ao fator econômico e ao exercício da profissão.

Figura 7 - Motivações pelo fazer profissional na docência



Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

A compreensão sobre os processos de ensino-aprendizagem e construção da docência pelos fisioterapeutas apresenta como pano de fundo o processo de socialização secundária, definida pelo desenvolvimento subsequente à referida “*socialização primária*”. Assim, o indivíduo adolescente e o adulto já socializado são introduzidos em novos setores do mundo, a partir do processo de internalização e aprendizagem de saberes específicos dos domínios institucionais constituintes de sua sociedade. As experiências como discentes assumem centralidade na elaboração de crenças, valores e atitudes que envolvem o ensinar, especialmente influenciadas por professores que marcam e influenciam os processos de formação pessoal e profissional dos futuros docentes (ANASTASIOU; PIMENTA, 2011; COSTA, 2010; KULCZYCKI; PINTO, 2002; TARDIF, 2000; ZABALZA, 2004).

Essa realidade possivelmente justificou a criticidade apontada nos relatos de *Abdominais, Multifídeos, Masseter, Paravertebrais e Escapulares*, em relação à inspiração propiciada por docentes da graduação que marcaram fortemente seus processos formativos, motivando-os a buscar uma oportunidade na docência:

[...] eu comecei a me sentir inclinada pela docência por tudo aquilo que eu assistia dos meus professores [...] eu assistia aqueles meus professores me ensinando de fato ali na prática, misturando com a teoria o que eu seria amanhã. E eu comecei a me inclinar muito por esse gosto da docência, porém eu via isso, nossa muito longe.

Praticamente inacessível [...] me encantou, saltou os meus olhos, sabe aquele brilho [...] de almejar um dia ser assim e viver assim (*Abdominais*).

[...] a docência despertou por meio da convivência com alguns professores específicos aqui mesmo da faculdade [...] comecei a fazer alguns trabalhos com um professor de neurologia que incentivava muito, assim foi despertando em mim o interesse pela pesquisa científica e o mundo acadêmico [...] outra professora muito especial também dizia que eu escrevia muito bem, que eu falava muito bem, e que eu deveria investir nisso [...] então a cada trabalho acadêmico, científico ou apresentação, ficava mais motivada e pensava: “nossa eu gosto de fazer isso” (*Multífdos*).

[...] minha professora de graduação foi o diferencial em minha escolha em seguir a carreira docente [...] ela ministrava as aulas de saúde pública e eu pensava “eu quero seguir essa área” porque o encantamento que ela despertava, os meus olhinhos brilhavam, eu pensava assim: “nossa, ela tem paixão” [...] ensinava com amor [...] ela foi minha orientadora da graduação, orientadora da especialização, e quem me levou para fazer parte do programa de mestrado [...] então eu acho que ela é a minha visão positiva da docência (*Masseter*).

[...] quando eu entrei na faculdade, que eu apresentei o primeiro seminário, eu pensei “é isso que eu quero, eu quero lecionar” [...] eu tive a certeza durante aquela apresentação [...] Eu quero estar aqui na frente como os meus professores, buscando outras vias de conhecimento para as pessoas [...] eu não queria ir para uma clínica logo de cara, eu queria seguir essa área da docência, eu queria experimentar isso que os meus professores tinham de transmitir conhecimento (*Paravertebrais*).

[...] pelo fato de na faculdade as vezes alguns conteúdos chamarem um pouco mais de atenção, no meu caso específico a biomecânica [...] a maneira como a disciplina foi lecionada, mexeu comigo, no sentido de “poxa vida eu gostaria de fazer isso” [...] lembro do professor explicando a propagação do potencial de ação [...] de uma maneira incrível, foi uma coisa muito marcante, que me fez pensar em querer fazer isso também (*Escapulares*).

Ao longo do compartilhamento dos relatos sobre os docentes que marcaram as trajetórias formativas dos fisioterapeutas foi possível observar duas importantes dimensões no processo de rememoração do grupo. A primeira dela, relacionada a competência profissional em lecionar os conteúdos a serem ensinados, expressa por meio dos conhecimentos, habilidades, experiências, disponibilidade e disposição do docente para ensinar os aspectos relacionados à relação “teoria-terapeuta-paciente”. E a segunda, associada a postura elegante, envolvimento pessoal e afeto docente pelo fazer profissional, que ultrapassou as fronteiras da transmissão de conhecimentos puramente técnicos.

Castanho (2002), ao investigar a prática pedagógica cotidiana de professores do ensino superior da área da saúde, evidenciou situação semelhante dos docentes, que apontaram a presença de professores que se tornaram marcantes em seus processos formativos, por assumirem uma postura de ensinar além dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da profissão, garantindo o entrelaçamento do perfil professor competente /

profissional experiente / humano, preocupado em orientar uma boa postura, necessária nos diversos momentos apresentados ao longo da vida.

Os apontamentos sobre as atitudes diante da vida, postura profissional, personalidade e afetividade docente no ensino superior reafirmam a humanidade do professor, como referendado por Nóvoa (1995, p. 15): “[...] o professor é a pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor”.

Reforçando a figura dos professores que de maneiras diferentes influenciaram as trajetórias do grupo, o orientador do programa de mestrado marcou, não somente as trajetórias formativas dos fisioterapeutas *Grande Dorsal* e *Triceps Sural*, mas também a vida profissional e pessoal dos participantes, que encontraram apoio, motivação e inspiração para se dedicarem e seguirem na docência, a partir da construção de uma relação de afeto e cumplicidade:

[...] eu ia defender lá por março de 2006 mas o coordenador da faculdade falou: “eu contrato ela se entrar como mestre [...] eu queria muito entrar nesta faculdade [...] o meu orientador já sabia da minha luta, do meu sonho, eu queria muito, não aguentava mais atender, eu não queria mais saber daquilo, eu queria muito dar aula, eu queria ir para a pesquisa, então ele falou: vamos, trabalhar, vai dar tudo certo, tem condição [...] nasceu uma grande amizade, ele é uma pessoa muito importante na minha vida. As pessoas positivas, que fizeram e que fazem parte ainda da minha vida eu falo que são presentes de Deus, que são anjos que ele colocou na minha vida e o meu orientador é sem dúvidas uma delas (*Grande Dorsal*).

[...] o professor falou: “olha eu estou vendo que você não entende de pesquisa, que você nunca trabalhou com isso, mais eu gostei de você” [...] “quero saber se você gostaria de ser uma aluna especial” [...] eu só tinha o dinheiro do ônibus, para comer um sanduiche e voltar, mas eu fui [...] naquele dia ele já me testou ali no grupo, e todas as apresentações que tinham ele me colocava para falar primeiro, minha opinião, o que eu achava, ele sabia que eu não sabia nada, mas naquele momento ele fala que enxergou um grande potencial [...] eu terminei o mestrado [...] foi um período muito difícil na equipe [...] naquele momento emocionalmente eu não tinha estrutura pra fazer um doutorado direto, e meu orientador teve muita sabedoria, muito experiente, viu que se ele me perguntasse naquele dia se eu ia querer fazer um doutorado eu ia fala não, eu ia jogar pela janela a oportunidade [...] ele me conhecia, sempre acreditou em meu potencial (*Triceps Sural*).

Filho e Martins (2006), ao investigarem a relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações, apontaram que os orientadores tendem a reconhecer as características técnicas dos discentes dos programas de pós-graduação, enquanto os orientandos valorizam, não somente as competências técnicas e científicas, mas também os atributos pessoais e o afeto de seus orientadores.

A criticidade apontada pelos fisioterapeutas docentes sobre a relação orientador-orientando pode ser justificada possivelmente por se tratar de uma relação que estabelece

importantes influências no processo de construção e qualidade das dissertações e teses nos programas de pós-graduação que contribuem para consolidação do saber científico em determinada área. Além disso, constitui um espaço de relações singulares, subjetivas, afetivas e rica de detalhes que determina o caminho para a construção de conhecimentos, sejam eles científicos e/ou de vida (FILHO; MARTINS, 2006).

Nesse sentido, o processo de orientação efetivo e de qualidade deve ser desenvolvido a partir de uma relação essencialmente educativa, fruto de trabalho conjunto, em que orientador e orientando constroem colaborativamente o saber científico, por meio do enriquecimento recíproco, pessoal e profissional, livre de qualquer forma de opressão e/ou submissão (SEVERINO, 2002).

Embora a influência dos modelos de antigos professores seja importante nas trajetórias docentes, outras pessoas também estiveram presentes nas histórias dos fisioterapeutas *Grande Dorsal* e *Diafragma*. No caso de *Grande Dorsal*, motivação, inspiração e oportunidade para seguir a carreira docente também estiveram relacionadas ao encontro com dois amigos fisioterapeutas que trilharam o caminho da docência, o que reafirma as inter-relações do grupo secundário de socialização nas trajetórias pessoais e profissionais (DUBAR, 2005).

[...] duas pessoas muito especiais, o professor meu amigo do mestrado, que entrou na faculdade para dar aulas [...] conheceu o coordenador [...] e me falou: “para o semestre que vem vai precisar de professor [...] o coordenador está montando o curso e a gente quer você [...] eu lembro direitinho dele entrando no centro clínico e falando: “você não vai precisar mais trabalhar aqui, você vai sair desse lugar [...] o outro professor conheci no dia da entrevista [...] quando o coordenador falou você está aprovado, você está aprovada e vocês vão dividir matéria [...] Eu falo que ele sabia infinitamente mais que eu, ele que me ensinou a dar aula, aprendi a dar aula na faculdade com esse professor porque ele já vinha de uma Universidade de São Paulo, já era aluno lá, já tinha aprendido tudo lá e trouxe para nós, aí me ensinou (*Grande Dorsal*).

Já *Diafragma* encontrou na família a motivação para seguir a carreira docente, a partir da inspiração no fazer profissional das tias e do avô, evidenciando mais uma vez a importância das relações e influências das pessoas que constituem o processo de socialização primária do indivíduo e que se tornam marcantes em seus percursos de vida (DUBAR, 2005).

[...] eu venho de família de educadores, né então eu sempre penso muito na minhas tias como educadoras, orientadoras, diretoras de escola [...] principalmente uma tia que era muito determinada, era aquela que sentava e contava histórias para gente e eu ficava imaginando, isso mexeu muito comigo [...] provavelmente no subconsciente estava guardado a docência [...] meu vô também já era muito graduado para época, foi inspetor e diretor de escola, então a coisa acadêmica já estava com a gente, sinto que foi isso (*Diafragma*).

Notou-se que, ao rememorar suas trajetórias o grupo compartilhou os acontecimentos marcantes de suas vidas pessoais e profissionais e também evidenciou a presença de pessoas, reconhecendo que deixaram diferentes vestígios existenciais em seus percursos.

A presença de pessoas marcantes, que constituem incidentes críticos ao longo dos processos formativos e das experiências profissionais dos fisioterapeutas docentes, reafirmam os encontros e reencontros que acontecem ao longo dos percursos de vida pessoais e profissionais. Esses encontros e reencontros trazem impactos positivos ou negativos que mobilizam importantes transformações e desenvolvimento humano de ordem pessoal e profissional nas trajetórias dos indivíduos (KELCHTERMANS, 1995).

No entanto, outros fatores motivacionais foram consolidados gradativamente, por meio da valorização das experiências relacionadas a monitoria, nas quais discentes mais experientes auxiliavam o desenvolvimento de outros acadêmicos. Isso ficou evidenciado nos relatos dos fisioterapeutas *Diafragma*, *Tríceps Sural* e *Masseter*, que ainda durante seus processos formativos apaixonaram-se pelo fazer profissional docente a partir das experiências na monitoria. Essas experiências possibilitaram a eles compartilhamento de conhecimentos relacionados às dimensões teórico-práticas da Fisioterapia:

[...] minha história com a docência começou pela própria faculdade [...] ainda na Fisioterapia, ao longo da graduação eu não pensava em ir para área acadêmica, eu pensava primeiramente em trabalhar com Fisioterapia Respiratória [...] mas depois fui monitor e isso foi me transformando e me aproximando da docência (*Diafragma*).

Eu fui motivada a ser professora pelos meus amigos de faculdade, que diziam que eu tinha muita facilidade para explicar determinados assuntos [...] saí da faculdade com a pretensão de ser professora, mas eu ainda não sabia o caminho para isso. Essa vontade surgiu quando nos grupos de estudo na faculdade [...] eu sempre era monitora, explicava as matérias para os meus amigos e eles falavam: “não é possível, você explica melhor do que a professora” (*Tríceps Sural*).

[...] durante a faculdade eu já tinha sido estagiária, eu fui monitora de alguns professores, acredito que essa experiência tenha sido importante, pois logo depois de formada veio o convite para ser docente (*Masseter*).

Segundo o Art. 84 da Lei de Diretrizes e Bases da educação – LDB, Lei 9394/1996, os alunos do ensino superior brasileiro podem realizar atividades de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento acadêmico e plano de estudos na condição de bolsista ou voluntário (BRASIL, 1996). São atividades que possibilitam a orientação de outros discentes, aperfeiçoamento dos

conhecimentos teórico-práticos, planejamento de atividades que contemplem os conhecimentos almejados, participação dos processos de avaliação e desenvolvimento de pesquisas junto aos docentes especialistas (NUNES, 2007; SANTOS, 2007).

A monitoria, uma modalidade de ensino-aprendizagem que contribui para a formação integrada, demanda grande responsabilidade pelo discente monitor, visto que nele os outros alunos buscam encontrar auxílio para superar as diferentes dificuldades enfrentadas ao longo de seus processos formativos. Sendo assim, o discente monitor é motivado a buscar aprofundamento temático dos conteúdos, ampliando seus conhecimentos na perspectiva de promover compartilhamento de forma clara e efetiva com os alunos monitorados. Esse movimento, não só contribui para a formação profissional, como também proporciona importantes avanços na vida acadêmica dos discentes que experienciam dimensões relacionadas ao cotidiano do fazer profissional docente, por meio de responsabilidades e aquisição de maturidade frente às questões acadêmicas (NUNES, 2007; SANTOS, 2007; SOUZA; NERY, 2016; WAGNER; LIMA; TURNES, 2012).

Neste sentido, o caráter marcante da monitoria nas trajetórias discentes possivelmente esteve relacionado ao espaço privilegiado de formação inicial docente que se estabeleceu durante esse processo em que o aluno tem a oportunidade de se desenvolver a partir de atividades científico-pedagógicas destinadas ao ensino, pesquisa e extensão (SOUZA; NERY, 2016).

Cabe ressaltar que a monitoria é o primeiro passo para o envolvimento do discente em outras ações acadêmicas, estimulando-o a seguir os estudos, produzir novos conhecimentos na área de atuação e ingressar em programas de pesquisa e extensão (WAGNER; LIMA; TURNES, 2012). Esse fato é confirmado nas trajetórias de *Triceps Sural*, *Diafragma* e *Masseter*, que atuaram como monitores ao longo de seus percursos formativos e deram continuidade em suas formações acadêmicas por meio da realização da pós-graduação *lato sensu*. Identificou-se que *Triceps Sural* possuía um curso de especialização em alguma área da Fisioterapia, enquanto *Diafragma* possuía dois e *Masseter* possuía três cursos. Todos os três realizaram também a pós-graduação *stricto sensu* por meio dos cursos de mestrado e doutorado.

A motivação em seguir a carreira docente relacionada a satisfação em viabilizar o processo de compreensão e aprendizagem do fazer profissional da Fisioterapia também aconteceu em meio à trajetória profissional de fisioterapeutas já formados e atuantes. Como

exemplos, os casos do *Abdominais* e *Risório*, que encontraram, ao longo de suas vivências clínicas, oportunidade para compartilhar seus conhecimentos a partir do acompanhamento do estágio clínico e da monitoria hospitalar:

[...] o que me impulsionou a não desistir do sonho [...] de ser professora foram os estagiários. Porque na época a minha clínica [...] era muito grande, completa, muito bonita, muito bem amparada, e como começaram a surgir os cursos de fisioterapia da região [...] muitos alunos desses cursos [...] procuravam a clínica para fazer estágio, e eu adorava receber aqueles alunos [...] eu deixava eles assistirem meus atendimentos, eu explicava para eles o que estava fazendo [...] então muitos falavam: “nossa, você deveria ser professora, você tinha que ser professora de estágio” (*Abdominais*).

[...] o negócio com a docência começou no hospital universitário [...] começamos a trabalhar, tinha os estagiários, residentes e começou a ter *rounds* de casos clínicos e a gente participava como monitor-supervisor. E aí que começou a despertar esse interesse [...] como é gostoso você ensinar os outros (*Risório*).

Assim como em várias outras profissões da área da saúde, muitos discentes, ao longo dos seus processos formativos na fisioterapia, buscam estágios extracurriculares, fora da instituição de ensino superior, almejando o aperfeiçoamento das práticas adquiridas durante as aulas, na perspectiva de conquistar experiência para futura atuação no mercado de trabalho, por meio da vivência em clínicas, serviços e acompanhamento de outros profissionais (VIANA et al., 2012).

Conforme a Lei n. 6.316/75, do COFFITO, o estágio supervisionado regulamentado para os discentes do curso superior de Fisioterapia pode ser realizado a partir do sexto semestre, sendo obrigatório o vínculo com a instituição do ensino superior e dispor do acompanhamento do estagiário por profissionais qualificados, com o objetivo de garantir ao acadêmico melhor aproveitamento (COFFITO, 1975).

Essa condição possivelmente justificou a importância da experiência de mediação dos estagiários, apontadas pelos fisioterapeutas docentes ao longo de suas experiências profissionais na Fisioterapia. Essa dinâmica exige grande responsabilidade e compromisso profissional do fisioterapeuta que se propõe, no cotidiano da profissão, a acompanhar o estagiário, preparando-o para realizar atendimento fisioterapêutico de excelência, atendimento este de acordo com as exigências do mercado (VIANA et al., 2012).

A adequada remuneração dos profissionais atuantes na fisioterapia é estabelecida pelo Código de Ética dos Fisioterapeutas, que dispõe, no Cap. V, Art. 27, a justa remuneração dos serviços realizados e que proíbe, no Art. 30, assistência prestada por um valor ínfimo (COFFITO, 2018). No entanto, percebe-se no cotidiano do exercício profissional que a

normativa não garante retorno financeiro que valorize o trabalho do fisioterapeuta. Assim, de maneira geral ele enfrenta dificuldades para estruturar-se na profissão, por vivenciar uma realidade econômica instável atrelada à baixa remuneração na área da saúde (BADARÓ; GUILHEM, 2011).

A baixa remuneração dos profissionais que atuam na área da fisioterapia muitas vezes faz com que o fisioterapeuta encontre na docência uma oportunidade de complementação salarial (DIANA; OLIVEIRA, 2011), condição que pode ser exemplificada no relato de *Esplênio*:

[...] a docência surgiu na minha vida, quando eu saí da clínica, ficou um vácuo de horário e também financeiro [...] então pensei, vou ser professor [...] eu já estava envolvido no mestrado [...] já tinha experiência em razão da neurocirurgia que sempre foi um diferencial na minha vida, com palestras em vários eventos pelo Brasil [...] então pensei “será uma boa oportunidade” (*Esplênio*).

A insatisfação com o retorno financeiro normalmente prevalece no início da carreira do fisioterapeuta, que conquista gradativamente melhores condições salariais somente ao longo do espaço-tempo de atuação profissional, na medida em que consegue se estabelecer na profissão, tornando-se conhecido no meio social e mais experiente (SHIWA; SCHMITT; JOÃO, 2016).

Essa realidade foi vivenciada por *Grande Dorsal*, que rememorou seus desafios durante o início da prática clínica. Afirmou que o fator econômico na Fisioterapia foi a razão de sua decepção com o fazer profissional. Daí a motivação para seguir a carreira na docência:

[...] recém formada na Fisioterapia eu atendia, “aquele esquema horroroso” [...] lembro que ali tive raiva dos meus professores, por alguns momentos, eu pensava “nossa eles não me falaram que a profissão é desvalorizada, tem o lado ruim, e que eu iria me formar e iria ganhar isso” [...] eu ganhava na época, R\$ 500,00 trabalhando seis horas por dia [...] era esquema produtividade, era uma clínica conveniada, que tem que trabalhar em alta demanda [...] E com isso a gente morria de atender, não atendia com qualidade, aquele ciclo vicioso clássico que existe até hoje [...] essa realidade me levou sem dúvidas a buscar a docência (*Grande Dorsal*).

Esse fato reafirma a condição evidenciada no estudo de Shiwa, Schmitt e João (2016). Os autores analisaram o perfil do fisioterapeuta do estado de São Paulo e identificaram que aqueles com mais anos de formação e experiência profissional apresentara melhor remuneração em relação aos profissionais recém-formados. Outra questão também apontada pelos autores foi que a maior renda salarial estava relacionada ao campo de trabalho dos fisioterapeutas que se dedicavam a universidades e/ou clínicas próprias. Essa condição pode ser percebida no relato de *Abdominais*, que se motivou a trilhar a carreira docente em busca de satisfação pessoal e

compartilhou realização financeira mediante sucesso profissional na Fisioterapia alcançado na prática clínica:

[...] a minha clínica [...] era muito grande, completa, muito bonita e bem amparada, eu estava bem instalada profissionalmente, era muito conhecida e valorizada [...] e de fato, eu ganhava muito dinheiro. Essa história que a fisioterapia paga mal não condiz, eu ganhava muito bem, tanto que quando eu comecei a dar aula custou para equiparar o que eu tirava lá na clínica [...] Então não eu não escolhi a docência por uma questão financeira, foi uma questão de realização porque nessa época, se eu olhar para trás, eu tenho muito nitidez de lembrar que eu gostaria de associar, nunca tive interesse de deixar a clínica [...] eu tinha interesse em dar algumas aulas para me satisfazer mesmo como professora, no compromisso de divulgar a fisioterapia adequadamente e no interesse de me atualizar (*Abdominais*).

Embora grande parte dos fisioterapeutas docentes tenha relacionado suas vivências clínicas na Fisioterapia como um fator positivo para o fazer profissional fisioterapêutico e também para a docência, observou-se que experiências únicas também estiveram presentes, como na trajetória de *Grande Dorsal*, que ao tornar-se fisioterapeuta decepcionou-se imediatamente com o exercício da profissão, experienciando um cotidiano de trabalho que não atendia às suas expectativas. Isso o levou a buscar um redimensionamento de sua vida profissional por meio da carreira docente:

[...] aquele salário horroroso do centro clínico que não aumentava, o negócio de atender em grande demanda foi ficando cada vez mais sem graça [...] eu não queria mais saber de atender, aquilo já não tinha mais graça na minha vida, aquela rotina de clínica chata, essa é a verdade, eu queria só estudar [...] queria mudar de vida (*Grande Dorsal*).

Vivências diferentes com relação às experiências docentes na profissão de origem e seus reflexos no processo formativo discente geram questionamentos, tais como: será que os fisioterapeutas docentes que tiveram, ao longo de suas trajetórias formativas, professores que foram de fato profissionais que se identificaram com a área de atuação, trilhando um percurso profissional de sucesso e realização, conseguem melhores resultados no fazer profissional docente, em relação àqueles que ingressaram na docência sem “expertise clínica”?

O ingresso do fisioterapeuta na carreira docente foi considerado, a partir do início efetivo do fazer profissional na docência, entre 18 e 33 anos, ainda durante seus processos formativos na Fisioterapia e ao longo da vida profissional, mediante experiências em programas do Governo Federal e de mestrado, cursos técnicos e ensino superior. Foi possível identificar que, em média, os fisioterapeutas se tornam docentes aos 26 anos. Já o tempo total na docência, compreendido ao longo da dedicação efetiva à docência, variou de seis a 20 anos, sendo a média de anos da trajetória docente do grupo de 12 anos.

A primeira porta de entrada para o fazer profissional na docência, compartilhada por dois dos dez fisioterapeutas que compunham o grupo, esteve relacionada ao ensino técnico como um período de grande aprendizado na carreira docente:

[...] comecei em colégio técnico de enfermagem, dando aula de anatomia e fisiologia [...] a anatomia da fisioterapia é muito forte e eu particularmente na minha faculdade era muito forte [...] o pessoal da escola começou a gostar, começou a pedir em outras disciplinas. A experiência do ensino técnico me ajudou muito [...] me ensinou a lidar com as diferenças, têm pessoas de vários níveis, de várias escolaridades, várias idades, colégio técnico é muito isso [...] foi uma experiência fantástica (*Esplênio*).

[...] comecei no colégio técnico [...] conheci um professor que era técnico em radiologia [...] e falou eu vou chamar ela para dar aula no meu curso de anatomia [...] comecei e de repente quando eu me vi eu estava “bombando” de aula [...] aprendi muito ali (*Grande Dorsal*).

O importante desenvolvimento apontado pelos fisioterapeutas docentes ao longo de suas trajetórias no ensino técnico pode estar relacionado à superação dos diversos desafios que esse cenário estabelece profissionalmente a esses indivíduos, que de maneira geral enfrentam baixas remunerações e fragilidade da infraestrutura disponível para capacitar os futuros profissionais, mas ao mesmo tempo eles se preparam para o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias à carreira docente no ensino superior. A oportunidade de lecionar inicialmente nesses cursos técnicos possivelmente esteve relacionada a maior facilidade de acesso ao mercado de trabalho docente, que requer menor exigência profissional (SGARBI, 2018).

Observou-se que o caminho trilhado durante o processo formativo na Fisioterapia constituiu um importante território de oportunidade profissional para o fisioterapeuta recém-formado, pois três dos dez que compunham o grupo ingressaram na docência na mesma instituição em que se graduaram. Os relatos de *Masseter*, *Paravertebrais* e *Multífidos* mostram, não somente a oportunidade de ingresso na docência no ensino superior em consequência das relações e dedicação ao longo do processo de formação, mas também os desafios relacionados ao exercício da docência de jovens fisioterapeutas sem experiências profissionais, tanto clínicas como docentes:

[...] um mês depois de formada eu recebi um telefonema, era do professor que era chefe do departamento lá da clínica escola. E ele me convidou para ser professora, então eu tinha um mês de formada, eu só era graduada, não tinha experiência nenhuma em termos de docência em sala de aula [...] eu levei um pouco de susto (*Masseter*).

[...] a faculdade premiou os três melhores alunos contratando como professor. Então a gente ganhou a bolsa 100% no mestrado e ao mesmo tempo foi contratado para dar aula na faculdade [...] A gente teve todo o respaldo do corpo docente que estava na

época, começamos ministrando algumas aulas, e aí depois assumimos uma disciplina propriamente dita (*Paravertebralis*).

[...] eu entrei para lecionar aqui na faculdade, foi um período bem, bem difícil porque eu estava iniciando na mesma instituição em que eu havia me formado, como docente [...] Eu senti um peso muito grande de ser colega dos meus mestres [...] Foi um período de muito muito trabalho e muita dificuldade também (*Multífidus*).

A falta de experiência e a imaturidade profissional do docente no ensino superior são condições que podem comprometer a qualidade da formação de futuros profissionais, por se tratar de fazer profissional que se constitui a partir de complexo exercício. Nesse exercício, o fisioterapeuta precisa ultrapassar as fronteiras do conhecimento puramente concebido ao longo de seu processo formativo, que o qualifica como especialista, e conceder espaço aos saberes da experiência adquiridos ao longo das trajetórias pessoais e profissionais, que lhe permite articular saberes inerentes da fisioterapia, do Projeto Político Pedagógico do curso, das Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação, bem como das políticas de saúde em âmbitos regionais e nacionais (PIMENTEL; MOTA; KIMURA, 2007; PIVETTA 2006).

Nesse sentido, é necessário questionar se o exercício da docência por jovens fisioterapeutas, sem experiências profissionais, embora seja uma importante oportunidade de atuação em uma nova área, representa uma boa prática e garante qualidade institucional para os cursos de ensino superior em Fisioterapia. Isso porque os importantes avanços técnico-científicos na produção de conhecimento e a conquista da autonomia profissional no campo da Fisioterapia não foram suficientes para apagar as marcas deixadas pelo percurso histórico da profissão, que se revelam por meio de uma formação acadêmica carente de disciplinas que estimulem o raciocínio crítico reflexivo discente. Trata-se de um ensino estruturado no modelo assistencialista e reabilitador, que capacita o fisioterapeuta apenas para a realização de práticas hospitalares e ambulatoriais, e não o prepara para enfrentar desafios profissionais que não sejam de ordem técnica da profissão (PIMENTA; COSME; SOUZA, 2013).

A prática de contratação de fisioterapeutas especialistas para comporem o corpo docente do ensino superior pode ter sofrido forte influência da LDB n. 9.394/96, que concedeu maior autonomia às instituições privadas de ensino superior brasileiras, ao redimensionar o rigor de contratação de docentes Mestres e Doutores, considerando apenas 1/3 do corpo docente institucional suficiente para o desenvolvimento do curso. Entretanto, essa nova realidade ameaça sobremaneira a qualidade educacional no país e influencia na produção de novos

conhecimentos científicos na área, bem como compromete a garantia de emprego para fisioterapeutas mestres e doutores altamente especializados, que passam a se deparar com um restrito campo de trabalho (COSTA, 2007).

Cabe ressaltar que Sá (2004), ao investigar a trajetória docente de engenheiros, também evidenciou situação semelhante quanto à oportunidade de ingresso dos docentes na mesma instituição em que estudaram, embora não tenha correlacionado tal questão com a qualidade do ensino superior desses profissionais.

Outra questão evidenciada ao longo das trajetórias docentes na Fisioterapia foi a criticidade apontada nos relatos de 6 dos 10 fisioterapeutas mestres que compunham o grupo, relacionada ao ingresso e realização do Mestrado, condição que possivelmente ocorreu pela oportunidade que tiveram, dentro dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Nesses programas puderam conhecer novos desafios de uma área ainda jovem em relação às profissões da saúde, ao serem motivados a buscar soluções relacionadas às diferentes demandas científicas de caráter experimental, humanas e sociais (COSTA, 2007; CHESANI, 2013).

O primeiro Mestrado brasileiro em Fisioterapia ocorreu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), autorizado oficialmente pelo MEC em dezembro de 1996, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi quando a Fisioterapia passou a integrar formalmente a comunidade científica (COSTA, 2007).

As instituições de ensino superior contam atualmente com importante número de fisioterapeutas mestres e doutores, fruto dos esforços para expansão da pós-graduação *stricto sensu*, que esteve relacionada à falta de capacitação docente necessária para atender à demanda de cursos de graduação em Fisioterapia, que sofreu expressiva expansão na década de 90 (COSTA, 2007; CHESANI, 2013; BRASIL, 1969; INEP, 2010). Esse fato provavelmente justificou a formação *stricto sensu* em nível de mestrado de todos os fisioterapeutas que compunham o grupo, influenciada também pela oportunidade de emprego em um curso recém-aberto na faculdade localizada no vale do Paraíba paulista. Essa formação na pós-graduação estava atrelada à necessidade de realização de um fazer profissional docente de maior qualidade e competência, pois o programa de mestrado impulsiona a construção de conhecimento.

Ao analisar o grupo, percebeu-se um universo de pesquisa constituído por um corpo docente de fisioterapeutas que construíram suas trajetórias na docência no ensino superior em conjunto com a história da instituição ainda nova na região, a qual deu início ao curso de

Fisioterapia em 2004. A dedicação, o afeto e a satisfação em fazer parte do grupo de fisioterapeutas docentes dessa faculdade estão exemplificados nos relatos de *Grande Dorsal* e *Esplênio*:

[...] o coordenador era super bacana, todo mundo era jovem ali, recém formado, recém mestre, recém tudo [...] essa faculdade realmente têm a história na minha vida (*Grande Dorsal*).

[...] eu tive a oportunidade de participar da construção da clínica escola, então isso foi muito legal para mim [...] é um orgulho ver tudo isso aqui funcionando, fui eu que montei aqueles tablados, que desenhei com desenho mesmo, tipo arquiteto, aqui vai ser o ponto de água, aqui vai ser divisória “x”, aqui vai ser divisória “y” [...] Quem veio aqui medir quanto que tinha cada coluna fui eu [...] foi um trabalhão na época, e nossa eu tenho um baita orgulho disso, pouquíssimas pessoas sabem disso, inclusive os alunos, pouquíssimos alunos têm ideia disso (*Esplênio*).

A relação de afeto e satisfação em fazer parte do grupo de fisioterapeutas docentes da faculdade foi construída ao longo das trajetórias do grupo, por meio de experiências no espaço tempo vivido, o qual é referendado por Bragança (2009) e Ricoeur (1994) como um movimento repleto de sentidos existenciais.

Nesse momento, os fisioterapeutas docentes, não somente rememoraram e compartilham suas experiências nos espaços que constituíram a faculdade e o curso de fisioterapia, como também realizaram importante reflexão sobre aquele tempo e seus acontecimentos, a partir do chamado tríptico presente de Ricoeur (1994), que transpõe passado, presente e futuro. Ou seja, o momento presente oportunizou aos fisioterapeutas reflexões que lhes possibilitaram reconhecimento e compreensão de escolhas, acontecimentos, práticas e sentidos pessoais e profissionais, nos mesmos ambientes em que no passado iniciaram suas trajetórias na docência no ensino superior, repletos de sonhos, expectativas e medos, e que ao mesmo tempo os estimulou a compartilharem planos para o futuro. As projeções para o futuro foram exemplificadas nos relatos de *Tríceps Sural* e *Multífidus*:

Eu tenho planos para o futuro, daqui há cinco anos eu não quero estar desatualizada, estou trabalhando com o básico, publicando, mantendo o meu currículo atualizado, para aí quem sabe prestar um concurso (*Tríceps Sural*).

Tenho muita gratidão por tudo que vivi aqui, penso sim em ainda fazer o pós-doutorado (*Multífidus*).

Outra questão relacionada às experiências no espaço tempo vivido foi a inter-relação existente no compartilhamento das histórias do grupo. Percebeu-se que os fisioterapeutas que trilharam juntos os caminhos da docência em uma mesma instituição, na qual amadureceram,

enfrentaram desafios pessoais e profissionais, superaram dificuldades, construíram laços afetivos, e percebeu-se também que ao mesmo tempo tinham sentimentos de profunda gratidão, tanto à instituição, quanto aos fisioterapeutas que marcaram suas trajetórias pessoais e profissionais. Tal fato reafirma as inter-relações do grupo secundário de socialização nas trajetórias de vida (DUBAR, 2005).

[...] estava muito feliz com a oportunidade [...] entrei na faculdade, mas ao mesmo tempo sem saber nada, eu estava aprendendo cada dia mais [...] erámos todos muito jovens, um grupo de professores aprendendo juntos [...] ali fiz muitas amizades, tivemos oportunidades, vivenciamos os maiores desafios da vida profissional [...] eu digo que amadureci, chorei, sorri, enfim aprendi [...] tenho muita gratidão (*Grande Dorsal*).

[...] não tinha o centro clínico, nós trabalhamos todos juntos aqui para ser o que é hoje, ninguém faz nada sozinho [...] enfim a gente foi crescendo aqui dentro (*Esplênio*).

Aqui na faculdade eu fui ganhando espaço na profissão, êxito que busquei durante minha carreira. Eu entrei aqui e me desenvolvi e amadureci pessoalmente e profissionalmente [...] enfrentei uma situação muito difícil, sou eternamente grato pelo apoio e supervisão que tive [...] a coordenação esteve sempre comigo (*Escapulares*).

Entretanto, notou-se que, mesmo mediante a predominância (70%), no universo de pesquisa de fisioterapeutas docentes com doutorado, em seus relatos não foram evidenciados incidentes críticos nos caminhos por eles percorridos. Supõe-se que o fator experiência possa ter assumido centralidade, tornado a trajetória no doutoramento mais suave e previsível, provavelmente devido a maior maturidade dos profissionais em contornar os desafios encontrados ao longo de suas jornadas.

Em relação ao processo de doutoramento, apenas um fisioterapeuta docente o apontou como caráter marcante em sua trajetória, por se tratar da realização do doutorado sanduíche, justificado certamente pela complexidade que envolve as questões que permeiam desde o planejamento até a concretização e desenvolvimento do processo formativo no exterior (SALVETTI *et al.*, 2013). Leia-se o relato de *Multífidos*:

[...] isso era um sonho muito distante e que eu achava que eu achava que nunca teria essa oportunidade [...] então ela aconteceu [...] foi um período de desafios e amadurecimento [...] durante o doutorado sanduíche na França, minha vida foi exclusivamente voltada para pesquisa [...] a experiência no exterior foi maravilhosa pessoalmente e profissionalmente, pelos contatos que eu fiz com outros profissionais tanto da fisioterapia, quanto da engenharia [...] a necessidade de você se unir à outros profissionais em prol do da saúde do indivíduo, vivenciar outras formas de se fazer ciência, abre muito a mente da gente, quando saímos do país e vivenciamos a forma de trabalho dos outros, em outros lugares é muito rico [...] uma experiência fantástica

e inesquecível que resultou em crescimento pessoal, profissional e conseqüentemente crescimento também para a instituição na qual trabalho atualmente (*Multífidus*).

O doutorado sanduíche oportuniza uma experiência única e enriquecedora, mas também desafiadora. Os profissionais passam a conhecer outros grupos de pesquisas, estabelecem contatos e parcerias com pesquisadores de diferentes países, na perspectiva de ampliação do conhecimento científico da área de atuação, aprendem formas distintas de financiamento de pesquisa, bem como aprendem a vencer os desafios da rotina imposta por uma cultura diferente de seu país de origem. Assim, vivenciam um diferente estilo de vida, gastronomia, língua, e muitas vezes solidão, especialmente nos períodos de adaptação à nova vida acadêmica (COURY, 2009; DANTAS, 2009; GATTI, 2001; SALVETTI et al., 2013).

Por fim, compreendeu-se que, mesmo sem nenhuma formação específica destinada à área educacional, os fisioterapeutas que constituíram o grupo ingressaram bastante jovens na carreira docente, em média aos 26 anos de idade, e apresentaram média de trajetória docente de 12 anos.

As motivações e oportunidades relacionadas ao ingresso na carreira docente dos fisioterapeutas que compunham o grupo ocorreram, tanto durante seus processos formativos, quanto ao longo de suas trajetórias profissionais, atreladas ao importante redimensionamento de sua vida pessoal e profissional.

No compartilhamento das histórias do grupo pode-se também perceber que os fisioterapeutas ingressaram na carreira docente em busca de satisfação pessoal de forma consciente e intencional, e reconheceram que as experiências adquiridas por meio da prática clínica fisioterapêutica foram importantes em suas trajetórias na docência. Portanto, a partir das similaridades e singularidades que constituíram as trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas, foi possível conhecer os incidentes críticos de seus percursos de vida que os motivaram a buscar a docência, bem como compreender os significados e influências que possibilitaram, não somente o delineamento do perfil docente na Fisioterapia, mas também a ampliação das reflexões e discussões sobre o desenvolvimento da profissão no país e no mundo.

4.2.3 Maternidade e Paternidade: redimensionamento entre vida pessoal e profissional

O trabalho não pode ser uma negatividade da vida, mas, muito pelo contrário, sua expressão, coisa que o capitalismo, em suas mais variadas versões apresentadas no decorrer da história, não permitiu que ocorresse. Eis a Esfinge que cabe ao homem contemporâneo decifrar, para não ser definitivamente devorado por ela (HELOANI & CAPITÃO, 2003, p. 108).

Ao retomar as reflexões sobre a sociedade contemporânea e correlacioná-las às particularidades do mundo do trabalho, evidenciaram-se tempos desafiadores, tanto do ponto de vista pessoal e familiar, quanto profissional. Isso porque a sociedade apresenta um novo perfil, de difícil definição, mas é facilmente percebido por todos, um perfil que afeta e transforma as relações do mundo pessoal e organizacional (BAUMAN, 1998; RECKWITZ, 2017).

A sociedade contemporânea é constituída por “sujeitos da experiência”, motivados a buscar constantemente sensações e inovações, imersos na avalanche tecnológica que compromete a transcendência humana. Marcada pela ética narcisista e pelo espírito competitivo, contribui para o desenvolvimento da era dos “especialistas em identificar problemas” que necessitam de rápida solução. Esse movimento estabelece um ritmo de trabalho intenso e veloz, que desafia o fazer profissional, especialmente dos indivíduos que vivenciam o processo de transição para a parentalidades (BAUMAN, 1998; DUARTE; ZORDAN, 2016; RECKWITZ, 2017).

A parentalidade exige dos indivíduos a criação de importante espaço, não somente para atender às demandas dos filhos, mas também para o desenvolvimento, construção e aquisição de novos papéis sociais que são redimensionados no contexto familiar, na perspectiva de assegurar saudável maternidade e paternidade (BELTRAME; DONELLI, 2012).

O nascimento dos filhos é considerado um importante estágio normativo do ciclo de vida familiar, compreendido como um acontecimento que afeta, transforma e redimensiona definitivamente as vidas maternas e paternas (SILVA; CARNEIRO 2014; VANALLI 2012). A chegada de um novo membro à família requer uma fase de adaptação individual e relacional, por se tratar de um período de intensas mudanças, pois os novos papéis, tempos e espaços são aos poucos reconstruídos e adaptados à nova rotina familiar (VANALLI 2012). Esse fato possivelmente justificou a criticidade em relação à experiência da maternidade e paternidade, referenciada nos relatos dos fisioterapeutas docentes e confirmadas por meio da análise dos

Biogramas Colaborativos do grupo e de seu quadro de superposição (Quadro 4) Isso aconteceu, tanto nas trajetórias de *Risório, Multifidos, Esplênio e Abdominais* fisioterapeutas, que conciliavam as carreiras fisioterapêutica e docente, quanto na de *Grande Dorsal, Paravertebrais e Triceps Sural*, que se dedicavam exclusivamente à carreira docente e à pesquisa científica.

As dimensões relacionadas ao desejo, planejamento e nascimento dos filhos foram apontadas pelos fisioterapeutas docentes como incidentes críticos que os colocou em uma dualidade, tanto positiva, do ponto de vista pessoal e familiar, fruto de sentimentos de realização e gratidão, quanto negativa, do ponto de vista profissional, no sentido do enfrentamento dos desafios impostos pela nova rotina que determinou novas formas de se pensar e realizar o fazer profissional.

Quadro 4 - Quadro de superposição dos Biogramas Colaborativos: redimensionamento entre vida pessoal e profissional a partir da maternidade e paternidade

FASE ATUAL	PSEUDÔNIMO	CRONOLOGIA	IDADE VITAL	IDADE PROFISSIONAL	ACONTECIMENTOS / INCIDENTES CRÍTICOS	SENTIDO ATRIBUÍDO
Conciliação entre carreira fisioterapêutica e docente	<i>Multífidis</i>	2017	33	7	Maternidade - tornou-se mãe, ou Paternidade - tornou-se pai	Vivencia uma nova fase em sua vida por meio da gestação de seu primeiro filho; redimensiona as prioridades na vida pessoal e profissional.
	<i>Abdominais</i>	2005 e 2015	28 e 39	7 e 17		2005 - Vivencia uma difícil fase de saúde durante a gestação; frustra-se por um lado, mas por outro sente-se imensamente feliz; 2015 - Vivencia com maior estabilidade a maternidade, embora enfrente os desafios de conciliar a carreira docente, de gestão e a vida pessoal.
	<i>Esplênio</i>	2009	30	9		Preocupa-se em garantir a qualidade de vida à família; inicialmente aumenta a jornada de trabalho; vivencia uma fase de amadurecimento e redimensionamento do ritmo de trabalho.
	<i>Risório</i>	2010	27	5		Preocupa-se em garantir qualidade de vida à família, desiste do sonho de realizar o processo de doutoramento na capital, devido à falta de segurança e à violência.
Dedicação exclusiva a carreira docente e a pesquisa científica	<i>Grande Dorsal</i>	2012	33	12		Vivencia um importante redimensionamento das prioridades entre a vida pessoal e profissional, enfrentando os desafios da maternidade.
	<i>Triceps Sural</i>	2016	36	13		Vivencia um importante redimensionamento das prioridades entre a vida pessoal e profissional enfrentando os desafios da maternidade.
	<i>Paravertebrais</i>	2014	37	8		Preocupa-se em garantir a qualidade de vida à família, com a chegada dos trigêmeos; aumenta a jornada de trabalho; vivencia uma fase de amadurecimento e reconhece a importância da carreira docente na paternidade.

Fonte: Elaborado pela autora - 2018.

A nova configuração familiar redimensiona os papéis e rompe com os modelos tradicionais, nos quais as mulheres cuidavam exclusivamente da rotina doméstica e criação dos

filhos, enquanto o homem, autoritário, provia sustento financeiro e proteção ao lar. O modelo atual descaracteriza a hierarquia doméstica, abre espaço para a mulher no mercado de trabalho e surpreende a figura masculina com novas atribuições no seio familiar, por meio de uma postura empática, não autoritária e unicamente provedora (GOMES, 2004; RESENDE, 1997).

Embora, as transformações impostas pela pós-contemporaneidade influenciem, tanto as formas de viver e se relacionar de homens e mulheres, quanto as concepções sobre a maternidade e paternidade, ainda persistem no imaginário social profundas e persistentes marcas do modelo tradicional (GOMES, 2004). Esse cenário provavelmente justificou os relatos dos fisioterapeutas docentes do sexo masculino, que ao longo de suas trajetórias entre cinco (5) e nove (9) anos de idade profissional tornaram-se pais entre 27 e 37 anos de idade e preocuparam-se em garantir segurança, suporte financeiro e qualidade de vida à família:

A chegada da minha filha muda um pouco as coisas, você fica mais preocupado em prover bem a família, então você acaba trabalhando mais, para ganhar mais enfim, depois passa um tempo você percebe que isso é bobeira (*Esplênio*).

[...] com os filhos você ter uma preocupação a mais [...] chegando numa certa faixa etária que é normal você querer começar a diminuir o ritmo, e quando vem a chegada deles você diz: “não, eu não posso diminuir o ritmo”. Justamente porque eu quero oferecer para eles de repente aquilo que eu não tive oportunidade [...] quando eles nasceram eu entrei na outra instituição, porque eu me vi na necessidade de ter mais um emprego para poder conciliar todos os gastos que a gente tinha (*Paravertebrais*).

[...] quando nasceu meu filho, aí que eu não voltei mais para aquele município mesmo, três anos que eu tinha para usar os créditos para o doutorado e perdi [...] eu continuo com o orientador até hoje, mas não voltei mais [...] a família mora lá [...] mas eu não posso ir porque a minha esposa não deixa, por conta da violência, eu tenho medo [...] eu liguei tudo [...] por conta da família mesmo (*Risório*).

Esses relatos corroboram o estudo de Vanalli (2012), que ao investigar as dimensões relacionadas à conciliação entre profissão, conjugalidade e paternidade para homens e mulheres com filhos na primeira infância, evidenciou que, ao tornar-se pai, o homem adquire maiores sentimentos de dedicação e responsabilidade em relação à vida profissional.

O novo perfil paterno assume também lugar afetuoso, atencioso e tolerante, no processo de desenvolvimento humano, desvelando a humanização da figura paterna na atualidade, quando, além de demonstrar suas fragilidades e emoções, participa e acompanha de forma ativa a vida dos filhos (GOMES, 2004; NOGUEIRA, 2017). Essa condição pode ser exemplificada ao longo do relato de *Esplênio*:

[...] a minha filha já nasceu dentro desse sistema, então ela lida bem com isso, hoje ela tem oito anos [...] o mais difícil é eu ter que viajar no fim de semana para dar aula, as vezes quando eu viajo eu vou na sexta de manhã e volto no domingo de madrugada [...] vire e mexe ela vem comigo para faculdade [...] vai atender paciente comigo as vezes [...] faço questão de estar com ela e acompanhar o seu desenvolvimento tanto na escola, quanto na vida (*Esplênio*).

Outra questão importante é a divisão das atividades familiares entre homens e mulheres, vital na organização da sociedade contemporânea, para estabelecimento de uma relação saudável e de qualidade. Nesse sentido, há necessidade, tanto da divisão das tarefas domésticas e das demandas destinadas aos cuidados dos filhos, quanto da reorganização dos compromissos profissionais individuais. Essas decisões e alinhamentos, diante da realidade do fazer profissional docente, tornam-se menos complexas e mais facilmente flexibilizadas (FABBRO, 2006; NOGUEIRA, 2017). Esse fato pode ser evidenciado, tanto no relato paterno de *Paravertebrais*, quanto no relato materno de *Multífidis*:

[...] eu penso muito neles até nesse sentido da docência. Por a gente ter uma carga horária já pré-estabelecida, hoje eu consigo organizar toda minha rotina junto com a da minha esposa que também é professora, para a gente poder conciliar nossa vida profissional com a vida familiar, então é bem legal [...] Permite também a gente ter duas férias no ano, que coincide com as férias das crianças [...] a gente quer estar junto deles, então a docência pesa muito nesse sentido (*Paravertebrais*).

O fato de eu ter escolhido a docência foi um ponto muito positivo porque a questão dos horários das aulas isso fica mais fácil de se lidar, como eu dou mais aulas a noite, isso facilita que eu acompanhe mais o meu filho, então eu não vou precisar abrir mão de trabalhar ou daquele momento, para cuidar dele (*Multífidis*).

A presença, participação e apoio paternal são fundamentais, não somente em relação ao planejamento e gestação, mas principalmente na fase inicial do desenvolvimento da criança na primeira infância, importante período de adaptação familiar, quando as demandas tendem a ser maiores e, conseqüentemente, ocorrem fortes conflitos (NOGUEIRA, 2017). A importância da proximidade paterna no processo de parentalidade pode ser observada no relato de *Triceps Sural*, que enfrenta os desafios da maternidade em conjunto com o redimensionamento profissional do marido, cuja distância física do núcleo familiar traz insegurança para a mulher no desempenho do seu papel materno, como se observa no relato abaixo:

[...] demorou um pouco para cair a minha ficha [...] minha filha com sete meses, meu marido teve uma proposta de emprego excepcional em outra empresa [...] para ser gerente regional, tinha que viajar muito, mas era a oportunidade que ele sempre sonhou [...] então, ele viajava três semanas dentro de um mês, e eu sozinha com minha filha. Eu só topei a maternidade na época porque eu teria um marido junto comigo [...] eu nunca sonhei com maternidade, eu nunca tive afinidade com criança, eu só topei a maternidade porque ele queria muito ser pai. Pensava: pensava eu sei que ele vai me ajudar, só que [...] ele estava viajando (*Triceps Sural*).

Mesmo diante do direito garantido pela Constituição Federal de 1988, que dispõe, em seu art. 5º, sobre a igualdade em direitos e deveres perante a lei entre o sexo feminino e masculino, as dimensões relacionadas ao redimensionamento entre vida pessoal e profissional mediante a parentalidade assumem características diferentes em meio social. Isso porque a mulher ainda se sente na responsabilidade de assumir o cuidado do filho. Tal fato ocorre porque, com frequência, a alta qualificação e sucesso profissional para os homens, na maioria das vezes, viabiliza o trabalho e a paternidade, enquanto para as mulheres conciliar a maternidade e trabalho apresenta-se como fator desafiador e conflitante, o que as leva, por vezes, a optar por adiar ou mesmo não vivenciar a maternidade (BELTRAME; DONELLI 2012; SILVA, 2016).

A mulher contemporânea ocupa novos espaços, ao mesmo tempo em que assume uma multiplicidade de papéis desafiadores para o universo feminino, os quais se apresentam como acúmulos de tarefas diárias e expectativas. Isso devido ao desenvolvimento com excelência de suas funções de mulher atraente, esposa dedicada, ótima mãe e profissional de alto nível (QUEDNAU, 2007).

Embora a maternidade tenha acontecido de forma desejável na vida das fisioterapeutas docentes *Multífidis*, *Abdominais*, *Grande Dorsal* e *Tríceps Sural*, suas trajetórias pessoais e profissionais não estiveram imunes às condições sociais, culturais e históricas que constroem o mito do amor materno, pois a partir da gestação a mulher torna-se protegida e iluminada, ocultando assim a amplitude das mudanças, complexidade e possíveis complicações que permeiam esse processo (FABBRO, 2006).

[...] defendi o doutorado e falei para meu orientador, tchau agora nunca mais, agora vou ser mãe, porque eu defendi [...] e o meu marido já falou não vai tomar mais pílula (*Grande Dorsal*).

[...] meu marido já estava me pressionando para engravidar e eu falei: “ok, vamos tentar depois que eu defender o doutorado, porque vai que dá certo, o neném não merece o estresse do final”, mas eu tinha certeza que eu não iria engravidar tão rápido [...] terminei o doutorado e no mês seguinte engravidei, na primeira tentativa (*Tríceps Sural*).

Os relatos acima mostraram o conflito entre trabalho e maternidade, o que possivelmente justificou os desafios vivenciados pelas fisioterapeutas docentes que, ao longo de suas trajetórias, entre sete e 17 anos de idade profissional, tornaram-se mães entre 33 e 39 anos de idade, adquirindo, não somente mais um papel em suas vidas, mas também impondo limites às dimensões relacionadas a suas demandas profissionais, como exemplificado na narrativa de *Tríceps Sural*:

[...] eu vou dizer pra você que o choque da realidade é quando nasce, não é quando engravida [...] você abre uma página da sua vida, porque os meus planos eram terminar o doutorado, dentro de um ano há um ano e meio eu tenho oito artigos que eu quero publicar em revistas internacionais e nacionais, eu já tinha dados do Pós Doc. coletado, então o Pós Doc. eu queria fazer fora, estava tudo na minha cabeça [...] eu ia tentar uma faculdade federal e quando eu volto a trabalhar depois da licença maternidade, que eu vejo o que é a rotina de ser mãe e trabalhar fora, aí você realmente entende que sua vida mudou é muito difícil (*Triceps Sural*).

A partir da consolidação das Leis do Trabalho (CLT), quando a mulher trabalhadora se torna mãe, segundo ordenamento jurídico brasileiro, conta com os benefícios da licença maternidade sem prejuízos do emprego e remuneração, salário maternidade às contribuintes da Previdência Social e estabilidade do emprego garantida, desde a confirmação da gestação até cinco meses após o parto (SILVA, 2016). Nesse período, as fisioterapeutas docentes encontraram amparo legal para se dedicarem às demandas maternas, no entanto identificou-se que os conflitos se tornaram evidentes no momento do retorno à rotina de trabalho. *Triceps Sural*, por exemplo, compreendeu as dimensões de conciliar maternidade e vida profissional somente ao término de sua licença maternidade.

Percebeu-se também que a maternidade ocorreu de forma tardia entre as fisioterapeutas que compunham o grupo. Primeiramente buscaram desenvolvimento, satisfação e estabilidade no âmbito profissional de suas vidas, possivelmente influenciadas pelo modelo feminino contemporâneo que experiencia a maternidade em uma fase mais madura. Bem informadas, dispõem de diversos métodos contraceptivos, e assim buscam promover-se altos níveis educacionais, culturais e profissionais, viabilizando visando à estabilidade financeira (BELTRAME; DONELLI 2012; JR; VERONA, 2016.).

Esse cenário é confirmado por meio da formação acadêmica do grupo. As quatro fisioterapeutas docentes realizaram pós-graduação *Stricto Sensu* em nível de doutorado, sendo uma delas um doutorado sanduíche na França, o que possivelmente esteve relacionado ao maior tempo de dedicação à carreira e estudos atrelados ao adiamento da maternidade (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Os redimensionamentos entre vida profissional e pessoal necessários mediante o enfrentando dos desafios impostos pela maternidade foram identificados nos relatos de *Grande Dorsal*, *Triceps Sural* e *Multífidus*, que compartilharam suas angústias, escolhas, renúncias e reflexões:

[...] depois que meu filho nasceu e não dava mais, tomei a decisão de não voltar mais para a coordenação, eu não queria mais saber daquilo e não dava para entrar na

faculdade as dez da manhã e sair as dez da noite, me lembro que quando eu fui me despedir do meu chefe ele ficou assustado porque eu falei eu acho que eu não volto mais para a coordenação, até chorei quando eu fui contar e ele disse: “não, a gente não vai conversar agora, quando a senhora voltar a gente conversa” [...] meu filho nasceu [...] a gente marcou uma reunião, oficializei que não iria continuar mais mesmo e aí foi quando eu fiz a indicação da coordenadora que está lá até hoje (*Grande Dorsal*).

[...] eu voltei, mas agora tinha outros compromissos, minha vida havia mudado, eu era mãe, tinha que cuidar do meu filho [...] eu permaneci na faculdade mas remanejei minha carga horária, minha vida mudou profissionalmente e financeiramente (*Grande Dorsal*).

[...] minha vida sempre foi pautada na minha profissão na minha carreira, em ter uma boa profissão, uma boa remuneração em primeiro lugar, sempre ajudei a minha família desde que eu comecei a trabalhar e de repente eu falo: “meu deus, eu não dou conta nem de mim. Como eu vou ajudar o meu pai?”. Não é uma mudança só de ritmo de vida, é uma mudança financeira também (*Triceps Sural*).

Ao longo da partilha das histórias, percebeu-se que as fisioterapeutas enfrentaram os desafios da dualidade pessoal e profissional e retomaram suas trajetórias profissionais, optando pelo redimensionando de suas funções, produções acadêmicas, carga horária e rotina de trabalho docente. Essas questões possivelmente explicam o impacto relatado por *Grande Dorsal* e *Triceps Sural* em suas vidas financeiras, pois a diminuição de carga horária e de produtividade acadêmica causam redução salarial (JR; VERONA 2016).

O principal motivo de retorno das mulheres ao trabalho, após o nascimento dos filhos, encontra-se associado ao grau de realização do fazer profissional (BELTRAME; DONELLI 2012; JR; VERONA 2016). Nesse sentido, depreendeu-se que possivelmente o afeto, realização e satisfação no fazer profissional docente e pesquisa científica tenham motivado as fisioterapeutas a retornarem ao trabalho após a maternidade. Tal aspecto pode ser evidenciado nos relatos de *Multífidis*, *Abdominais* e *Grande Dorsal*:

O meu grande amor é ser professora, ser docente de Fisioterapia e o outro amor é minha família, com a gestação esse amor pela família acaba crescendo, com certeza. Hoje eu acabo me colocando em situações de pensar, e agora? Eu vou precisar diminuir minha carga horária, direcionar minha vida para meu filho que está a caminho, vou aprender a ser uma boa mãe como aprendi a ser professora (*Multífidis*).

[...] quando eu engravidei, não achava que eu iria pensar em deixar a coordenação, diminuir aulas, porque eu fiquei muito disposta. Depois que ele nasceu, eu fiquei um pouco balançada, sabe? Mas então pensei: “ah, vamos ver como é que vai ser” e as coisas aconteceram, tudo se encaminhou, estou bem e feliz aqui com meu trabalho (*Abdominais*).

[...] no começo eu tive um pouco de crise existencial sim [...] sou professora e mãe [...] voltei da licença maternidade e chorei muito na primeira semana, falei que eu não

iria mais, depois a gente sabe que tudo isso passa, que são os hormônios [...] eu voltei com a minha carga horária de vinte horas, metade do que era antes, nesse período eu me afastei da outra faculdade, mas não tive coragem de sair de lá, como eu era concursada eu tinha o direito de tirar dois anos de afastamento prorrogável por mais dois (*Grande Dorsal*).

Com a maternidade, eu não publiquei e nem queria publicar mais nada porque pensava eu sou mãe agora [...] meu filho com um ano e meio o professor daqui me parou no meio do corredor e fala assim: “a revista da faculdade está sendo montada você não quer entrar como membro editorial da revista, revisora, porque você não tem publicação”, e eu pensando não vou publicar, não publiquei, não quero saber disso, então ele falou: “você é doutora, é professora tem que publicar”, aquilo me irritou. Eu pensava não vou dar conta de publicar, para mim tinha ficado um negócio distante, eu queria ser mãe, mas o artigo que eu tinha mandado na véspera dele nascer saiu e juntou com a bronca, eu empolguei e voltei a publicar [...] a pesquisa científica é parte importante da minha vida (*Grande Dorsal*).

A premissa da pesquisa científica compartilhada, conforme relato de *Grande Dorsal*, corrobora o estudo de Fabbro (2006), que, ao problematizar as dimensões do trabalho acadêmico e sua relação com a maternidade, evidenciou que as exigências e a supervalorização da produção científica, tanto pela universidade, quanto pelos órgãos de fomento à pesquisa, estabelecem um ambiente de urgência que demanda tempo de dedicação e aprofundamento, o que, por vezes, compromete as relações familiares. Além disso, repercute em decisões, recusas e reorganizações do espaço tempo de dedicação profissional e pessoal, diante dos novos afazeres maternos.

Outro fator influenciador para o retorno e permanência das fisioterapeutas no fazer profissional da docência possivelmente esteve relacionado ao sentimento de interdependência e autoestima conquistado por meio do trabalho. Esse retorno justifica-se também porque, mesmo refletindo sobre as dimensões e dinâmicas das rotinas profissionais, grande parte das mulheres não se imagina fora dela, e considera a autorrealização, benefícios financeiros e reconhecimento na profissão (QUEDNAU, 2007).

A reorganização das prioridades nas vidas pessoais e profissionais dos fisioterapeutas docente esteve fortemente marcada nos relatos de *Multífidis*, *Grande Dorsal* e *Tríceps Sural*, que revelaram ter-se dedicado por muito à construção de uma trajetória profissional de sucesso, mas que a partir da maternidade a profissão foi deixada em segundo plano, pois sua atenção e preocupação destinaram-se aos cuidados familiares:

Penso que a profissão tinha sempre um pouquinho mais de prioridade em minha vida, mas hoje, meu filho me coloca, em uma situação diferente, na qual penso mais na família como mãe, como mulher (*Multífidis*).

Hoje em dia a minha vida é cuidar do meu filho, que tem cinco anos e que acabou de se formar na pré-escola, ele vai para o primeiro ano, vai ser alfabetizado, ou seja, o meu papel de mãe vai aumentar porque tem que ajudar a estudar, isso eu faço não abro mão, ele tem uma babá excelente, mais quem senta para fazer tarefa e estudar com ele sou eu. E aí hoje eu me dedico a isso, as minha vinte e algumas horas de sala de aula e estágio e as publicações científicas e minha família (*Grande Dorsal*).

[...] a docência, ela ocupa um segundo lugar e por muitos anos esteve em primeiro lugar na minha vida [...] foi extremamente complicado, do ponto de vista pessoal [...] mas eu abri esse capítulo da minha vida [...] a gente tem raiz de família muito forte, então você não vai delegar a educação do seu filho [...] eu não teria paz comigo mesma se eu delegasse a educação da minha filha, minha mãe não fez isso comigo [...] eu quero que a minha filha tenha irmão, porque eu amo ter irmãos, então eu vou ter outro perto [...] eu coloquei um objetivo durante cinco anos da minha vida a maternidade vai ser a minha prioridade, e a minha carreira vai ser secundária (*Triceps Sural*).

As crenças relacionadas aos modelos familiares tradicionais que estabelecem a figura materna como única responsável pela mediação formativa e cuidados específicos dos filhos acompanham sentimentos de autocobrança, ansiedade, insatisfação, frustração e sensação de culpa. Esses sentimentos tornam-se ainda maiores mediante a terceirização dos cuidados por parte da mãe, que por vezes recorre à rede de apoio (avós, tios, familiares, ou mesmos babás, creches e escolas), em decorrência dos compromissos de sua vida profissional (BELTRAME; DONELLI 2012).

Nesse sentido, notou-se que, devido ao retorno ao fazer profissional docente, o grupo de fisioterapeutas e mães, mesmo contando com importantes redes de apoio, optaram cuidar pessoalmente da educação e formação dos filhos. Essa decisão foi possivelmente influenciada pelo nível de educação e cultura individual das participantes, bem como pelas representações dos modelos de boa mãe, construídas durante os processos de socialização primária e secundária, nos quais as mulheres experienciam e projetam condutas maternas desejáveis (DUBAR, 2015; QUEDNAU, 2007).

Identificou-se que o fator experiência também esteve presente nas trajetórias das fisioterapeutas, delineando as diferentes maneiras e estratégias que utilizaram para superar os desafios da maternidade ao longo de suas trajetórias profissionais na docência. Suas experiências aproximaram-se em similaridades, ao mesmo tempo em que se distanciaram em singularidades.

No caso específico da trajetória do *Abdominais*, percebeu-se que a maternidade ocorreu ao longo de sua trajetória profissional na docência de forma tranquila, sem grandes surpresas. Os conflitos foram menores, provavelmente por se tratar da segunda gestação, em idade vital

de maior amadurecimento pessoal e profissional, aos 39 anos, quando já havia dedicado 17 anos à profissão:

[...] ele foi muito pensado, muito desejado, muito planejado porque na verdade é assim, quando você é mãe de um, e no meu caso eu já tinha a minha menina, você é mãe, se você for de um, de dois, de três você é mãe do mesmo jeito [...] eu como professora e coordenadora não digo que foi fácil, mas já estava instalada há bastante tempo então foi mais tranquilo (*Abdominais*).

O espaço tempo da experiência constituiu um importante movimento formador, pois adquirir na prática o saber singular e concreto, que se transforma ao longo do processo de desenvolvimento (BRAGANÇA, 2009; LARROSA BONDÍA, 2002). Esse contexto possivelmente explicou a suavidade do caminho trilhado por *Abdominais* em sua segunda gestação, quando a maternidade não se apresentou livre de desafios, mas um percurso mais previsível e superável.

Embora o grupo de fisioterapeutas docentes estivesse envolvido, tanto nas demandas familiares quanto profissionais, os caminhos por eles percorridos, no que tange a maternidade e a paternidade, foram distintos e marcados por diferenças normativas sociais que estiveram ancoradas nas concepções de gênero. Os homens, mesmo por meio da paternidade mais afetuosa e participativa, preocuparam-se em garantir sustento e proteção ao seio familiar, enquanto as mulheres ainda foram figuras centrais nas atividades domésticas e nos cuidados com os filhos, fato que proporcionou sobrecarga das atividades femininas, com impactos diretos sobre a qualidade do fazer profissional e a satisfação pessoal.

Percebeu-se que o fazer profissional docente ocupou importante lugar nas trajetórias pessoais dos fisioterapeutas de ambos os sexos; entretanto, o redimensionamento entre vida pessoal e profissional ocorreu de maneiras diferentes ao longo das trajetórias, a partir da parentalidade, que se torna realidade na vida das mulheres mais tardiamente, em relação ao grupo masculino.

Nesse sentido, diante da maternidade percebeu-se que as fisioterapeutas docentes encontraram dificuldades em manter o tempo de dedicação aos projetos profissionais, optando por reduzir a jornada de trabalho, na perspectiva de se dedicarem à primeira infância dos filhos. Já os fisioterapeutas, a partir da paternidade preocuparam-se em garantir qualidade de vida à família e estabilidade financeira, no sentido de proporcionar um ambiente seguro ao desenvolvimento familiar.

Diante dos relatos compartilhados foi possível evidenciar que a chegada dos filhos redimensionou a rotina de vida pessoal e profissional dos fisioterapeutas. Dessa forma, questiona-se: “será que a amplitude dos impactos da parentalidade nas trajetórias docentes de fisioterapeutas que planejaram e desejaram em âmbitos de vida pessoal a chegada dos filhos difere daqueles em que a maternidade ou paternidade ocorreu de forma inesperada?”

Por fim, compreender os incidentes críticos nas trajetórias dos fisioterapeutas possibilitou desvelar as singularidades e similaridades que permearam os processos de maternidade e paternidade na docência desse grupo, não como uma ação isolada, mas como fragmento de um todo. Isso possibilitou a compreensão do perfil profissional do fisioterapeuta que se tornou docente ao longo dos acontecimentos que se constituíram como um mosaico de sua história, por meio de importantes reflexões acerca dos papéis assumidos. Esse movimento viabiliza o repensar de estratégias de melhorias que possam de fato contribuir para transformar as representações do papéis assumidos na parentalidade por homens e mulheres, de forma a contribuir para reformulações nas políticas públicas destinadas à família-trabalho e a ampliar as discussões, estimulando avanços da área.

4.2.4 Cinematografia autobiográfica: uso do vídeo autobiográfico como estratégia para narrar

O ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna ele mesmo por meio de figurações com as quais representa sua existência (DELORY MOMBERGER, 2008, p. 35).

Na “era da revolução digital”, que se estabelece nas estruturas comunicativas da vida atual, resultado do importante avanço tecnológico mundial, as estruturas da biografia sofrem desafios e redimensionamentos (RECKWITZ, 2007). Segundo Benjamin (1996), a experiência da narrativa encontra-se em vias de extinção, em um tempo caracterizado por alta tecnologia e profundos silêncios, que afetam diretamente o intercâmbio de experiências.

Assim, tratando-se de um estudo que tem como referencial teórico-metodológico a pesquisa biográfico-narrativa, a tessitura da constituição histórica, pessoal e social do eu por meio do compartilhamento das narrativas dos participantes apresentou-se como um caminho desafiador, possivelmente justificado por um tempo em que tantas palavras parecem estar apagadas da memória, enquanto ocorre superexposição de outras por meio da avalanche

tecnológica que nos transcende (BAUMAN, 1998; LARROSA BONDÍA, 2002; MORAIS, 2018). Portanto, é por meio de importante movimento reflexivo que o ser humano experiencia representar e reconhecer a si mesmo em seu ambiente histórico e social (BOLÍVAR, 2002; DELORY MOMBERGER, 2008; BRAGANÇA, 2009).

Nesse sentido, a narrativa apresenta-se como instrumento de historicidade. É construída no espaço-tempo de reconstrução do passado, como apropriação do presente e projeções do futuro, por meio de processo artesanal fruto do contexto em que ocorre, do lugar social que o indivíduo ocupa ao narrar. Considera-se também quem partilha a narrativa, em que condições e com quais objetivos (BRAGANÇA, 2009; RICOEUR, 1997; SOUZA, 2008).

As entrevistas narrativas demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos de sua existência e tratá-los através da perspectiva oral, organiza suas ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva (SOUZA, 2008, p. 91).

Dessa forma, como a entrevista biográfico-narrativa constitui-se do movimento de contar e escutar a história, deve ocorrer em um ambiente preparado, para que os objetivos propostos sejam alcançados. Isso porque partilhar histórias, sejam elas pessoais ou profissionais, não é tarefa simples, pelo contrário, é um processo complexo, e, que o indivíduo por vezes se expõe, desvela o que antes era oculto em seu imaginário, evidencia presenças e ausências e procura dar sentido às experiências que vivenciou no decorrer de sua vida (BOLÍVAR, 2002; BRAGANÇA, 2009; MORAIS, 2018; PASSEGGI 2011).

Portanto, na perspectiva de promover um ambiente empático e relação de horizontalidade investigativa entre pesquisadora e participante que viabilizasse o processo de compartilhamento dos relatos é que se utilizou o vídeo autobiográfico. Como, explicado anteriormente, ao longo da trajetória metodológica da pesquisa biográfico-narrativa, buscou-se, não somente estimular e auxiliar os fisioterapeutas docentes a encontrarem formas discursivas autorais, mas também compreender a importância desta estratégia para incentivo ao compartilhamento das narrativas pelos fisioterapeutas docentes.

Diante das dificuldades encontradas para se construir narrativas no campo de investigação biográfica, a utilização dessa nova tecnologia na construção do conhecimento mostrou-se uma estratégia importante, identificada pelos próprios fisioterapeutas docentes. Contribuiu para que pudessem refletir sobre suas histórias, balizar formas de se expressar e assim compartilhar suas narrativas de forma colaborativa.

Identificou-se que, sete (07/70%), participantes visualizaram e apenas três (03/30%) relataram não ter assistido ao vídeo antes do encontro presencial.

Os fisioterapeutas docentes que passaram pela experiência de assistir ao vídeo relataram que esse movimento proporcionou um ambiente propício ao processo de rememoração do espaço tempo vivido ao longo de seus processos formativos e profissionais. Afirmaram que o vídeo os ajudou a compreender os objetivos do estudo descritos na carta de apresentação (APÊNDICE A) e os preparou para o encontro presencial, ao mesmo tempo em que aumentou suas expectativas quanto ao futuro encontro, porque o vídeo despertou sua curiosidade a respeito do percurso metodológico da pesquisa e da dinâmica da entrevista.

Décimo Quarto Fragmento do Vivido - A repercussão do vídeo autobiográfico no campo da pesquisa

Durante os encontros presenciais pude me surpreender com a repercussão do vídeo autobiográfico. Há exatamente um decênio do último contato presencial com aqueles fisioterapeutas, ao reencontrá-los a distância imposta pelo tempo parecia amenizada. As lembranças estavam latentes e logo as histórias começavam a ser compartilhadas, antes mesmo do início da entrevista biográfica e da abertura da gravação do áudio. Quando realizada a pergunta desencadeadora, as narrativas fluíram de maneira muito genuína e generosa. Muitos dos participantes relataram que, ao assistirem ao vídeo autobiográfico, resgataram por meio da memória perfeitas lembranças daquele tempo vivido. Reconheciam as suas participações em minha trajetória, e inevitavelmente relacionavam as imagens com aquela jovem fisioterapeuta que no passado conheceram. 20 de fevereiro de 2018.

Durante a entrevista biográfico-narrativa, *Paravertebrais*, *Triceps Sural*, *Grande Dorsal* e *Multífidus* relataram que, ao assistirem ao vídeo autobiográfico, perceberam, ao longo das narrativas e fotografias que constituíam a trajetória da pesquisadora, que possivelmente ao longo da entrevista biográfica-narrativa poderiam contar as histórias sobre suas trajetórias profissionais. Perceberam também que a dimensão pessoal poderia estar presente em seus relatos, e isso os ajudou a refletir sobre como seriam suas narrativas mediante as questões da investigação.

[...] quando eu assisti o vídeo autobiográfico ontem, começou a passar um filme na minha cabeça, de todo o caminho que eu trilhei para chegar onde eu estou hoje [...] e aí eu pensei, gente como foi a minha história mesmo? [...] organizei as ideias pessoais e profissionais na minha cabeça, no sentido, de gente a minha história foi assim [...] que máximo, o vídeo me ajudou a pensar sobre minha própria trajetória (*Paravertebrais*).

Em primeiro momento eu achei que a sua entrevista fosse voltada especificamente para a parte profissional, mas quando eu assisti o vídeo, percebi o quanto você

relacionava as questões pessoais, sua família, suas escolhas, então me surpreendi pois compreendi que não se tratava simplesmente da vida profissional, envolvia a investigação de aspectos sociais, emocionais [...] então eu venho para o encontro presencial mais aberta a falar de coisas pessoais, que talvez se você me perguntasse pura e simplesmente profissionalmente alguns relatos não estariam aqui, dessa maneira em que te contei (*Triceps Sural*).

Ao assistir o vídeo eu pensei, “ela está mandando um vídeo para eu poder visualizar e entender como será a pesquisa” [...] então é exatamente isso que eu vou fazer, contar a minha história pessoal e profissional, assim como ela fez aqui neste vídeo [...] tipo um norteamento [...] fiquei na expectativa do nosso encontro (*Grande Dorsal*).

Assistir o vídeo me deu uma ideia de como seria a pergunta em nosso encontro [...] fiquei pensando sobre a minha vida [...] nela o profissional e pessoal estão sempre juntos, parecem até que é uma só (*Multífidus*).

Em campo de investigação foi possível identificar recepção atenciosa da maior parte dos fisioterapeutas docentes ao vídeo autobiográfico, fato que provavelmente evidencia sua postura flexível e aberta a uma nova forma de compreender o conhecimento científico (BRAGANÇA, 2009). Em seus relatos, os fisioterapeutas docentes *Grande Dorsal*, *Escapulares* e *Masseter* referenciaram a satisfação pessoal em receber o vídeo, bem como profissional, ao mencionarem que essa estratégia os ajudou a refletir sobre os percursos científicos até então vivenciados:

[...] achei o vídeo bastante interessante porque a gente já vai entrando na química da pesquisa (*Grande Dorsal*).

[...] receber o vídeo foi algo muito legal, diferente de tudo que já visto na pesquisa, gostei muito [...] faz a gente pensar [...] gostei também de poder saber da sua trajetória (pesquisadora), especialmente porque participei do seu processo formativo (*Escapulares*).

[...] achei a ideia da gente receber esse vídeo muito boa, até mesmo para ampliar a forma de ver as coisas na pesquisa científica (*Masseter*).

Outra questão importante, esteve relacionada com a identificação dos sujeitos com a história narrada no vídeo autobiográfico, fato que possivelmente proporcionou um ambiente empático e favorável ao desencadeamento das narrativas, reafirmando a condição de que o indivíduo se reconhece a partir de suas próprias histórias e também na história do outro (BOLÍVAR, 2002). Como exemplificado, *Multífidus* e *Paravertebrais*, a partir da história narrada pela pesquisadora ao longo do vídeo, memoraram e reconheceram a importância do laço afetivo paterno, as influências sobre suas escolhas pessoais e implicações profissionais, referenciando mais uma vez a importância da socialização primária nas trajetórias de vida dos indivíduos:

[...] me identifiquei muito com o seu vídeo, quando você conta o porquê escolheu a fisioterapia, sua ligação com seu pai, é claro que de maneira diferente, mas sua história me faz lembrar a minha. Meu pai é diabético, amputou o membro e perdeu a visão, isso me levou a querer buscar essa área [...] assistir o vídeo me fez resgatar tudo isso e pensar que de certa forma me faz a profissional de hoje tanto na fisioterapia quanto na docência (*Multífidos*).

Eu me identifiquei com muita coisa no decorrer do vídeo [...] uma das coisas foi minha forte relação com o meu pai [...] ele é falecido, não era aventureiro como o seu, mas era um pai que estava sempre presente em minha vida [...] certamente isso me faz ser quem sou hoje (*Paravertebrais*).

A estratégia de visualização do vídeo autobiográfico apresentou uma condição inesperada no campo investigativo: um fisioterapeuta docente assistiu ao vídeo durante a entrevista biográfico-narrativa, na presença da pesquisadora. Tal fato oportunizou importantes percepções quanto aos sentimentos e emoções despertados pelo instrumento. Nesse momento *Risório* compartilhou, por meio do seu emocionado relato, que também relacionou a história da pesquisadora a sua própria história, apontou similaridades e reconheceu caminhos por ele trilhados na docência:

[...] mesmo se eu não lhe conhecesse ao ver o seu vídeo, saberia que você é uma professora [...] é um dom [...] eu te vejo professora [...] vejo que não foi o acaso, sua trajetória foi sendo construída [...] de forma crescente onde chegou [...] na trajetória dos professores que gostam daquilo que faz, é assim, têm uma lógica, uma sequência de acontecimentos e um porquê das coisas [...] assim foi na sua vida, assim foi na minha [...] penso em muita coisa [...] desculpe eu sou mesmo emotivo (*Risório*).

Assim, a experiência do vídeo autobiográfico durante o encontro presencial despertou importantes questionamentos: “será que disponibilizar o vídeo no momento da entrevista biográfico-narrativa, antes da questão desencadeadora, seria uma estratégia que viabilizaria mensurar e registrar a amplitude dos sentimentos e emoções que afetam os participantes? Tal experiência tornaria os participantes mais motivados a narrar suas histórias? Influenciaria a identificação de possíveis incidentes críticos?”.

A partir do compartilhamento das trajetórias pessoais e profissionais de *Masseter*, *Multífidos*, *Risório*, *Escapulares*, *Grande Dorsal*, *Tríceps Sural* e *Paravertebrais*, fisioterapeutas docentes que assistiram previamente ao vídeo autobiográfico, foi possível notar maior organização cronológica dos acontecimentos narrados, riqueza de detalhes durante as narrativas e profundo entrelaçamento entre vida pessoal e profissional. Entretanto, os fisioterapeutas docentes *Abdominais*, *Esplênio* e *Diafragma*, compartilharam não ter tido a experiência de assistir ao vídeo autobiográfico, devido a demandas e contratempos de suas atividades diárias:

Confesso que não assisti [...] eu sou bem franca [...] hoje de manhã, eu abri o celular e vi o vídeo, e aí falei assim: “ah, vou aproveitar e vou ver” [...] aí nisso que eu abri, chegou alguém e falou comigo, aí chegou outro, pronto me desviei, quando vi já estava na hora de sair, peguei minhas coisas e vim para a faculdade e esqueci. Na minha cabeça, eu ainda teria uma chance de assistir a noite, mas aí passou e eu não tive a oportunidade de assistir ao vídeo [...] não foi uma tentativa muito esforçada, mas eu tentei (*Abdominais*).

Não deu tempo de ver [...] não só pela correria, mas meu celular está com problema, ele tem pouco espaço de armazenamento [...] eu viajei agora para Alemanha e perdi meu celular no primeiro dia de viagem [...] então no segundo dia eu tive que comprar um celular [...] eu pensei “não vou gastar tanto dinheiro e comprei um muito vagabundo” [...] estou evitando baixar as coisas porque ele não cabe, aí me enrolei na tecnologia dele (*Esplênio*).

Eu não consegui assistir o vídeo [...] na verdade até comecei a ver, mas com a correria eu não dei continuidade [...] mesmo sem ter assistido achei a ideia bem legal (*Diafragma*).

As dificuldades encontradas pelos fisioterapeutas docentes para assistir ao vídeo possivelmente esteve relacionada aos desafios da contemporaneidade, já mencionados, que impõem aos indivíduos uma rotina acelerada, repleta de trabalho, tecnologias, afazeres e informações, o que compromete o espaço-tempo da elaboração, reflexão do vivido e, conseqüentemente, da experiência (BRAGANÇA, 2009; BAUMAN, 1998; LARROSA BONDÍA, 2002; RICOEUR, 1994).

Por fim, entendeu-se que a estratégia de utilização do vídeo autobiográfico constituiu um importante instrumento que promoveu ambiente favorável à construção colaborativa do saber biográfico. Os fisioterapeutas docentes, não somente foram observados, como também observaram amplamente as dimensões da pesquisa, a partir de troca mútua que estimulou o compartilhamento das narrativas e contribuiu para qualidade e profundidade dos relatos.

Dessa forma, a experiência de se realizar a técnica de autobiografia cinematográfica, explicada anteriormente ao longo do percurso metodológico, mostrou-se como uma possibilidade interessante para a construção dos dados na pesquisa biográfico-narrativa. Os participantes, a partir da visualização do vídeo autobiográfico da pesquisadora, sentiram-se estimulados a falar de suas próprias trajetórias profissionais, mostrando pontos importantes que marcaram seus percursos pessoais e profissionais como fisioterapeutas que se tornaram docentes.

4.2.5 Uso das imagens como estratégia para narrar

Décimo quinto Fragmento do Vivido - Imagens que despertam olhares

Confesso que, como pesquisadora, fui tomada por um sentimento de dúvida e receio, sobre como seria recebida a proposta das imagens por aqueles fisioterapeutas docentes mestres e doutores que lecionam disciplinas no curso de graduação em Fisioterapia, a partir de uma formação cartesiana, baseada no modelo positivista. A cada encontro, uma grata e feliz surpresa, ao perceber o quanto aqueles participantes dedicaram atenção àquela proposta. Em um primeiro momento, por meio de um olhar curioso, e logo as relacionaram com suas histórias. Tive a preciosa oportunidade de perceber o quanto as estratégias ativas potencializam a rememoração e abrem caminho para o tecer enredos. 7 de março de 2018.

A aceleração contemporânea e os prejuízos por ela causados na dimensão espaço-tempo dedicado à elaboração do vivido, por meio dos processos de rememoração, reflexão e significação dos acontecimentos, organização e construção de narrativas e, conseqüentemente, compartilhamento dos relatos, tornam-se cada vez mais evidentes nas pesquisas biográficas (BAUMAN, 1998; LARROSA BONDÍA, 2002; RECKWITZ, 2017; RICOEUR, 1994).

Diante dessa realidade, na qual os fisioterapeutas docentes possivelmente encontrariam dificuldades para construir formas discursivas autorais de suas experiências pessoais e profissionais, optou-se por fazer uso de 08 imagens, detalhadas ao longo do caminho metodológico da pesquisa, como estratégia de estímulo para construção, organização e compartilhamento das narrativas. Isso porque as imagens constituem um espaço que oportuniza o resgate, por meio da memória, de importantes acontecimentos, até então adormecidos, que passam a fluir livremente a partir de diversas temporalidades e sentimentos que viabilizam as experiências e a narração da própria história (DIÓGENES, 2004), como referenciado no relato de *Paravertebrais*:

[...] por meio dessas imagens, fui lembrando dos acontecimentos da minha vida [...] enquanto a gente conversava passava um filme na minha cabeça [...] olhar para as imagens foi juntar os fragmentos da minha própria história (*Paravertebrais*).

As imagens, portanto, constituíram pano de fundo da questão desencadeadora, por meio da celebração visual de um modo de ver e estar nas diferentes realidades que compuseram os fios da trajetória individual do fisioterapeuta docente, preciosos na tapeçaria coletiva do grupo.

Inicialmente, os fisioterapeutas docentes que compunham o grupo mostraram-se atentos e curiosos quanto à metodologia de utilização das imagens, e apontaram expectativas em

relação à condução da entrevista e sua possível relação com as imagens apresentadas. Já no decorrer da entrevista foi possível notar sua receptividade e envolvimento, visto que fizeram uso das imagens, mapas norteadores de suas narrativas. Essas situações estão exemplificadas nos relatos de *Masseter*, *Escapulares* e *Paravertebrais*:

[...] não sei do que se trata, mas já achei as figuras lindas, nós vamos fazer uso delas aqui na entrevista? (*Masseter*).

[...] nossa, que interessante quantas fotografias [...] vamos falar sobre elas? (*Escapulares*).

Eu tive o cuidado de ao sentar aqui para a gente conversar, olhar cada uma das imagens e fiquei pensando: “nossa tem tudo a ver com o que a gente passa ao longo de toda nossa trajetória”, pelo menos no meu ponto de vista [...] foi uma experiência muito legal (*Paravertebrais*).

Durante as entrevistas biográfico-narrativas, notou-se que alguns fisioterapeutas docentes utilizaram as figuras ao longo do compartilhamento de suas narrativas contextualizando suas histórias pessoais e profissionais, enquanto outros buscaram as imagens somente ao término, na perspectiva de, por meio delas, aprofundar e reafirmar seus relatos.

No entanto, a partir do tratamento e análise dos dados, identificou-se que a utilização das imagens, não somente contribuiu para a qualidade e profundidade da partilha das narrativas dos participantes, como também confirmou os incidentes críticos evidenciados nas unidades temáticas discutidas anteriormente e que constituíram as trajetórias profissionais dos fisioterapeutas que se tornaram docentes.

Nesse sentido, notou-se que a imagem 3 - diferentes recursos terapêuticos - esteve presente nos relatos de *Grande Dorsal*, *Tríceps Sural*, *Esplênio* e *Abdominais*, reafirmando a criticidade sobre o processo de escolha profissional e o ingresso no curso de nível superior em Fisioterapia, bem como as representações a respeito da profissão e as consequências nos caminhos por eles trilhados:

[...] essa imagem da Fisioterapia especificamente faz referência a minha profissão, embora não já não me vejo mais tanto como fisioterapeuta, foi sim minha escolha, mas hoje eu digo que sou professora, então atualmente alguns recursos fazem parte do meu dia a dia mas no sentido da docência e da pesquisa científica (*Grande Dorsal*).

[...] essa imagem apresenta os instrumentos técnicos da Fisioterapia, que de maneira geral representam a minha profissão [...] embora não me representem [...] porque eu acho um exagero tudo isso [...] se eu não tiver nenhum recurso o fisioterapeuta consegue atender com as mãos do mesmo jeito (*Tríceps Sural*).

[...] essa imagem aqui tem coisa que a gente olha e fala “deus me livre e me guarde” e tem coisas que você fala “graças à deus” que existem [...] algumas já estão no passado, embora infelizmente sejam ainda muito utilizadas. Outras fazem parte do nosso dia a dia [...] eu nunca deixei os atendimentos, isso é muito forte em mim [...] escolhi ser Fisioterapeuta em primeiro lugar (*Esplênio*).

[...] dentro de todas essas imagens, o que me chama mais a atenção que me faz pensar na Fisioterapia, propriamente dita, é a imagem dos equipamentos, talvez até mesmo por estar relacionada a minha profissão [...] sempre gostei muito de atender [...] me sinto realizada com a Fisioterapia (*Abdominais*).

Escolher a profissão não foi tarefa fácil para o grupo de fisioterapeutas, como discutido anteriormente. Olhar para a imagem que evidenciava os recursos terapêuticos utilizados no cotidiano da Fisioterapia provavelmente despertou neles lembranças desse tempo vivenciado, seus desafios, motivos das escolhas e influências que fizeram parte deste processo, visto que as questões organizacionais e culturais que permeiam a profissão são critérios de sua escolha (BOHOSLAVSKY, 1977; NEPOMUCENO; WITTER, 2010).

Já a imagem 1- os caminhos da vida - esteve fortemente marcada nas narrativas de *Grande Dorsal*, *Multífidis*, *Diafragma* e *Escapulares*, por meio das correlações que estabeleceram entre os caminhos expressos na imagem e as importantes escolhas pessoais que nortearam seus percursos profissionais, reafirmando o incidente crítico relacionado a sua escolha por ingressar na carreira docente:

[...] essa imagem é curiosa [...] toda hora eu olho, eu olho [...] é engraçado e intrigante ao mesmo tempo [...] me faz pensar nas escolhas que fiz na vida [...] eu tive dois caminhos, à docência e a Fisioterapia [...] escolhi a docência (*Grande Dorsal*).

[...] a imagem dessa da árvore com os dois caminhos, foi a primeira que você colocou e a primeira que me marcou porque foi o momento da minha vida em que eu tive que fazer escolhas [...] eu escolhi a docência, uma escolha feita com bastante certeza (*Multífidis*).

[...] o caminho a ser trilhado ao longo de nossas vidas me chama muita atenção, temos muitas escolhas e sem dúvidas essa imagem me faz lembrar de muita coisa minha vida como fisioterapeuta, as escolhas que fiz pela docência (*Diafragma*).

[...] essa imagem mexeu comigo, me fez lembrar das escolhas que tive que fazer, por exemplo escolher a área da docência, foi uma forte escolha e muito importante na minha vida [...] tive que pensar em várias questões neste momento (*Escapulares*).

Fazendo referência aos relatos acima cabe ressaltar que, assim como os fisioterapeutas, grande parte dos docentes que atuam no ensino superior são especialistas em áreas técnicas do conhecimento. Dessa forma, embora a escolha pela docência seja algo em comum em suas

trajetórias, o fazer profissional docente tem início na vida dos indivíduos por meio de diferentes expectativas, caminhos e histórias (PIVETTA; ISAIA, 2008).

Esse contexto é reafirmado pelas motivações e oportunidades do fazer profissional na docência durante a utilização da imagem 6 - fazer profissional docente - a qual foi relacionada ao espaço-tempo vivido no início das trajetórias docentes, vivenciado de maneiras diferentes entre os fisioterapeutas, pois *Grande Dorsal* compartilhou sua experiência no ensino de nível técnico enquanto *Multífidis* evidenciou o ensino de nível superior.

[...] essa imagem me lembrou muito o colégio técnico, eu fazia exatamente isso nas aulas de anatomia do colégio, sou grata à esse tempo que me abriu as portas para a docência no ensino superior, eu aprendi muito, foi realmente ali que tudo começou (*Grande Dorsal*).

[...] eu me identifiquei muito com essa imagem [...] porque é a forma como eu gosto de trabalhar [...] principalmente porque também me faz lembrar do início da docência [...] minha realização de estar em sala de aula como professora no curso de Fisioterapia (*Multífidis*).

As projeções de imagens mobilizam afetividades, memórias, e viabilizam narrativas em diferentes direções. Assim, é natural que a partir de uma mesma imagem ecoem diferentes interpretações e correlações fortemente atreladas a experiências individuais (DIÓGENES, 2004).

Outra questão identificada em relação às experiências individuais foi que o fazer profissional na docência mostrou-se como uma prática construída diariamente pelo grupo de fisioterapeutas, não somente na perspectiva temporal da carreira docente, mas principalmente mediante situações que estimularam reflexão, sentido e consciência do fazer profissional em meio acadêmico. As narrativas de *Tríceps Sural* e *Esplênio*, construídas com base na utilização da imagem 7 - livro aberto -, exemplificam tal questão:

[...] desde criança minha cabeça é assim como essas letras que saem do livro [...] também tenho a sensação de abrir um livro e descobrir o quanto que eu não sei e o quanto eu quero aprender [...] sempre fui muito curiosa [...] é muito interessante porque acho que essa imagem também mostra o meu amadurecimento como profissional, docente e pessoa (*Tríceps Sural*).

[...] essas palavras saindo do livro me faz pensar na minha trajetória, eu nunca parei de me atualizar, me atualizo constantemente por exemplo, duas vezes por ano eu faço uma varredura na literatura nacional, para ver o que tem de livro novo por aqui, mas isso durante há cinco e seis anos já não me basta mais, então uma vez por ano eu faço uma varredura na literatura mundial [...] isso é fundamental para um bom profissional na docência (*Esplênio*).

Dessa forma, o fazer profissional docente vai sendo constantemente construído, desconstruído e reconstruído, por meio de importantes experiências individuais e coletivas no cotidiano da docência no ensino superior, fruto das inter-relações existentes entre os conhecimentos específicos, pedagógicos e experienciais (PIVETTA; ISAIÁ, 2008).

As imagens não reativaram somente as lembranças dos acontecimentos que compuseram as trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas, pois também despertaram a existência de pessoas marcantes, provavelmente por terem constituído os incidentes críticos das trajetórias dos participantes. Desse modo, tornaram-se também críticas, no sentido da amplitude dos impactos por elas causados no desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo (KELCHTERMANS, 1995).

Nesse sentido, ao longo das narrativas de *Masseter*, *Tríceps Sural* e *Grande Dorsal*, fazendo referência à imagem 5 - relação docente-discente -, foi possível reafirmar a importância da criticidade da figura dos professores, em especial do professor orientador, que de maneiras diferentes influenciaram as trajetórias dos componentes do grupo:

[...] essa imagem me lembra muito o meu orientador senhorzinho [...] ele sentava e destrinchava a matéria como se fosse a coisa mais simples do mundo [...] era encantador [...] nessa relação também me lembro da minha professora [...] ela foi minha fonte de inspiração (*Masseter*).

[...] essa imagem me faz pensar na relação professor e seus alunos, é a partilha de conhecimento [...] eu lembro de quando eu conheci a frase da Cora Coralina: “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”, eu aprendi essa frase com o meu orientador, porque a Cora Coralina começou a escrever na época do climatério e ele é um professor que trabalha com climatério [...] influência desse meu orientador na minha formação pessoal e profissional foi muito intensa e importante (*Tríceps Sural*).

[...] essa imagem sou eu entrando na faculdade onde tudo começou, é um pouco de mim hoje também pensando na docência e pesquisa, é principalmente o meu orientador, meu querido orientador [...] minha ligação com ele é muito especial. E me reconheço aqui mais velha, porque eu falo que vou aposentar aqui faculdade (*Grande Dorsal*).

Entre os encontros, reencontros, escolhas e caminhos que compuseram a tessitura das histórias dos fisioterapeutas na docência, a utilização das imagens como estratégia metodológica para estimular as narrativas dos participantes foi uma experiência positiva, identificada pelos próprios participantes como algo que os ajudou a rememorar os fatos, bem como a narrar cada um deles de uma forma mais profunda.

Por fim, diante da utilização das imagens e construção das narrativas pelos fisioterapeutas docentes, foi possível reafirmar similaridades e singularidades, aproximações e interdependências, por meio dos incidentes críticos que marcaram de forma importante os percursos do grupo, dividido em duas dimensões: aqueles que conciliavam carreira fisioterapêutica e docente e os que se dedicavam exclusivamente à a carreira docente e à pesquisa científica. Essa divisão do grupo foi claramente exemplificada ao longo das narrativas de *Esplênio* e *Grande Dorsal*, por meio da utilização da imagem 2 - fazer profissional fisioterapêutico:

[...] essa imagem do atendimento, me chamou atenção pelo sorriso do paciente, isso para mim é o mais importante, é o melhor resultado [...] passo muito isso para os meus alunos aqui, durante a terapia percebam a expressão do paciente [...] quando ele consegue realizar alguma coisa, percebam a satisfação e o feedback emocional dele [...] isso é muito importante, então para mim não interessa o quanto ele está subindo o braço, o quanto de peso ele está carregando, o importante é o caminho percorrido [...] os atendimentos clínicos me proporcionam essa bagagem [...] sempre atendi mesmo depois da docência (*Esplênio*).

[...] essa imagem da Fisioterapia especificamente fazem referência a minha profissão de origem, mas hoje eu já não me vejo mais tanto como fisioterapeuta, eu sou professora, então alguns recursos e rotinas fazem parte do meu dia a dia sim, mas exclusivamente no sentido da docência e da pesquisa científica (*Grande Dorsal*).

As imagens que reproduziam as diversas realidades com as quais os fisioterapeutas poderiam se identificar, não somente constituíram uma estratégia frutífera para narrativas, como também foram interessantes para a confirmação dos incidentes críticos identificados na fase de interanálise e confirmados pelos participantes no momento da devolutiva do Biograma.

Portanto, espera-se, por meio do relato de experiência sobre a utilização de imagens como estímulo para a entrevista biográfica-narrativa, contribuir para que outros pesquisadores se sintam estimulados a utilizar essa metodologia para a construção de dados nas pesquisas biográficas em diferentes áreas do conhecimento.

4.2.6 O singular e coletivo na docência em Fisioterapia

Ao refletir sobre a diversidade de incidentes críticos precursores das unidades temáticas que discutidas anteriormente, tornou-se necessário evidenciar um espaço-tempo de compreensão da trajetória profissional do fisioterapeuta docente, fruto da construção do saber biográfico que, segundo Delory-Momberger (2016), é dialeticamente singular e coletivo, ao se

constituir por meio dos valores, crenças e vestígios únicos da existência humana que são construídos nas dimensões coletivas, dialógicas e sociais.

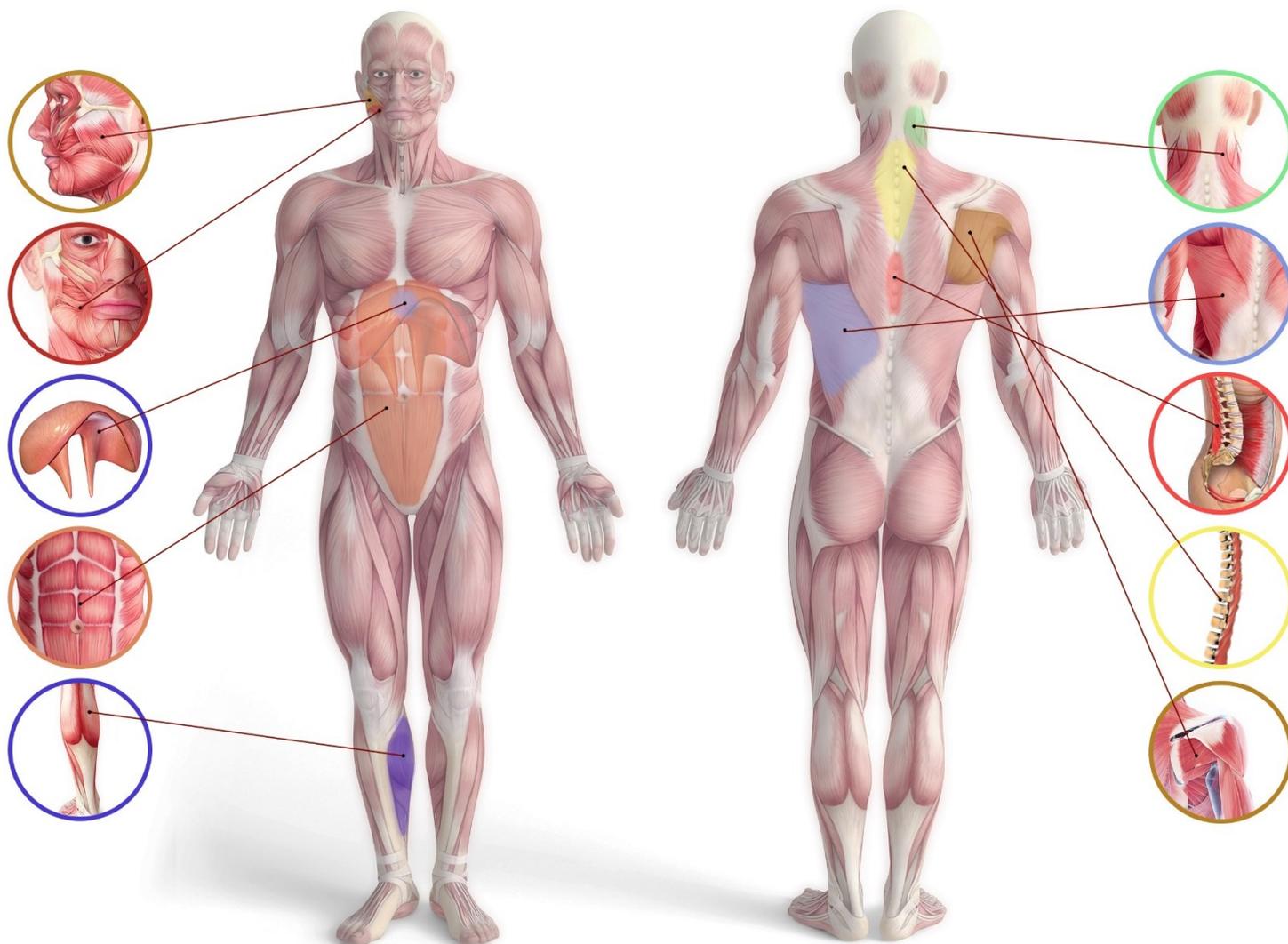
Portanto, embora o grupo estudado, tenha como similaridade corpórea a Fisioterapia e a docência, os caminhos percorridos pelos fisioterapeutas revelaram traços, contornos e cores singulares, que deram origem a fragmentos personalizados de suas existências, não somente como profissionais em seus avanços e regressos, mas também como pessoas em suas marcas afetivas, expectativas, medos, sonhos e realizações, que puderam ser confirmados na figura síntese (Figura 8). Os fragmentos singulares relacionados à escolha dos pseudônimos pelos próprios fisioterapeutas e os sentidos atribuídos por eles constituem o perfil coletivo do grupo.

E possibilitou evidenciar, a partir das observações em campo investigativo, um grupo especialmente forte, bem organizado, como pode ser percebido na figura síntese (Figura 8), diferentes músculos, direções de fibras e funções, que trouxeram dialeticamente elementos sutis e marcantes de papéis muito importantes no corpo humano. São papéis que se complementam, que viabilizam a capacidade vital do ser humano. Possivelmente apresentam-se na prática por meio da harmonia do fazer profissional de excelência dessa instituição. Vez que, em diferentes coletividades sejam elas: formativas, organizacionais e/ou familiares, para o funcionamento saudável e harmônico é preciso que as diferenças se complementem, no sentido de garantir as funções necessárias para atingirem os objetivos profissionais e pessoais ao longo da trajetória de vida.

Nesse sentido, sugere-se que novos estudos possam ser futuramente realizados na perspectiva de investigar a influência desse grupo de docentes na qualidade da formação discente no curso superior de Fisioterapia desta instituição. Seriam a satisfação e o sucesso profissional dos fisioterapeutas formados nessa instituição resultado dos processos formativos mediados especialmente por esse grupo?

A construção colaborativa do saber biográfico oportunizou, não somente delinear o perfil profissional do fisioterapeuta na docência, mas também a elaboração do vivido pelos participantes, que por meio dos movimentos de rememoração e reflexão atribuíram novos sentidos aos acontecimentos de suas trajetórias, reconheceram suas práticas e redimensionaram o fazer profissional.

²Figura 8 - Perfil coletivo do grupo de fisioterapeutas docentes



Fonte: Elaborada pela autora - 2018.

² Figura síntese - analogia do corpo humano e o corpo docente da pesquisa - músculos e fisioterapeutas docentes. Elaborada exclusivamente para a caracterização do singular e coletivo na pesquisa Trajetória Docente na Fisioterapia: Viver, Narrar e Formar, pelo designer gráfico RAFAEL FELIX, 2018.

5 CONCLUSÃO

A partir dos resultados apresentados pela pesquisa, conclui-se que nesse grupo o perfil sociodemográfico e de formação do fisioterapeuta docente no ensino superior foi caracterizado por participantes com idade média entre 33 e 45 anos, com vida pessoal estável, casados, em sua maioria e com filhos, distribuídos de forma igualitária em relação ao sexo. E altamente especializados, por meio da graduação concluída em instituições privadas localizadas na região Sudeste do Brasil, pós-graduação *lato sensu* em diversas áreas da Fisioterapia reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO e com pós-graduação *stricto sensu*, sendo todos mestres, e sete deles, também doutores.

Ao se tratar de uma área recente no campo das profissões em saúde, a partir de dados sociodemográficos e de formação, pode-se inferir que os fisioterapeutas docentes que constituíram o grupo fazem parte de uma comunidade de profissionais competentes e estabelecidos em meio acadêmico.

Os incidentes críticos que motivaram a escolha da profissão docente revelaram importantes acontecimentos e presença de pessoas críticas no processo de escolha profissional, ingresso no ensino superior em Fisioterapia, mestrado, doutorado sanduíche, docência e parentalidade, fatos que se mostraram marcantes ao longo das trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas.

Compreender os significados e influências desses incidentes nas trajetórias pessoais e profissionais dos fisioterapeutas possibilitou desvelar os diferentes motivos que nortearam suas escolhas pela docência, a partir de caminhos que se aproximaram em similaridades, ao mesmo tempo em que se distanciaram por acontecimentos únicos, frutos de experiências individuais.

Por fim, o vídeo autobiográfico de apresentação da pesquisadora mostrou-se como uma estratégia eficiente e importante para o incentivo do compartilhamento da narrativa do participante, podendo-se inferir que a produtividade das narrativas tiveram como pano de fundo o estabelecimento de um ambiente empático e de horizontalidade investigativa na pesquisa, o que possivelmente contribui para o desenvolvimento da pesquisa no campo biográfico-narrativo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Décimo Sexto Fragmento do Vivido - Repertórios que constituem nossas vidas

Assim como nossas coisas falam sobre nós e as músicas contam nossas histórias, acredito que esta dissertação também desvela minha história. Hoje, durante a releitura e aprofundamento das unidades temáticas discutidas, mergulhei novamente nas histórias compartilhadas pelos fisioterapeutas docentes, com um olhar mais maduro, mais crítico e questionador. Penso que talvez a experiência esteja se fazendo presente em minha trajetória formativa como pesquisadora. Neste momento me lembrei de uma música de que gosto muito e que por muito tempo me acompanhou, mas que estava adormecida. Emocionei-me e atribui a ela um novo sentido em minha trajetória, mesmo diante da mesma melodia: [...] Tem lugares que me lembram, minha vida, por onde andei. As histórias, os caminhos, o destino que eu mudei. Cenas do meu filme em branco e preto, que o vento levou e o tempo traz. Entre todos os amores e amigos, de você me lembro mais. Tem pessoas que a gente, não esquece nem se esquecer [...] Desenhos que a vida vai fazendo, desbotam alguns, uns ficam iguais, entre corações que tenho tatuados de você me lembro mais. De você, não esqueço jamais (RITA LEE - MINHA VIDA, 2001). Rememoro muitos momentos e pessoas importantes que constituíram minhas histórias pessoais e profissionais. Alguns se apresentaram como desenho desbotado enquanto outros ainda permaneciam intactos em minha memória, como se ao fechar dos olhos pudesse perceber as cores e nuances de cada traço. Assim, atribui novos sentidos a cada acontecimento e tive a oportunidade redimensionar meus caminhos pessoais e profissionais. 19 outubro de 2018.

Embora a Fisioterapia seja considerada uma das profissões mais recentes da área da saúde, nos últimos anos tem sofrido importante processo de expansão, juntamente aos redimensionamentos impostos nos contextos culturais, sociais, políticos, econômicos e morais da sociedade contemporânea. Esse fato, não somente ampliou a oferta de trabalho para os profissionais graduados em Fisioterapia que almejavam ingressar no ofício da docência, como também afetou amplamente as dimensões de se pensar e realizar as atividades docentes na atualidade.

Nesse sentido, considerou-se que compreender as particularidades da trajetória profissional do fisioterapeuta que atua como docente no curso superior em Fisioterapia, a partir da narrativa dos acontecimentos que compõem a sua própria história, seja o caminho, não somente para o delineamento do perfil docente, mas também para reconhecer e repensar suas práticas. Buscou-se, portanto, contribuir para reflexões sobre a formação de docentes no âmbito da saúde e sobre todos que atuam em nível superior em diferentes áreas do conhecimento.

Ao longo das narrativas foi possível identificar e compreender os incidentes críticos que estiveram presentes nas trajetórias do grupo e que marcaram de formas diferentes o processo de se fazer docentes dos fisioterapeutas. Nos fragmentos (auto)biográficos foi possível desvelar

aprendizagens e experiências relativas à presença de pessoas, à importância dos professores marcantes, à relação orientador-orientando, à influência dos estágios e da monitoria, aos desafios de ser docente iniciante e às importantes questões de gênero que envolvem a docência.

Os incidentes identificados mostraram que o processo de escolha profissional e ingresso no ensino superior em Fisioterapia definiu um importante momento na trajetória dos participantes que, entre 15 e 23 anos de idade, experienciaram uma das escolhas mais importantes de suas vidas, fortemente influenciados pelo grupo primário de socialização.

Do incidente relacionado ao ingresso à realização do mestrado, houve um caminho desafiador, marcado por importante desenvolvimento pessoal e profissional dos fisioterapeutas docentes que encontraram, no programa de pós-graduação *stricto sensu*, oportunidade, tanto de ampliar os conhecimentos científicos de caráter experimental, humano e social, quanto de alcançar um diferencial em uma área ainda nova em relação às outras profissões da saúde. Dessa forma, entendeu-se que a formação *stricto sensu* em nível de mestrado viabilizou o ingresso dos fisioterapeutas na docência, no curso recém-aberto na faculdade localizada no vale do Paraíba paulista (universo da pesquisa), proporcionando-lhes um fazer profissional docente de maior qualidade e competência.

Cabe considerar a compreensão de que, mesmo diante da predominância (70%), no universo de pesquisa, de fisioterapeutas docentes com doutorado, esse percurso formativo não constituiu um incidente crítico na trajetória dos participantes. A criticidade no processo de doutoramento foi apontada de forma singular somente em relação à enriquecedora experiência do doutorado sanduíche, no qual foi possível compreender a amplitude dos impactos proporcionados na vida do fisioterapeuta que experimentou diferentes formas de se viver e fazer ciência fora do país de origem.

Mesmo sem nenhuma formação específica destinada à área educacional, entendeu-se que o ingresso na docência, dos fisioterapeutas que compunham o grupo, ocorreu por meio de um novo processo de escolha em suas trajetórias pessoais e profissionais, realizado de forma consciente e intencional, quando os participantes ainda jovens, em média aos 26 anos, buscaram o fazer profissional docente almejando satisfação pessoal. Nesse sentido, cabe considerar que esse comportamento dos fisioterapeutas docentes reafirmou o caráter não definitivo do processo de escolha profissional, visto que, ao longo de suas experiências na vida contemporânea e fortes

influências dos grupos primários e secundários de socialização, os participantes refletiram, questionaram, reavaliaram e redimensionaram suas escolhas.

Dessa forma, sugere-se que novos estudos sobre trajetórias profissionais sejam realizados à luz dos processos de socialização e representação social.

Ainda em relação ao ingresso na docência, as narrativas evidenciaram que as motivações pelo fazer profissional docente ocorreram, tanto durante os processos formativos dos fisioterapeutas, marcadas fortemente pela inspiração provocada por docentes da graduação e experiências por meio da monitoria, quanto ao longo das trajetórias profissionais na Fisioterapia, que estiveram relacionadas à satisfação em ensinar as técnicas fisioterapêuticas, ao fator econômico e ao exercício da profissão.

Diante desse cenário, no qual desde os processos formativos na Fisioterapia os indivíduos já buscaram de forma consciente os caminhos da docência, pode-se considerar a contribuição desta pesquisa para o direcionamento da formação docente na área da Fisioterapia, no sentido de promover reflexões sobre a possível inclusão de disciplinas relacionadas ao ensino nas DCN para os Cursos de Graduação em Fisioterapia, na perspectiva de preparar os profissionais do ponto de vista didático pedagógico.

Quanto ao incidente relacionado à parentalidade, entendeu-se que os caminhos percorridos pelos participantes ao longo dos processos de maternidade e paternidade estiveram fortemente marcados por diferenças normativas sociais, ancoradas nas concepções de gênero, que consequentemente desvelaram a maternidade tardia e a sobrecarga das atividades femininas, com impactos diretos sobre a qualidade do fazer profissional e a satisfação pessoal das fisioterapeutas que constituíam o grupo.

Neste sentido, sugere-se que estudos futuros sejam realizados à luz das questões de gênero que perpassam a Fisioterapia enquanto profissão, explorando questões relacionadas aos possíveis impactos da maternidade tardia na trajetória profissional das fisioterapeutas docentes.

Por fim, considera-se ainda poder contribuir para que outros pesquisadores sintam-se estimulados a utilizar a metodologia da autobiografia cinematográfica por meio da construção, utilização e compartilhamento de vídeos autobiográficos como um fator desencadeador para a construção de dados para as pesquisas biográficas-narrativas em diferentes áreas do conhecimento.

Mediante o exposto, a relevância quanto à ampliação das reflexões sobre a formação e trajetória desses docentes torna-se evidente no campo investigativo, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento dos conhecimentos na área da Fisioterapia, nos âmbitos acadêmicos de formação do fisioterapeuta, nos processos de formação docente e nos avanços científicos que permeiam as especialidades fisioterapêuticas, que vão desde as terapias complementares, como a acupuntura, até as terapias de alta complexidade, como a terapia intensiva.

Décimo Sétimo Fragmento do Vivido - Um caminho de transformação

Diante das narrativas um precioso mundo imaginário se apresentou diante de mim, por meio de uma experiência única. A cada enredo eu lá estava me transportando para lugares, espaços, tempos, sons e imagens peculiares guiados pelas histórias contadas, tom de voz dos fisioterapeutas narradores, gestos, emoções e silêncios que compunham os valiosos fios da tessitura das (auto)biografias.

Meu encantamento pelo campo da pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, afetaram não somente a minha pesquisa mas também minha vida pessoal e profissional por meio de um movimento transformador. Hoje ao revisitar o Fragmentos do Vivido na perspectiva de rememorar os cominhos percorridos ao longo da pesquisa, me reencontrei com a Priscila Navarenho de dois anos atrás e pude perceber que já não sou mais a mesma pessoa, somos serem em evolução e, portanto, nossas experiências contam nossas histórias.

E quantas preciosas experiências neste espaço-tempo, não há como conter a emoção ao ler os escritos, rememoro cada inquietação, medo, desafio, alegria, admiração e realização. Sinto-me imensamente grata por esses registros que me transportam por meio da memória ao vivido e oportunizam refletir sobre o percurso metodológico da pesquisa, identificar momentos de superação, encontrar respostas e perceber o quanto amadureci como pessoa, profissional e pesquisadora.

Assim como o Livro da Vida de Inês Bragança (2009), o Fragmento do Vivido foi inicialmente construído como um registro a parte da dissertação, como um espaço-tempo de reflexões pessoais mas que aos poucos assumiu centralidade na tessitura da pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, no qual os preciosos fios de minha vida pessoal se imbricaram com importantes fios acadêmicos de maneira bastante especial, por esse motivo o considero lugar de afeto, partilha, emoção, construído por meio de um movimento dialógico e formador em uma perspectiva tão sonhada.

Os Fragmentos dos Fragmentos do Vivido perpassaram todos os caminhos de construção da pesquisa e se tornaram frutíferas contribuições para a dissertação: Trajetória Docente na Fisioterapia: Viver, Narrar e Formar.

Penso que assim como o Livro da Vida de Inês Bragança (2009), o Fragmento do Vivido também possa contribuir para que outros pesquisadores se sintam estimulados a utilizar essa estratégia como campo privilegiado de memória, formação e construção do conhecimento em pesquisas biográficas-narrativas em diferentes áreas do conhecimento. 9 janeiro de 2019.

REFERÊNCIAS

- ABEL, T. A. Natureza e uso de Biogramas. **American Journal of Sociology**. Chicago, v.52, n.2, p. 111-118, sep, 1947.
- ALMEIDA, A. L. J.; GUIMARÃES, R. B. O lugar social do fisioterapeuta brasileiro. **Fisioterapia Pesquisa**. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 82-88, 2009.
- ALMEIDA, F. H. *et al.* Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. **Psico-USF (Impresso)**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 75-85, 2011.
- ALMEIDA, L. R. “O incidente crítico na formação e pesquisa em educação”. In: **Educação & Linguagem**, São Paulo, v.12, n.19, p. 181-200, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/820/888>. Acesso em: 15/02/18.
- ALVES, J. S. S. **Gestores escolares: incidentes críticos nas trajetórias profissionais**. 2015. 231 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) - Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2015.
- ALVES, R. **Conversas sobre educação**. Campinas, SP: Verus Editora. 2003.
- ANASTASIOU, L. G. C. Construindo a docência no ensino superior: relação entre saberes pedagógicos e saberes científicos. **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 173-187, 2002.
- _____. Propostas Curriculares em Questão: Saberes Docentes e Trajetórias de Formação. **Reflexões e Práticas em Pedagogia Universitária**. Campinas, SP: Papirus, p. 43-62, 2007.
- ARAÚJO, L. F. S. *et al.* Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 15, n. 3, p. 53-61, 2013.
- AUSTRIA, V. C. **Processos constitutivos da docência superior: saberes e fazeres de professores de fisioterapia**. 2009. 160 p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria-RS, 2009.
- BADARÓ, A. F. V.; GUILHEM, D. Perfil sociodemográfico e profissional de fisioterapeutas e origem das suas concepções sobre ética. **Fisioterapia e Movimento**, Curitiba, v. 24, n. 3, p. 445-454, jul/set, 2011.
- BARRETO, A. A mulher no ensino superior distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 3-52, jul./dez. 2014.
- BARROS, F. B. M. Autonomia Profissional do Fisioterapeuta ao longo da história. **Revista FioBrasil**, Brasil, n. 59, p. 20-31, 2003.
- BARROS, F. B. M. Poliomielite, filantropia e fisioterapia: o nascimento da profissão de fisioterapeuta no Rio de Janeiro dos anos 1950. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 941-954, 2008.

BATISTA, N. A. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. **Trabalho, educação e saúde**. Manguinhos, v. 3, n. 2, p. 283-294, 2005.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEHRENS, M. A. **A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno**. Docência na universidade. Campinas: Papirus, p. 57-68, 1998.

BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, 2012.

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1999.

BERGER, P. L. LUCKMANN, T. A sociedade como realidade subjetiva. *In*: A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e políticas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN, 2010.

BISPO, J. J. P. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v.16, n.3, p.655-668, jul/set., 2009.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: A estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

BOLIVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru São Paulo: Edusc, 2002.

_____. “O esforço reflexivo de fazer da vida uma história”. *In*: **Revista Pedagógica**. Chapecó. v.11,n.43, p.12-15, 2007. Disponível em:
<<http://loja.grupoa.com.br/revistapatio/artigo/6678/o-esforco-reflexivo-de-fazer-da-vida-uma-historia.aspx>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

BOLZAN, D. P. V.; AUSTRIA, V. C.; LENZ, N. Pedagogia universitária: a aprendizagem docente como um desafio à professoralidade. **Acta Scientiarum. Education**. Maringá, v. 32, n. 1, p. 119-126, 2010.

BORGES, K. P. Políticas para o Ensino Superior e a Formação do Fisioterapeuta no Brasil. **Revista Saúde e Pesquisa**. Maringá, v. 7, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2014.

BOTÍA, B. A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1. 2002. Disponible: <<http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>>. Acesso em 10 de maio de 2017.

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores/as: Diálogos entre Brasil e Portugal**. p. 1-595. Tese [Doutorado] - Universidade de Évora, Portugal, 2009.

_____. Fragmentos autobiográficos. Memória e Formação Contínua de Professores. **Contexto e Educação** - Editora UNIJUÍ, v.16, n.63, p. 107-118, jul./set., 2001.

BRASIL. Decreto-Lei n. 938, de 13 de outubro de 1969. **Provê sobre as profissões de fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-938-13-outubro-1969-375357-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

_____, Decreto-Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 20/05/18.

_____. **Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior.** Resolução n. 4, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, 4 març. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES042002.pdf>>. Acesso em 17 de abril de 2017.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa.** São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CAMPANÁRIO, M. A.; SANTOS, T. C. S. Escopo de projeto para indexação de revistas científicas. **Revista Eccos.** São Paulo, v. 13, n. 25, p. 251-272, jan./jun. 2011.

CASTANHO, M. E. Professores de ensino superior da área da saúde e sua prática pedagógica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação,** v. 6, p. 51-61, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/05.pdf>>. Acesso em 02 de junho de 2018.

CAVALCANTE, D. S., *et al.* Adequação dos currículos dos cursos de Contabilidade das universidades federais brasileiras ao currículo mundial de contabilidade e o desempenho no Enade. **Pensar Contábil,** v. 13, n. 50, p. 42-52, 2011.

CENSO DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Demográfico 2015** - micro dados da amostra, 2017. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

_____. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 21 de abril de 2017.

CHESANI, F. H. A produção acadêmica em fisioterapia: um estudo de teses a partir dos pressupostos epistemológicos de Fleck. **Saúde e Sociedade.** São Paulo, v. 22, p. 949-961, 2013.

CLANDININ, J. D.; CONNELLY, M. F. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J. Et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación.** Barcelona: Laertes. p. 11-59. 1995.

CLIFFORD, G. J. The autobiography of Sidney Leavitt Pressey: a comentary. In: **Year book of the national society for the study of education,** 17th. Leaders in American education. Chicago: The University of Chicago Press, p. 266-276. 1971.

COHEN, L. In: BRAGANÇA, I. F. S., NAKAYAMA, B. C. M. S., TINTI, S. D. Narrativas, formação e trabalho docente. Curitiba, Editora: CRV, 2018, 284 p. v.7

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **RESOLUÇÃO N. 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.** Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 5 mai. 2017.

Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) Resolução nº; 10. **Código de Ética Profissional da Fisioterapia e Terapia Ocupacional.** Brasília: Diário Oficial da União; 1978. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2346>. Acesso em 20 de junho de 2018.

_____. **Especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.** Disponível em: <http://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2350>. Acesso em 15 de abril de 2017.

_____. **LEI N. 6.316 – DE 17 DE DEZEMBRO DE 1975.** Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e dá outras providências. Brasília, 17 de dezembro de 1975; 154º da Independência e 87º da República. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3318>>. Acesso em: 10 jun.2017.

_____. **DECRETO LEI N. 938, DE 13 DE OUTUBRO DE 1969.** Provê sobre as profissões de fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, e dá outras providências. Brasília, 13 de outubro de 1969; 148º da Independência e 81º da República. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3317>>. Acesso em: 10 jun.2017.

_____. **Fisioterapia, Especialidades reconhecidas pelo COFFITO.** Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2350> Acesso em: 18 jun.2017.

CORBUCCI, P. R. Financiamento e democratização do acesso à educação superior no Brasil: da deserção do estado ao projeto de reforma. **Educação e Sociedade.** Campinas, v. 25, n. 88, p. 677-701, out., 2004.

CORRAL, L. **Quantos Músculos existem no corpo humano?** Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bbr/48/quantos-musculos-existem-no-corpo-humano>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

COSTA, J. A. Formação Profissional do Fisioterapeuta e os Desafios da Docência. **Revista Movimenta.** Goiânia, ISSN: 1984-4298, v.3, n.4, p. 195-202, 2010.

COSTA, D. Dez anos de pós-graduação Stricto sensu em fisioterapia no Brasil: o que mudou? **Revista Brasileira de Fisioterapia.** São Carlos, v. 11, n. 1, p. 5-6, 2007.

COURY, H. J. C. G.; VILELLA, I. Perfil do pesquisador fisioterapeuta brasileiro. **Revista Brasileira de Fisioterapia,** v. 13, n. 4, p. 356-63. 2009.

CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: VEIGA, C. G.; LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. (Org.) **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000. p. 151-204.

CUNHA, M. I. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a Docência e sua Formação. **Revista Educação PUCRS,** Porto Alegre, RS, v. 27, n. 54, p. 525-536, 2004.

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. (Coaut. de). **Anatomia humana sistêmica e segmentar**. 3. ed. rev. São Paulo, SP: Atheneu, 2011, 757 p.

DANTAS, R. A.; *et.al.* Doutorado-sanduiche em enfermagem: relato de experiência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 425-29, abr/jun, 2009.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DIANA, J. B.; OLIVEIRA, S. S. A. **Caracterização da escolha profissional docente no contexto educacional vigente**. In: 6 Seminário do trabalho da UNESP, 2008, Marília. Anais. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2008. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabaho/julianabordinhaodianaesilmaraoliveira.pdf>. Acesso: 02 de agosto de 2018.

DIAS JR, C. S.; VERONA, A. P. Maternidade e trabalho: algumas reflexões sobre mulheres em ocupações de nível superior. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 4, n. 7, p. 111-134, 2016.

DIÓGENES, G. M. S. Imagens e narrativas: registros afetivos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 471-493, 2004.

DOS SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

DUARTE, E. L.; ZORDAN, E. P. Nascimento do primeiro filho: transição para a parentalidade e satisfação conjugal. **Perspectiva**, v. 40, n. 152, p. 65-76, 2016.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUTRA, P. O. **As representações sociais sobre o que é ser professor para o enfermeiro docente no ensino superior**. 2014. 117 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2014.

FABBRO, M. **Mulher e Trabalho**: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade. Tese (Doutorado). 2006. p. 363. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP: Campinas. 2006.

FEG; UNESP. **3º Encontro de Engenharia Semiológica**. 2015. disponível em: http://www2.feg.unesp.br/Home/2015_0_17-semiologica-iii.pdf. acesso em: 27/05/18

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Revista Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FLANAGAN, J. La technique de l’incident critique. **Revue de Psychologie Appliquée**, v. 4, n. 2, p. 165-185, abr. 1954.

FRANCO, F. C. “Os incidentes críticos na trajetória de professores de Arte”. In: **Olhar de Professor**, v. 16, n. 2, p. 313–328, 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/viewFile/5431/4419>. Acesso em: 18/02/18.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40 ed. São Paulo: Paz e terra, 2009.

GATTI, B. A. “Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder”. In: **Revista Brasileira de Educação**. n.18, p.108 - 116. 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501810>. Acesso em: 17/05/18.

GAVA, M. V. Fisioterapia: História, Reflexões e Perspectivas. Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

_____. **A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 2 mai, 2017.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas: Alínea, 2001.

GRILO, A. C. A. **Trajetoira docente na engenharia biomédica, incidentes críticos e motivações na escolha profissional**. 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2016.

HELOANI, J.R.; CAPITÃO, C.G. Saúde mental e psicologia do trabalho. **São Paulo em perspectiva**, v. 17, n. 2, p. 102-108, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed, p. 31-61. Porto: Porto Editora, 1995.

HUTZ, C. S., BARDAGIR, M. P. Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. **Psico-USF (Impr.)**, Campinas, vol.11, n.1, p. 65-73 2006

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010** - Primeiros Dados Divulgados. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php. Acesso em 21 de abril de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Relatório síntese**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 21 jan. 2018.

IÓRI, ANA Cristina Fortes. Profissão docente: continuidades e regularidades na história desse ofício. Texto final da disciplina História da Profissão Docente, do curso de Doutorado em Educação da PUB-Rio. Revista educação Online, nº18, jan-mai 2015, p. 45-57.

ISAIA, S. M de A. **Ciclos de vida profissional de professores do ensino superior**: um estudo sobre as trajetórias docentes. Projeto de pesquisa interinstitucional e integrado, CNPq/PPGE/CE/UFSM, 2004 – 2007, 2003.

ISAIA, S. M. de A.; BOLZAN, D. P. V. Compreendendo os Movimentos Construtivos da Docência Superior: Construções sobre Pedagogia Universitária. **Linhas Críticas**, v.14, n. 26, p. 43-58, 2008.

_____. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? **Revista Educação**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 121-133, 2004.

KELCHTERMANS, G. A utilização de biografias na formação de professores. In: **Aprender**, v. 18, p. 5-20, 1995. Disponível em: <<http://legado.esep.pt/aprender/index.php/revistas/96-revista-aprender-n-18>>. Acesso em: 15 de junho de 2017.

KENDALL, F. P.; MCCREARY, E. K.; PROVANCE, P. G. **Músculos**: provas e funções. São Paulo: Manole, 5. ed. 2007.

KULCZYCKI, M. M; PINTO N. B. Fisioterapeuta-professor: práticas pedagógicas e saberes docentes. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.3, n.5, p. 75-85, jan./abril, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARROSA BONDIA, J. L. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” In: **Revista Brasileira de Educação**. n.19, p.20-28. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 15/02/18.

LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. SPE, p. 99-109, 2006.

LENZ, N. **A constituição da docência no ensino superior em Letras**: de professor da educação básica a docente universitário. 2010. 170 p. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: Moran, José Manuel (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas-SP, Papirus, 2000.

MARQUES, A. P.; SANCHES E. S. Origem e evolução da Fisioterapia: aspectos históricos e legais. **Revista Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v.1, n.1, p. 5-10, jul./dez., 1994.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MATTOS, BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO. **Tipos de revisão de literatura**. Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, Botucatu/SP, 09 p., 2015.

Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>>. Acesso em: 21 ago.2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrative: método de pesquisa pra incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, out/dez. 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Pesquisa Social: **Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. et al. Métodos, Técnicas e relações em triangulação. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 71-103.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde: 1991-2004**. *In*: Haddad AE, editor. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2006.

MORAIS, E. G. **Docência Universitária**: o professor fisioterapeuta no curso de Fisioterapia. 2008. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MORAIS, J. F. S. Memoriais de formação como dispositivos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa (auto)biográfica. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B., CUNHA, J. L., BÔAS, L. V. **Pesquisa (auto)biográfica Diálogos espistêmico-metodológicos**. Curitiba: Editora CRV, 2018, 280 p. v.1

NEPOMUCENO, R. F.; WITTER, G. P. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 15-22, 2010.

NOGUEIRA, C. A. **O pai e o profissional no mundo contemporâneo**: benefícios e conflitos da paternidade na carreira. 2017. p. 123. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

_____. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA: **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote/IEE, 1997.

NUNES, J. B. C. Monitoria acadêmica: espaço de formação. *In*: **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidades e trajetórias. Natal: EDUFRRN, 2007.

OJEDA, B. S. *et al.* Nursing, nutrition and physiotherapy students: career choice. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, p. 396-402, 2009.

OLIVEIRA, A. A. **Trajетórias profissionais de professoras em escolas multisseriadas**. 2016. 163 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2016.

OLIVEIRA, A. L. L. **Saberes profissionais docentes no curso de Fisioterapia**. Programa de Pós-Graduação em Educação [Dissertação] – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2007.

OLIVEIRA, M. M. *et al.* Conciliando a carreira docente e família: um estudo comparativo entre professoras de instituição de ensino superior pública e privada. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 26, n. 1, p. 69-102, 2015.

OLIVEIRA, R. C. M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 70-87, 2014.

OLIVEIRA, V. R. C. **A História dos Currículos de Fisioterapia**: a construção de uma identidade profissional. p. 329 Mestrado em Educação [Dissertação] - Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2002.

PASSEGGI, M. D. C. B. S. “A experiência em formação”. In: **Revista Educação**, v. 34, n. 2, p. 147–156, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso em 6 de setembro de 2017.

PASOLINI, P. P. **Os jovens infelizes**. Antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PIMENTA, A. L.; COSME, A. C; SOUZA, M. L. Fisioterapia no Brasil: aspectos sócio-históricos da sua identidade. **Fisioterapia Brasil**, v. 14, n. 3, p. 231-236, 2013.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L. das G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PIMENTEL, V.; MOTA, D. D. C. F.; KIMURA, M. Reflexões sobre o preparo para a docência na pós graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v. 41, n.1, p. 161-164, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdef/reeusp/v41n1a21.pdf>>. Acesso: 7 de setembro de 2018.

PINTO, N. B. Saberes docentes e processos formativos. In: **Revista Diálogo Educacional** - v. 2, n. 3, p. 43-57, jan./jun. 2001.

PIVETTA, H. M. F. **Concepções de formação e docência dos professores do curso de Fisioterapia do Centro Universitário Franciscano**. 134p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

PIVETTA, H. M. F.; ISAIA, S. M. A. Aprender a ser professor: o desenrolar de um ofício. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p.250-257, 2008.

QUEDNAU, F. S. **O conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna**. 2007. p. 57. Monografia para obtenção do grau de psicólogo. Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2007.

REBELATTO, J. R.; BOTOMÉ, S. P. **Fisioterapia no Brasil**: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais. São Paulo: Manole, 1999.

_____. **Fisioterapia no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2004.

RECKWITZ, A. Die Gesellschaft der Singularitäten. Zum Strukturwandel der Moderne. Berlin: Suhrkamp, 2017. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B., CUNHA, J. L., BÔAS, L. V. **Pesquisa (auto)biográfica**. Diálogos epistêmicos-metodológicos. Curitiba, Editora: CRV, 2018, p. 208.

RESENDE, V. R. A paternidade e o resgate da experiência humana do homem [Resumo]. Em UNESP (Org.), **Anais, III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários**. Bauru: UNESP, p. 46 1997

RICOEUR, P. **Leituras 3 - Nas Fronteiras da Filosofia**. Trad. Nicolas N. Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Tempo e Narrativa I**. Campinas: Papirus, 1994.

ROZENDO, C. A. *et al.* Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde. **Revista latino-americana de enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 15-23, abr, 1999.

SAAD, M. O fisiatra trata do quê? **Acta Fisiátrica**. São Paulo, v.2, n.2, p. 82-83, 2001.

SÁ, M. A. A. S. **Trajetórias Docentes Avanços, Recuos e Desvios na Vida Profissional de Professores Engenheiros**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

SÁ, M. A. A. S.; ALMEIDA, L. R. Devolutiva de Entrevistas: o biograma na pesquisa em educação. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 19, p. 185-192, 2º sem. 2004.

_____. Envelhecimento Profissional nas Trajetórias de Professores Engenheiros. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 40, p. 59-76, 1º sem. 2015.

SALVETTI, M. G. *et al.* Doutorado Sanduíche: considerações para uma experiência de sucesso no exterior. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 1, p. 201-204, 2013.

SANCHES, E. L. Histórico da Fisioterapia no Brasil e no Mundo. **Revista Atualização Brasileira de Fisioterapia**. São Paulo: Panamed, v.6, p. 29-34, 1984.

SANTOS, M. M.; LINS, N. M. (Org.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Natal: EDUFRRN, 2007.

SANTOS, H. B.; PEDRINI, J. C. B. F. Docentes fisioterapeutas do UNIARAXÁ: formação pedagógica e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. **Evidência**, Araxá, v. 12, n. 12, p. 79-95, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

SGARBI, A. K. G. *et al.* Enfermeiro docente no ensino técnico em enfermagem. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 4, n. 1, p. 254-273, 2018.

SHIWA, S. R.; SCHMITT, A. C. B.; JOÃO, S. M. A. O fisioterapeuta do estado de São Paulo. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 301-10, 2016.

SILVA, C. S.; CARNEIRO, M. Adaptação à parentalidade: o nascimento do primeiro filho. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, n. 3, p. 17-26, 2014.

SILVA, R. V. Maternidade e Mercado de Trabalho – avanços possíveis. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, fevereiro/2016 (**Boletim Legislativo no 42, de 2016**). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acesso em 15 de agosto de 2018.

SIMONI, D. E. *et.al.* A formação educacional em fisioterapia no Brasil: fragmentos históricos e perspectivas atuais. **História da Enfermagem: Revista Eletrônica**, v.6, n.1, p. 10-20, 2015.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional**. São Paulo: Summus. 2002.

_____. **O jovem e a escolha profissional**, 177p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1985.

SOARES-LUCHIARI, D. H. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 81-92, 1996.

SOUZA, D. M. R. **Envelhecimento nas trajetórias dos professores da educação profissional**: incidentes críticos, expectativas e projetos no período pré- aposentadoria. 2016. 128 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2016.

SOUZA, M. T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrative: o que é e como fazer. **Einstein**, v.8, n. 1, p. 102-106. 2010.

SOUZA NETO, Samuel; BENITES, Larissa Cerignoni; SILVA, Melissa Fernandes gomes da. Da escola de ofício a profissão educação física: a constituição do habitus profissional de professor. **Motriz**, Rio Claro, v. 16 n.4, p. 1033-1044, out/dez 2010.

SOUZA, E. C. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. P. 85-101.

SOUZA, R. O.; NERY, V. S. C. Formação para docência no ensino superior: estudos sobre os saberes docentes e os programas de monitoria. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 10, n. 14, p. 75-94, 2017.

SZYMANSKI, H. (org.); ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, C. R. **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: a prática reflexiva. 4. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

TARDIF, M. “Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério”. In: **Revista Brasileira da Educação**, vol. 13, n. 5, p. 5-24. 2000. Disponível em: http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/jurema/materiais/RBDE13_05_MAUURICE_TARDIF.pdf. Acesso em: 07 de maio de 2018.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**. v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.

TERLOUW, J.A.T. The origin of the term 'physiotherapy'. **Physiotherapy Research International**, vol. 11, Issue 1, pages 56–57, March 2006

VANALLI, A. C. G. **Conciliação entre profissão, conjugalidade e paternidade para homens e mulheres com filhos na primeira infância**. 2012. p. 171. Tese para obtenção de título Doutorado em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

VENERE, M. R. Programa Universidade Solidária: uma experiência da universidade federal de Rondônia Federal de Rondônia–Unir, em Unir, em Matões-Maranhão. **Presença Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, v. 07, n. 27, 2003.

VIANA, R. T., *et al.* O estágio extracurricular na formação profissional: a opinião dos estudantes de fisioterapia. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 339-344, 2012.

WAGNER, F.; LIMA, I. A. X.; TURNES, B. L. Monitoria universitária: a experiência da disciplina de exercícios terapêuticos do Curso de Fisioterapia. **Cadernos Acadêmicos**, v. 4, n. 1, p. 104-116, 2012. Disponível em:
<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/download/980/1014>. Acessado em: 7 de setembro de 2018.

WOODS, Peter. Critical events in teaching and learning. London: **The Falmer Press**, 1993.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seus cenários e seus protagonistas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Prezado (a) Professor (a): _____;

Sou Priscila Santos da Silva Navarenho, formada bacharel em Fisioterapia no ano de 2009 pela Faculdade de Pindamonhangaba - FAPI/FUNVIC. Atuo, desde minha formação até os dias de hoje, como docente nos cursos de saúde e bem-estar, por meio da educação profissional no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, no qual tive a oportunidade de desvelar novos caminhos que escolhi trilhar, por meio da escolha de um ofício distante da realidade de minha formação acadêmica, que foi voltada especificamente para o fazer profissional fisioterapêutico.

Estou realizando este estudo, que será minha dissertação do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté – UNITAU, para compreender como ocorrem os processos de desenvolvimento e formação do indivíduo, na linha de pesquisa Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação, que tem como objetivo compreender as trajetórias profissionais do fisioterapeuta docente do ensino superior.

Sua narrativa é muito importante, para que seja possível sua trajetória profissional, os significados e as influências que o conduziram à docência.

Para obter essas informações é preciso conversar, e eu gostaria de saber se o Sr. (a) disporia de um tempo para isso, sem prejudicar seu trabalho ou seu descanso. Tenho autorização da presidência da instituição para nos reunirmos e gostaria que sua participação fosse voluntária, não havendo problema, caso não queira participar. Como considero muito importante tudo o que for dito na nossa conversa, gostaria de gravá-la, com sua permissão, mas já adianto que somente minha orientadora, Dra. Maria Angela Boccara de Paula, e eu teremos acesso ao conteúdo. No relato da pesquisa usarei nomes fictícios, mantendo e garantindo o anonimato dos participantes, e apenas trechos de nossa conversa. Além disso, se assim desejar o Sr. (a) terá total acesso às gravações e transcrições, podendo excluir das mesmas alguns trechos. As gravações e as transcrições serão guardadas por cinco anos; após esse período as mídias digitais serão apagadas e as transcrições serão destruídas.

Sinta-se à vontade para trazer ao nosso encontro qualquer dúvida sobre o estudo.

**APÊNDICE B - FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE
FORMAÇÃO ACADÊMICA DO FISIOTERAPEUTA DOCENTE**

SEXO:

IDADE:

ESTADO CIVIL:

Nº DE FILHOS:

FORMAÇÕES ACADÊMICAS

Ano de início: / Ano de conclusão: / Instituição:

Ano de início: / Ano de conclusão: / Instituição:

Ano de início: / Ano de conclusão: / Instituição:

Ano de início: / Ano de conclusão: / Instituição:

TEMPO TOTAL NA DOCÊNCIA:

APÊNDICE C - ENTREVISTA BIOGRÁFICA-NARRATIVA

Data: ____/____/____ Horário: Início:_____ Término:_____

Local: _____

Número da entrevista: _____

QUESTÃO DESENCADEADORA

A escolha profissional é uma importante decisão na vida de uma pessoa, ao nortear os caminhos que irão constituir a sua própria história de vida. Conte-me como aconteceu a sua história na docência.

OUTRAS QUESTÕES DE ATENÇÃO DA PESQUISADORA

Utilizadas caso o entrevistado não aborde em sua narrativa aspectos relacionados às seguintes temáticas:

- I. Quais acontecimentos (pessoas, momentos, fatos pessoais, organizacionais e sociais) motivaram a sua escolha pela carreira docente?
- II. De que forma esses acontecimentos marcaram a sua trajetória profissional?

APÊNDICE D - RELATO DE EXPERIÊNCIA

RELATO DA EXPERIÊNCIA: VÍDEO AUTOBIOGRÁFICO

A partir da experiência de ter assistido previamente o vídeo autobiográfico da pesquisadora, conte-me quais foram as suas impressões.

RELATO DA EXPERIÊNCIA: IMAGENS USADAS COMO ESTÍMULO PARA A ENTREVISTA BIOGRÁFICA-NARRATIVA

As imagens utilizadas pela pesquisadora para estimular a conversa foram pensadas cuidadosamente no sentido de refletir de forma abrangente as diversas realidades nas quais os fisioterapeutas docentes pudessem se identificar e reconhecer situações presentes em suas histórias. Conte-me quais foram as suas impressões a respeito da utilização desse material durante a entrevista.

ANEXO I - OFÍCIO PARA AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



Universidade de Taubaté
 Autarquia Municipal de Regime Especial
 Reconhecida pelo Dec. Fed. nº 19.124/78
 Reconhecida pela Portaria CDB/OP nº 24/75
 CNPJ 45.170.153/0001-23

PPPG – Provedoria de Pesquisa e Pós-graduação
 Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro Taubaté-SP 12020-040
 Tel: (12) 3428-4217 Fax: (12) 3632-2547
 prog@unitau.br

Ofício nº PPGEDH – 051-A/2017

Taubaté, 30 de maio de 2017.

Prezado (a) Senhor (a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa pela aluna **PRISCILA SANTOS DA SILVA NAVARENHO**, do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado **“Trajetória Docente na Fisioterapia”**. O estudo será realizado sob a orientação da Profa. Dra. **Maria Angela Boccardi de Paula**.

Para tal, será realizada coleta de dados para a autorização para a realização das entrevistas, com os docentes do curso de fisioterapia dessa instituição. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Ressaltamos que o projeto da pesquisa passará por análise e aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade de Taubaté.

Certo de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.020-040, telefone (12) 3625-4100, ou com Priscila Santos da Silva Navarenho, telefone (12) 99741-8564, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchido.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon
 Coordenadora do Programa de Pós-graduação em
 Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais

RECEBI EM 27/07/17
 Sandra L. G. P. Galina
 NÚCLEO DE PESQUISA

ANEXO II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Pindamonhangaba, _____ de _____ de 2017.

De acordo com as informações do Ofício (ANEXO I) sobre a natureza da pesquisa intitulada “**Trajetória Docente na Fisioterapia**”, com o propósito de trabalho a ser executado pela aluna Priscila Santos da Silva Navarenho, do curso de Mestrado em Desenvolvimento Humano Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté, após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa a Instituição que represento autoriza a realização da pesquisa com os fisioterapeutas docentes do curso de graduação em Fisioterapia, bem como o empréstimo de um local apropriado, caso necessário, para realização da pesquisa, certa de que será garantido o anonimato da Instituição e dos participantes.

Atenciosamente;

Direção da Faculdade

ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador (a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: “Trajetória Docente na Fisioterapia”

Pesquisadora Responsável: Priscila Santos da Silva Navarenho

Telefone para contato: (012) 3153 - 4657/ (012) 9.9741 - 8564 OBS aceito “INCLUSIVE LIGAÇÕES À COBRAR”

E-MAIL: priscila.ssilva@sp.senac.br

Orientadora Responsável: Profa. Dra. Maria Angela Boccara de Paula

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa do problema, com base no método de pesquisa biográfico-narrativo, cujo objetivo é compreender as trajetórias profissionais do fisioterapeuta docente do ensino superior. A coleta de dados da pesquisa fará uso de dois tipos de instrumentos, com o intuito de atender aos objetivos propostos, a saber: formulário sociodemográfico e de formação acadêmica do fisioterapeuta docente, para obter as seguintes informações: sexo, idade, estado civil, número de filhos, formações acadêmicas e tempo total na docência, por meio da consulta do Currículo Lattes; e, entrevista reflexiva em profundidade, tendo como base a questão desencadeadora: *A escolha profissional é uma importante decisão na vida de uma pessoa, ao nortear os caminhos que irão constituir a sua própria história de vida.* Conte-me como aconteceu a sua história na docência. A entrevista será realizada em dois momentos: o primeiro deles destinado à exploração da história profissional, por meio da narrativa do entrevistado; e o segundo buscando esclarecer de forma personalizada as lacunas do primeiro encontro mediante revisão e confirmação das narrativas e apontamento dos incidentes críticos (momentos marcantes) pelo próprio sujeito entrevistado. As entrevistas serão gravadas em áudio, posteriormente transcritas na íntegra e, após cinco anos, destruídas e apagadas da mídia digital.

As informações coletadas no decorrer da pesquisa não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde a pesquisa será realizada. Serão analisadas, transcritas pelo pesquisador e utilizadas para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas, Sociais da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos. Durante todo o processo de pesquisa não será divulgada a identificação de nenhum entrevistado. O pesquisado terá o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que eles poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevista reflexiva em profundidade. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam garantidos os direitos de anonimato, de abandonar a qualquer momento a pesquisa, de deixar de responder a qualquer pergunta que ache por bem assim proceder, bem como solicitar que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes informações e conhecimentos acerca da trajetória profissional do fisioterapeuta, os significados e as influências que o conduziram à docência, contribuindo para o aprimoramento da ação docente no ensino da fisioterapia.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa. Para isso, a qualquer momento do estudo terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa, para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma A 2017 do Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (SP), Pesquisadora Santos da Silva Navarenho, residente no seguinte endereço: Rua: Santa Rita de Cássia, 345 Bairro: da Cruz - Lorena-SP CEP: 12.606-470, podendo também ser contatado pelo telefone (012) 9.9741-8564. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Maria Angela Boccara de Paula, que

pode ser contatada pelo telefone (012) 9.9164-8112. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes. Os dados serão coletados nas dependências da Instituição onde os participantes que comporão a amostra atuam, em horário condizente com duas disponibilidades. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO:

_____, ____ de _____ de 2017.

Eu _____, portador (a) do documento de identidade _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “**Trajetória Docente na Fisioterapia**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas junto ao pesquisador. Fui esclarecido (a) quanto a liberdade de aceitação ou não da participação da pesquisa, respondendo o formulário e a entrevista, e que será mantido o sigilo. Fui informado (a) também de que existe autorização da Direção da Instituição para realização da pesquisa, sem prejuízo algum a minha pessoa; de que os dados coletados não serão utilizados para outros fins que o não previsto neste estudo; que poderei me retirar deste estudo a qualquer momento, sem prejuízo; e de que a não participação na pesquisa também não me acarretará qualquer problema.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Priscila Santos da Silva Navarenho

Pesquisadora Responsável

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos os procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

**ANEXO IV - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO SUJEITO**

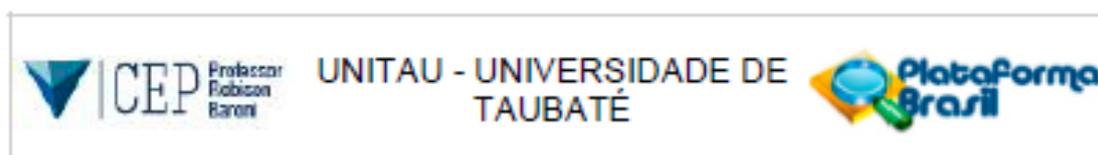
_____, _____ de _____ de 2017.

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, abaixo-assinado, concordo em participar do estudo **“Trajetória Docente na Fisioterapia”**, como sujeito. Informo que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a), pela pesquisadora Priscila Santos da Silva Navarenho, sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. E ainda, foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que venha a sofrer qualquer penalidade.

Atenciosamente;

Assinatura

ANEXO V - PARECER DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRAJETÓRIA DOCENTE NA FISIOTERAPIA

Pesquisador: PRISCILA SANTOS DA SILVA NAVARENHO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75475517.4.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.344.996

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa que usará a entrevista reflexiva sobre aspectos da trajetória profissional de 10 fisioterapeutas que são docentes em uma faculdade de fisioterapia no Vale do Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as trajetórias profissionais do fisioterapeuta docente do ensino superior.

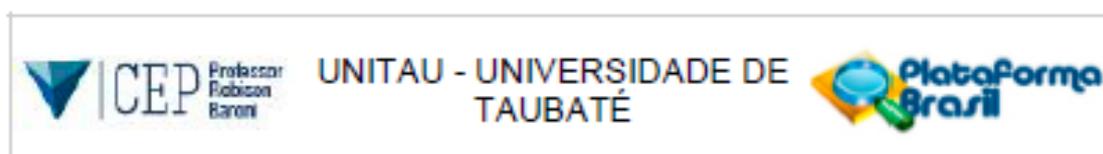
Objetivo Secundário:

Conhecer o perfil sócio demográfico e de formação do fisioterapeuta docente no ensino superior; identificar os incidentes críticos que motivaram a escolha da profissão docente; compreender os significados e influências desses incidentes na trajetória profissional que motivaram a escolha da docência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1) O possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de entrevista reflexiva em profundidade. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder, bem como solicitar para que os dados por

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATÉ
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.344.908

ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados.

2) O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes informações e conhecimentos acerca da trajetória profissional do fisioterapeuta, os significados e as influências que o conduziram à docência, contribuindo para o seu aprimoramento da ação docente no ensino da fisioterapia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é qualitativa e usará um pré-teste com informações socio-demográfica, uma análise documental do CV Lattes e uma entrevista reflexiva sobre aspectos da trajetória profissional a partir de uma questão desencadeadora. A amostra será composta por 10 fisioterapeutas que são docentes em uma faculdade de fisioterapia no Vale do Paraíba.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE apresenta esclarecimento completo e pormenorizado sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos.

Recomendações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluo que os aspectos éticos da pesquisa estão garantidos.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 20/10/2017, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_959569.pdf	10/10/2017 18:24:39		Acelto
Outros	RESPOSTA.pdf	10/10/2017 18:21:33	PRISCILA SANTOS DA SILVA NAVARENHO	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA.doc	10/10/2017 18:18:39	PRISCILA SANTOS DA SILVA NAVARENHO	Acelto

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
 Bairro: Centro CEP: 12.020-040
 UF: SP Município: TAUBATÉ
 Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cepunitau@unitau.br